

IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves

2018

# RELATÓRIO

# Pesquisa sobre População em situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN

RELATÓRIO

# Pesquisa sobre População em situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória

Vitória I 2018

Instituto Jones dos Santos Neves
Pesquisa sobre população em situação de rua da Região Metropolitana da Grande Vitória - Relatório. Vitória, ES, 2018.

87p.; il. tab.

1.Desigualdade Social. 2.Pobreza. 3.Vulnerabilidade.
4.Políticas Públicas. 5.Região Metropolitana. 6.Grande Vitória-ES.
I.Pereira, Sandra Mara. II.Toleto, Weliton. III.Gonçalves, Thalita Mathias.
IV.Título.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto Jones dos Santos Neves ou da Secretaria de Estado de Economia e Planejamento do Governo do Estado do Espírito Santo.

**GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**
Paulo Cesar Hartung Gomes

**VICE-GOVERNADOR**
César Roberto Colnago

**SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP**
Regis Mattos Teixeira

**SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS – SEDH**
Andrezza Rosalém Vieira *(Respondendo)*

*Gerência de Políticas de Promoção da Igualdade Racial*
Neiriele Marques da Silva

**SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL – SECTI**
Vanderson Alonso Leite

**FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E INOVAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO – FAPES**
Jose Antonio Bof Buffon

**INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN**
*Diretora Presidente*
Gabriela Macedo Lacerda

*Diretoria de Estudos e Pesquisas*
Ana Carolina Giuberti

*Diretoria Administrativa e Financeira*
Andréa Figueiredo Nascimento

**AGRADECIMENTO INSTITUCIONAL**

Júlio César Pompeu

**COORDENAÇÃO GERAL**

*Coordenação de Estudos Sociais – CES*
Sandra Mara Pereira

**ELABORAÇÃO**

Sandra Mara Pereira
Weliton Toledo
Thalita Matias Gonçalves

**REVISÃO**

Ana Carolina Giuberti

**FOTOS**

Leonardo Rangel Nascimento Miranda

**ELABORAÇÃO DE MAPAS (1 e 2)**

*Coordenação de Geoprocessamento – CGEO*
Pablo Medeiros Jabor

**EDITORAÇÃO**

Arthur Ceruti Quintanilha
João Vitor André

**BIBLIOTECÁRIA**

Andreza Ferreira Tovar

# SUMÁRIO

**1. APRESENTAÇÃO** ..... 05

**2. INTRODUÇÃO** ..... 09

**3. REFERENCIAL TEÓRICO** ..... 12

**4. METODOLOGIA** ..... 16

**5. RESULTADOS** ..... 26

**5.1. As entrevistas** ..... 27

**5.2. Perfil da população em situação de rua na RMGV** ..... 32

**5.3. Educação** ..... 37

**5.4. Trabalho** ..... 41

**5.5. Trajetória** ..... 46

**5.6. Cotidiano** ..... 51

**5.7. Saúde** ..... 65

**6. CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 77

**7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** ..... 83

**8. APÊNDICE** ..... 85





# 1 APRESENTAÇÃO

Este relatório evidencia os resultados da pesquisa sobre pessoas em situação de rua na Região Metropolitana da Grande Vitória – RMGV. Questões como *"Qual o perfil desses sujeitos?", "Quais os motivos que os levaram a esta situação?", "Quais as principais dificuldades enfrentadas no cotidiano?" e "Quais as principais atividades que desenvolvem em seu dia-a-dia?"*, entre outras, fizeram parte dessa pesquisa que teve como foco central gerar informações e dados estatísticos importantes sobre a população em situação de rua, com vistas a subsidiar a formulação de políticas públicas específicas para este segmento.

Essa pesquisa é resultado de uma demanda da Secretaria de Direitos Humanos (SEDH), que culminou numa parceria mais ampla firmada entre esta Secretaria, o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES)[1], a partir da qual foi possível realizar **duas pesquisas inéditas** no estado do Espírito Santo, cujo objetivo central foi conhecer o perfil, as demandas e as principais vulnerabilidades das pessoas em situação de rua e das pessoas trans (homens transe-xuais, mulheres transexuais e travestis) na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV).

Trata-se de **um projeto** com **dois focos** de interesse, com públicos bem distintos, o que exigiu estratégias metodológicas distintas. Embora as trajetórias iniciais da construção do desenho das duas pesquisas tragam bastante similitudes, esta apresentação concentrar-se-á nos aspectos relativos à pesquisa com as pessoas em situação de rua.

Espera-se que as informações e estatísticas geradas sejam importantes para os gestores públicos, os sujeitos pesquisados e a sociedade civil de modo mais amplo; e que possam de fato subsidiar a formulação de políticas públicas especificas (planos, projetos e ações direcionadas) para este segmento vulnerável da população do estado.

Um desafio importante foi assumido, não apenas pelo ineditismo da proposta - no âmbito do IJSN, do Governo do Estado e do próprio Espírito Santo -, mas também pela própria característica do grupo a ser pesquisado. Por se constituírem como vítimas de rejeição social em alto grau, o que se expressa algumas vezes como agressão ativa ou, ainda com maior frequência, numa recusa da sociedade a lhes prestar solidariedade ou apoio, essas pessoas facilmente agredidas e raramente defendidas, se veem, em extrema vulnerabilidade, ao que muitas reagem desenvolvendo uma "cultura de resistência" específica, com linguagens e hábitos próprios. Ou seja, tratava-se de um grupo, a princípio, pouco acessível, pela própria trajetória vivenciada.

O fator decisivo para aceitar o desafio proposto foi a afirmação de que esta era também uma demanda dos movimentos sociais, face a escassez reiterada de informações no Brasil e no Espírito Santo sobre pessoas em situação de rua. Não ter estatísticas confiáveis e informações consolidadas, sem dúvida, já é parte do processo de exclusão a que este grupo está submetido.

[1] Em 09 de setembro de 2016, por meio do OF/N°349/GAB/SEDH/2016, a Secretaria de Direitos Humanos manifestou oficialmente para a FAPES interesse no estabelecimento da parceria para a realização de pesquisa sobre pessoas em situação de rua e pessoas trans. Este foi o ato inicial da formalização da parceria, que se efetivaria com a formulação de um projeto por parte do IJSN, a análise do mesmo pela FAPES e a assinatura do termo de outorga que ocorreria cerca de dois meses e meio depois, em 24 de novembro de 2016.

Ao revelarem-se a partir de lógicas diferentes dos padrões estabelecidos socialmente, as pessoas em situação de rua incomodam o *status quo*, e passam a sofrer reiteradas tentativas de invisibilização. Se por um lado, estar em situação de rua é uma condição, na maioria das vezes, expressa na própria aparência individual, não permitindo ou reduzindo a margem para a elaboração de estratégias dissimulativas frente ao conjunto da sociedade, ampliando a margem para a construção social de estigmas diversos face a não aceitação social da alteridade; por outro, a exclusão social gera um mecanismo perverso de negação dessas existências concretas, exatamente pela incapacidade da sociedade elaborar estas "situações" ou "expressões" fora do que se estabelece como "padrão".

Nesse sentido, a conjugação do interesse governamental (capitaneado pela SEDH) à compreensão dos movimentos sociais de que esta pesquisa tinha uma relevância estratégica na construção das políticas públicas voltadas para a população em situação de rua (demanda social), foi fator decisivo para que o IJSN compreendesse a importância histórica do papel que lhe estava sendo demandado – de coordenação da referida pesquisa.

Outro elemento importante foi a sinalização, desde o início, por parte da SEDH, de que seria possível contar com a colaboração efetiva de representantes dos movimentos sociais na execução da pesquisa. Tinha-se como pressuposto que o processo deveria ser colaborativo e dialogado, tendo a participação dos movimentos sociais como algo fundamental, a ser viabilizada por meio da articulação realizada pela SEDH.

Além de reuniões com alguns atores chaves que se predispuseram a colaborar desde o início, de apresentações/reuniões interinstitucionais, foi criado um grupo de discussão (GD), voltado para a discussão sobre aspectos relativos à pesquisa sobre pessoas em situação de rua (GD Pop Rua), com a participação de representantes de movimentos sociais, técnicos dos serviços municipais da RMGV que atendem ao público da pesquisa, pesquisadores vinculados a instituições de ensino superior, técnicos da SEDH e pesquisadores do IJSN.

As discussões do GD foram extremamente ricas, subsidiando a compreensão das especificidades vivenciadas pelo grupo e a formulação do instrumento de coleta de dados. Todas as questões formuladas no questionário construído foram discutidas e avaliadas, no sentido de atenderem não apenas a dimensão técnica, mas de buscarem captar aspectos importantes para o segmento pesquisado. O desafio era não deixar de registrar nada que fosse considerado fundamental. Buscou-se captar aspectos que dizem respeito à educação, trabalho, saúde, trajetória de vida, entre outras dimensões.

Obviamente, pelo caráter "quantitativo"[2] da pesquisa aqui apresentada, não foi possível aprofundar, como seria desejável, cada uma das dimensões abordadas, nem registrar com detalhes as centenas de histórias que cruzaram a investigação proposta, por meio da disponibilidade de responder aos questionários. A vida de cada um dos participantes da pesquisa

[2] Embora esta pesquisa incorpore dimensões qualitativas nos métodos utilizados, configurando-se os métodos utilizados como quali-quantitativos, o foco era a produção de informações agregadas e passíveis de quantificação, a observação de regularidades no grupo estudado.

certamente tem elementos para a construção de vários livros. A equipe de campo (entrevistadores e articuladores de campo, em especial) teve contato com diversas narrativas profundas, com subjetividades diversas e complexas, que dificilmente pode-riam ser captadas no âmbito da pesquisa proposta. Ademais, sabe-se que nenhuma pesquisa tem a possibilidade de descortinar toda a complexidade que a realidade encerra e em nenhum momento esta pretensão fez parte da pesquisa realizada.

Entretanto, certamente dimensões relevantes foram alcançadas e serão aqui compartilhadas. Mesmo numa perspectiva de análise agregada, possibilitou-se o registro da voz e das histórias de diversos sujeitos, que sempre foram silenciados de diversas formas. Espera-se que outras pesquisas possam ser empreendidas complementando as informações que não foram alcançadas pelos limites próprios das estratégias metodológicas adotadas. A intenção foi contribuir com a compreensão desse universo complexo e marcado por diversas vulnerabilidades[3].

É fundamental deixar aqui o profundo agradecimento a Rosangela Candido Nascimento Roseno, Bruno Donato dos Santos, e Daniellen Nascimento Gomes, que atuaram como articuladores de campo na pesquisa pop rua, atores fundamentais para que esta pesquisa se concretizasse. Estendemos o agradecimento com a mesma intensidade ao Movimento Nacional de Pessoas em Situação de Rua - MNPR, que se fez presente em todo o processo de construção do questionário nas discussões do GD Pop Rua. De um modo mais amplo e não menos importante, registra-se também o agradecimento a todos os integrantes do GD, cada um foi fundamental para a realização dessa pesquisa.[4]

O resultado que é apresentado neste relatório é fruto de intenso trabalho de estudo, de articulação e de diálogo. Espera-se que a pesquisa apresentada possa de fato ser útil para gestores públicos, para os movimentos sociais organizados e para todos que desejam se aproximar e compreender um pouco mais sobre as pessoas em situação de rua, parte integrante da população da RMGV.

Tem-se aqui concretizado um passo importante que pode viabilizar a discussão e a construção de importantes políticas públicas voltadas para as pessoas em situação de rua. Os diálogos continuam. Boa leitura!

*Coordenação da Pesquisa*

[3] Vale ressaltar, que o universo estudado encerra em si outros universos, como por exemplo as pessoas trans/que se encontram em situação de rua. Tem uma especificidade aí que difere de qualquer outra condição vivenciada por outras pessoas em situação de rua. Portanto, falar de pessoas em situação de rua é uma aproximação teórica que não dá conta de toda a diversidade presente sob este rótulo. Generalizações são úteis, mas não devem subsumir completamente as especificidades, sob o risco de empobrecimento e reducionismo da realidade observada. Tentar-se-á manter isto em mente ao longo das análises feitas.

[4] Os nomes dos participantes da pesquisa estão listados no Apêndice A.

# 2 INTRODUÇÃO



**A pesquisa buscou identificar o perfil, as vulnerabilidades, as dificuldades e as potencialidades das pessoas em situação de rua.**

Este relatório apresenta os procedimentos e os resultados da pesquisa realizada com a população em situação de rua na Região Metropolitana da Grande Vitória, cujo objetivo central foi gerar informações e dados estatísticos para subsidiar a formulação de políticas públicas específicas para este segmento. Nesse sentido, buscou-se identificar as vulnerabilidades, as dificuldades e as potencialidades associadas aos sujeitos participantes deste estudo, além de identificar o perfil dos mesmos.

Historicamente, vários termos e nomenclaturas foram utilizados, muitas vezes de forma pejorativa, para designar os sujeitos dessa pesquisa, tais como: mendigos, pedintes, marginalizados, sofredores de rua, moradores de rua, desafortunados, vagabundos, entre outros. Na contemporaneidade, porém, é comum, entre estudiosos, a utilização do termo População em "Situação de Rua" para remeter-se ao grupo social. O termo apresenta limites, mas avança principalmente no sentido de reconhecer o caráter processual vivenciado por estas pessoas (Giorgetti apud PEREIRA, 2008, p. 30).

Considera-se população em situação de rua as pessoas que, por contingência temporária, ou de forma permanente, pernoitam nos logradouros da cidade ou em albergues/abrigos públicos sem vínculo com algum local privado de moradia, de acordo com o conceito instituído pela Política Nacional para a População em Situação de Rua no decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009.

Diante da inexistência de dados precisos sobre as pessoas em situação de rua no estado do Espírito Santo, este estudo, de caráter amostral, estimou o universo a ser pesquisado tendo como referência a aproximação com as pesquisas já realizadas em âmbito nacional sobre a temática, conforme será explicitado na seção seguinte que descreve a metodologia utilizada.

A realização de estudos é fundamental para contribuir com o diagnóstico dos problemas, avaliar e acompanhar as ações, projetos e programas, bem como para propor alternativas que buscam a garantia de direitos sociais e humanos para este segmento da sociedade. Tal pesquisa é ainda mais importante no contexto do estado do Espírito Santo, uma vez que os estudos sobre a temática discutida são ainda escassos aqui. Por isso é importante estudar esse cenário e contribuir para sistematizar conhecimentos que possam servir para futuras pesquisas e políticas públicas.

Este estudo, conforme já mencionado, assume como sujeitos da pesquisa as pessoas em situação de rua da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) e realizou um total de 385 entrevistas. O instrumento de pesquisa utilizado no estudo, para obter as informações necessárias, foi o questionário, com questões abertas e fechadas.

Este texto está estruturado em quatro partes, além desta introdução. Na segunda seção, é feita uma breve discussão teórica com os principais conceitos que norteiam a pesquisa. Na seção seguinte é descrita a metodologia utilizada. Por fim, são apresentados os resultados do material coletado, algumas análises exploratórias de cruzamentos de dados e as considerações finais do relatório.

A seção do relatório que busca apontar os resultados do material coletado está organizada em sete subseções. As duas primeiras subseções trazem informações sobre as entrevistas e sobre o perfil da população participante da pesquisa. Sendo assim, as questões dizem respeito ao local de realização das entrevistas, turno e número de entrevistas realizadas, à cidade onde os entrevistados nasceram, sexo, cor/raça, identidade de gênero e documentos que eles possuem.

A terceira subseção visa apresentar os resultados referentes à escolaridade dos sujeitos. Portanto, as perguntas visam captar se o entrevistado sabe ler/escrever, se ele já frequentou escola ou estabeleci-

mento de ensino, o nível de escolaridade, os conhecimentos adquiridos em espaços não escolares e as principais dificuldades encontradas para iniciar ou continuar os estudos.

Em seguida, busca-se trazer informações referentes à vida profissional e as perspectivas de trabalho dos entrevistados. Em linhas gerais, as questões são: profissão dos entrevistados, se já trabalharam de carteira assinada, o que fizeram para ganhar dinheiro nos últimos quinze (15) dias, qual o valor da renda originada do trabalho, as dificuldades para conseguir emprego formal, benefícios recebidos para auxiliar no sustento.

A quinta subseção do bloco objetiva apresentar aspectos da trajetória da população participante da pesquisa. Nesse sentido, as perguntas são: quanto tempo o entrevistado usa as ruas, albergues ou abrigos para dormir; se já esteve em situação de rua outras vezes e em quais cidades; os principais motivos que os levaram a ficar nas ruas/abrigos ou albergues e os serviços (IASES, Delegacias, prisões ou penitenciárias, antigos asilos/orfanatos e/ou abrigos) frequentados pelos entrevistados.

O bloco seis (6) apresenta questões referentes ao cotidiano dos entrevistados. Em linhas gerais, as perguntas informam: a cidade onde o sujeito dormiu nos últimos quinze (15) dias, o porquê de dormirem nas ruas e não em abrigos/albergues; se frequentam Centro Pop ou Centro Dia; as mudanças que consideram importantes ocorrerem para melhorar os serviços de assistência social; como conseguem os alimentos, locais onde fazem suas necessidades fisiológicas, violências sofridas nas ruas; relação com familiares.

A última subseção visa apresentar os dados relacionados à saúde dos entrevistados. De forma resumida, essa parte do texto apresenta as seguintes questões: se o entrevistado possui problemas de saúde ou deficiência, como é recebido nos serviços de saúde, se possui filhos, se fez algum exame de saúde no último ano, onde realizou o exame, o que faz para se prevenir de ISTs, se faz uso de substâncias psicoativas, dentre outras. Algumas perguntas dessa subseção são direcionadas apenas para as mulheres que participaram da pesquisa, que são: você se previne de alguma forma contra a gravidez; como realiza a prevenção, se faz acompanhamento pré-natal (caso esteja grávida).

A última seção deste relatório apresenta as considerações finais com o intuito de destacar os principais resultados e análises dos dados coletados na pesquisa.

# 3 REFERENCIAL TEÓRICO



**Estar em situação de rua é uma questão social que se configura entre os maiores desafios ao poder público e à sociedade em relação à garantia da efetivação dos direitos sociais básicos, tais como: alimentação, moradia, educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de emprego e renda, respeito às diferenças, entre outros.**

A falta de dados e informações sobre a população em situação de rua é um elemento que contrasta com o lugar destes sujeitos nas cidades e a relação que historicamente o Estado tem estabelecido com estas vidas (KUNZ, 2012). O fenômeno atualmente conhecido como População em "Situação de Rua" não é algo recente, vários estudiosos (SILVA, 2006; PEREIRA, 2008; KUNZ, 2012; CUNHA, 2015; ROBAINA, 2015; TIENGO, 2016), vem acompanhando e pesquisando este grupo social e suas mudanças no decorrer da história. Entretanto, esses estu-

diosos compreendem que é na contemporaneidade que esse fenômeno se configura entre os maiores desafios ao poder público e à sociedade em relação à garantia da efetivação dos direitos sociais básicos, tais como: alimentação, moradia, educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de emprego e renda, respeito as diferenças, entre outros.

O termo "População em Situação de Rua" é algo recente em relação ao surgimento do fenômeno, sua utilização nesta pesquisa é feita com base no reconhecimento de ações, embates e conquistas, estudos acadêmicos e produções literárias mais recentes, decretos e leis que versam sobre este grupo social, que proporcionaram avanços históricos, pois, com o passar do tempo, esse fenômeno veio recebendo diversas nomenclaturas/denominações tais como: mendigos, pedintes, marginalizados, sofredores de rua, moradores de rua, desafortunados, vagabundos, entre outros (PEREIRA 2008; KUNZ, 2012; ROBAINA, 2015; TIENGO, 2016). Segundo Tiengo (2016, p.14):

> Até a década de 1980, o termo mendigo era o mais adotado pelos pesquisadores, a exemplo podemos citar as pesquisas de Stoffels (1977) e Di Flora (1987). Os termos mais usados na literatura atual são "população de rua" e "população em situação de rua", todavia, ambos possuem suas fragilidades.

Apesar das fragilidades, o termo "população em situação de rua" remete ao caráter processual vivenciado por essas pessoas, ao passo que ajuda a "[...] delimitar as trajetórias (idas e vindas) e enfraquecer a ideia predominante (e pejorativa) de que se trata de pessoas de rua, que não tem outras características senão o fato de pertencer às ruas da cidade" (Giorgetti *apud* PEREIRA, 2008, p. 30).

As definições encontradas na literatura, inclusive em decretos e leis que versam sobre esse fenômeno, apontam que as pessoas em situação de rua são aquelas que, por contingência temporária, ou de forma permanente, pernoitam nos logradouros da cidade. Também estão inclusas pessoas que pernoitam em albergues públicos ou de entidades filantrópicas, sem vínculo com algum local privado de moradia, conforme define o parágrafo único do Artigo 1° do Decreto N° 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua:

> Considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009, p. 1).

Com base nas definições da Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua pode-se afirmar que:

> Estas pessoas relacionam-se com a rua, segundo parâmetros temporais e identitários diferenciados, vis-a-vis os vínculos familiares, comunitários ou institucionais presentes e ausentes. Em comum possuem a característica de estabelecer no espaço público da rua seu palco de relações privadas, o que as caracteriza como "população em situação de rua" (BRASIL, 2008, p. 3).

Nessa linha de raciocínio, não se pode perder de vista a heterogeneidade deste fenômeno, incluindo nesse cenário, além das pessoas que permanecem em situação de rua, aquelas cujas fontes de sobrevivência referem-se à própria rua. Como é o caso dos catadores de material reciclável, lavadores e guardadores de carro (flanelinhas), bem como os que vivem da mendicância e trabalhadores informais que, na maioria das vezes, habitam em áreas periféricas longe dos centros urbanos e eventualmente dormem nas ruas por conta da dificuldade de deslocamento e dos gastos que o mesmo pode gerar (ARAÚJO, 2000; BURSTZYN, 2000; CONDEIXA, 1995; PEREIRA, 2008; SANTOS, 2009; KUNZ, 2012; ROBAINA, 2015).

Por outro lado, embora o conceito atualmente utilizado procure dar destaque à dimensão processual e, potencialmente, transitória, do "estar em situação de rua", é preciso ressaltar que não há pesquisas que comprovem estratégias exatas para superar a "situação de rua" - devido a multiplicidade de sujeitos e fatores que podem levar a esta situação - impossibilitando afirmar a partir dos estudos já realizados uma tendência de superação desta realidade entre esse grupo social. Conforme relata Pereira (2008, p. 31) "[..] não há estudos que comprovem a reversibilidade desta situação, melhor dizendo, não há como medir as chances reais de uma pessoa sair da rua."

Embora a definição das pessoas em situação de rua traga um vínculo estreito com dimensões "estruturais", especialmente socioeconômicas (extrema pobreza), ela não se reduz somente a essa. De acordo com Silva (2006), dentre esta multiplicidade de determinações e singularidades que compõe o fenômeno, estão fatores motivadores que podem ser:

> [...] estruturais (como a inexistência de moradia, de trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais de forte impacto social etc.), fatores biográficos, ligados a história de vida de cada indivíduo (rompimento dos vínculos familiares, doenças mentais, consumo frequente de álcool e outras drogas, infortúnios pessoais – morte de todos os componentes da família, roubo de todos os bens, fuga do país de origem, etc.) e, ainda em fatos da natureza ou desastre de massas – terremotos, inundação, etc. Os fatores mais enfatizados pela literatura contemporânea são as rupturas dos vínculos familiares e comunitários, a inexistência de trabalho regular e a ausência ou insuficiência de renda, além do uso frequente de álcool e outras drogas e os problemas atinentes às situações de desabrigo (SILVA, 2006, p. 82).

Porém, esses dados não podem ser tomados de forma individual como sendo determinantes para identificar o que leva as pessoas à "situação de rua". Assim, apesar da população em situação de rua ser um fenômeno que apresente características gerais e seja expressão da questão social, a análise dos grupos sociais em situação de rua em um território específico pode revelar particularidades vinculadas a este território, assim como dinâmicas especificas que precisam ser conhecidas, para que este conhecimento possa auxiliar a implementação de políticas públicas (SILVA, 2006).

> [...] o fenômeno da população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor mo-

> ral atribuído pela sociedade. É um fenômeno que tem características gerais, porém, possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No Brasil, essas particularidades são bem definidas. Há uma tendência à naturalização do fenômeno, que no país se faz acompanhada da quase inexistência de dados e informações cientificas sobre o mesmo e da inexistência de políticas públicas para enfrenta-lo (SILVA, 2006, p. 95).

Esta precariedade de informações e dados faz emergir uma concepção de indivíduos sem "eira nem beira", tendo em vista a relação que estabelecem com o Estado e o lugar que ocupam nas cidades (KUNZ apud CUNHA, 2015, p. 50). Outra questão importante ao se debater este fenômeno na realidade brasileira, segundo o autor supracitado, é que o país comporta "[...] grandes dimensões geográficas, abrigando em seu território diversas singularidades, múltiplas características culturais, econômicas" (2015, p. 54), além da questão étnico-racial. Nesse sentido, "[...] isto faz com que a população em geral - que inclui, portanto, a de rua - de diferentes regiões, estados e localidades, possam apresentar realidades diversas e questões que requerem soluções adaptadas para tal" (CUNHA, 2015, p. 54).

Nesse contexto, cabe ressaltar que embora a população em situação de rua seja visível, principalmente nos grandes centros urbanos, causando constantes protestos da população domiciliada, ela sofre um processo reiterado de tentativa de *invisibilização*: um *silenciamento* marcado pela escassez de pesquisas e estudos acadêmicos, inclusive pelos censos demográficos brasileiros que não contabilizam estas pessoas. A ausência de estatísticas confiáveis e informações consolidadas, sem dúvida, já é parte do processo de exclusão a que as pessoas em situação de rua estão submetidas. Como foi dito na apresentação deste texto, o processo de exclusão social gera um mecanismo perverso e complexo de negação destas existências concretas, exatamente pela incapacidade da sociedade de elaborar estas "situações" ou "expressões" fora do que se estabelece como "padrão". Conhecer os modos e práticas de vida dessas pessoas é um primeiro passo em direção à promoção de políticas públicas.

Destarte, o presente estudo visa contribuir para a minimizar essa tentativa de *silenciamento* (multi) institucional marcada pela ausência de informações e estatísticas relevantes para a compreensão desse segmento, tendo como pressuposto que a produção de conhecimento é um passo fundamental em direção à formulação de políticas públicas qualificadas.

# 4 METODOLOGIA



**Foram realizadas trezentas e oitenta e cinco (385) entrevistas na RMGV no mês de julho de 2017. Todos os entrevistados informaram ter dormido em ruas, abrigos ou albergues nos últimos quinze dias que antecederam a realização da pesquisa.**

Para a realização desta pesquisa, além da realização de pesquisa bibliográfica com leitura de textos acadêmicos e demais pesquisas realizadas anteriormente em outros estados brasileiros ou em âmbito nacional, buscou-se também a realização de visitas e ou reuniões com técnicos e/ou gestores de vários serviços municipais que atendem ao público da pesquisa, como uma primeira etapa aproximativa, tanto do conceito de *pessoas em situação de rua*, quanto do fenômeno social em si.

Em paralelo, buscou-se também a constituição do *Grupo de Discussão sobre pessoas em situação de rua* (GD Pop Rua), que contou com a participação de representantes estaduais do Movimento Nacional de Pessoas em Situação de Rua – MNPR, técnicos dos serviços municipais da RMGV que atendem a este segmento, pesquisadores sobre população em situação de rua, técnicos da SEDH e pesquisadores do IJSN. O GD Pop Rua chegou a contar com trinta e três (33) participantes, mas as reuniões contavam com uma média de participação em torno de vinte (20) pessoas, sendo que um grupo menor de onze (11) pessoas apresentou assiduidade elevada, com participação em praticamente todos os encontros.

Para que todos os participantes pudessem organizar suas agendas pessoais, foi definido que o GD se reuniria toda segunda quarta-feira de cada mês. Foram realizadas cinco (05) reuniões ordinárias no período de dezembro de 2016 até maio de 2017. Também ocorreram reuniões extras com subgrupos do GD para fins específicos, como por exemplo, a revisão e a adequação da linguagem do questionário, de forma a aproximá-lo de uma linguagem mais acessível ao público da pesquisa.

O objetivo central do GD Pop Rua foi o acompanhamento e troca de informações sobre a pesquisa, de modo a debater sobre as questões relevantes que deveriam ser captadas no instrumento de coleta de dados - uma entrevista estruturada em formato de questionário, com questões predominantemente fechadas e algumas questões abertas.

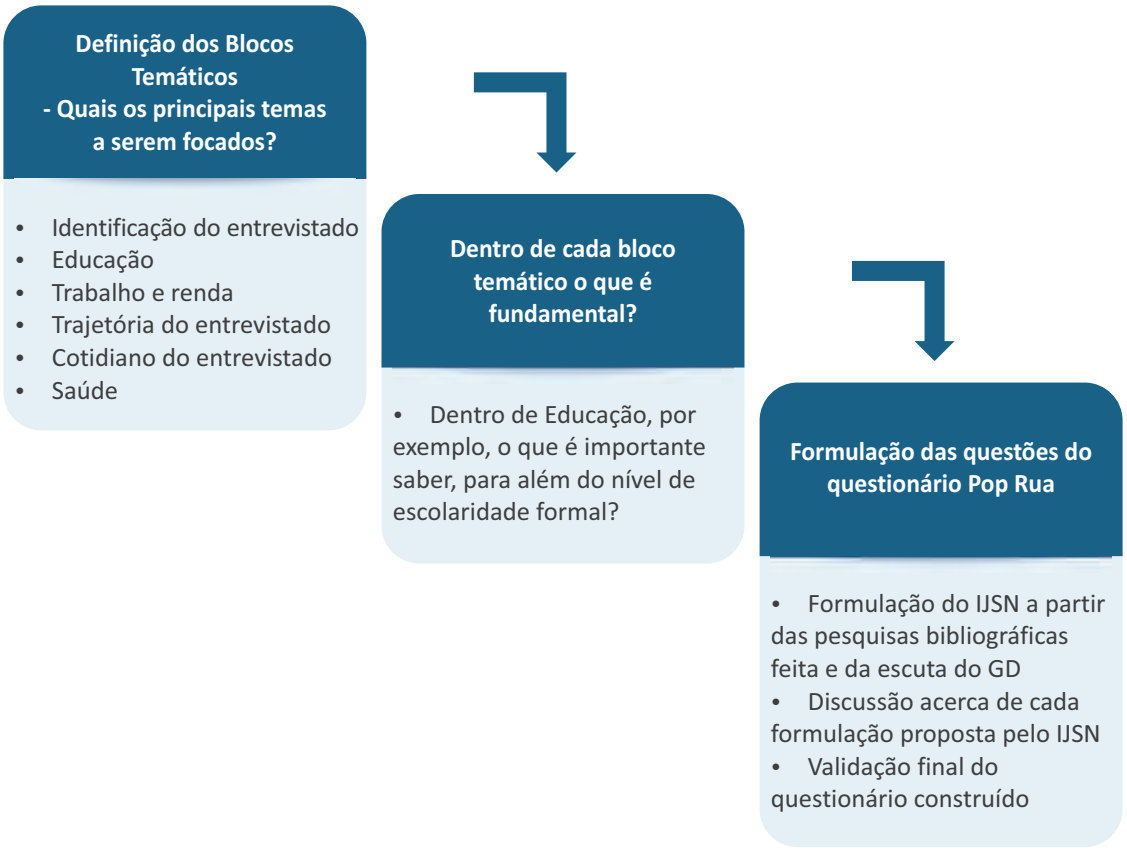
Embora os pesquisadores do IJSN tivessem uma formulação inicial do questionário, a partir de suas experiências e da pesquisa bibliográfica realizada, optou-se por uma dinâmica de debate no GD que evitasse ao máximo o direcionamento prévio. Propôs-se inicialmente a discussão de quais os blocos temáticos ou temas macros deveriam ser abordados na pesquisa (ex: educação, trabalho, etc).

A partir da seleção dos blocos temáticos, cada um destes foi discutido, buscando identificar quais aspectos seriam fundamentais investigar dentro deles. Na sequência, a partir dos registros feitos do debate, a equipe do IJSN apresentava a síntese dos aspectos discutidos dentro de cada tema já em formato de perguntas e o grupo avaliava e discutia se a formulação proposta dava realmente conta de captar os aspectos sugeridos.

Vale ressaltar que a discussão dos temas e aspectos foi embasada tanto na descrição da dinâmica das pessoas em situação de rua e dos sentidos atribuídos por estas pessoas aos diversos tópicos a serem investigados quanto na percepção de todos presentes acerca da relevância da informação para a formulação de políticas públicas para o segmento em foco. Havia uma grande preocupação do grupo em adequar o instrumento de coleta de dados ao que de fato faria sentido para as pessoas que responderiam ao questionário e para a formulação das políticas.

A última reunião do GD teve como pauta a apresentação do questionário construído em sua totalidade, o que foi validado pelo conjunto dos participantes do GD. A figura 1 ilustra a sequência das discussões realizadas no âmbito do GD.

**Figura 1 |** Sequência das discussões realizadas nas reuniões do GD Pop Rua




**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Após a construção do questionário, a partir das discussões no GD, foi feito um pré-teste com algumas pessoas em situação de rua na região do Centro de Vitória, especificamente na Praça Costa Pereira. A realização deste pré-teste permitiu o aprimoramento do instrumento, com pequenos ajustes principalmente no sentido de atender ao princípio de clareza das questões.

O questionário ficou estruturado em seis blocos, com questões abertas e fechadas, contemplando as seguintes temáticas: identificação do entrevistado; educação; trabalho e renda; trajetória; cotidiano e saúde. Os dados coletados a partir das questões abertas foram agrupados, após análise, em categorias. Tendo como referência os estudos de Minayo (2004, p. 70), a palavra categoria refere-se a um conceito que abrange elementos com características semelhantes ou que se relacionam entre si. Em suas palavras:

> As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa (MINAYO, 2004, p. 70)

O território de abrangência da pesquisa foi a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Trata-se de uma pesquisa amostral, ou seja, trabalhou-se apenas com uma parcela significativa da população alvo da pesquisa, com vistas a gerar informações e estatísticas sobre o grupo pesquisado, sem pretensões de realização de um censo.[5]

A amostragem realizada foi "não probabilística", face à ausência do marco amostral, ou seja, à impossibilidade de se ter de antemão uma lista completa de indivíduos que formam o universo da população em situação de rua da RMGV. Trabalha-se então com uma amostra de conveniência, onde foram entrevistados os indivíduos localizados nos logradouros[6] e instituições públicas e que se dispuseram a participar do estudo.

Embora a amostragem utilizada, a rigor, não permita generalizações para o conjunto da população estudada, pelas características do público alvo pesquisado, pode-se afirmar que a amostra construída não introduziu viés em relação à população total, sendo seus resultados uma imagem representativa do universo estudado.

Segundo a Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua, realizada em 2007-2008, em 71 municípios brasileiros, considerada o primeiro Censo Nacional com a população em situação de rua no Brasil, o contingente de pessoas em situação de rua foi estimado na época em 0,061% da população total. Esta pesquisa assinala que outros levantamentos realizados (como em São Paulo, Belo Horizonte e Recife) encontram índices semelhantes. O terceiro censo de População em situação de rua e Migrantes de Belo Horizonte, por exemplo, realizado em 2013, indicou um percentual semelhante: 0,074% da população total daquele município vivia em situação de rua naquele ano.

Neste sentido, por aproximação e face a ausência de outros dados mais precisos para o estado do Espírito Santo, esta pesquisa estimou o universo a ser pesquisado em 0,08% da população da RMGV, para efeitos de planejamento do trabalho a ser realizado. Esta estimativa é apenas uma *proxy* ou medida aproximativa e indireta do fenômeno social das pessoas em situação de rua. Desse modo, o contingente total de pessoas em situação de rua na RMGV seria aproximadamente 1.548 pessoas,[7] considerando-se que a estimativa para a população total da RMGV, em 2016, era de 1.935.483 pessoas, segundo o IBGE.[8]

Ademais, como afirmado anteriormente, pelo fato do universo não ser conhecido, esta pesquisa não pode trabalhar com uma amostra probabilística, onde se tem um marco amostral previamente definido e a escolha dos entrevistados é aleatória. Entretanto, se fosse possível a definição de uma amostra

[5] Embora houvesse uma demanda dos movimentos sociais organizados para a realização de um censo, a análise do IJSN em conjunto com a SEDH indicou que não havia viabilidade financeira para a realização de uma pesquisa com caráter censitário. Além disto, a análise técnica evidenciou que uma pesquisa amostral forneceria com segurança as informações desejadas para a formulação de políticas, como o perfil socioeconômico e as vulnerabilidades vivenciadas pelas pessoas em situação de rua.

[6] Ruas, avenidas, praças, etc.

[7] Vale destacar que o objetivo deste trabalho não é quantificar as pessoas em situação de rua. O uso dessa proxy (o universo das pessoas em situação de rua ser estimado em 0,08% da população) cumpre apenas a função de ser um parâmetro para a definição do tamanho da amostra, possibilitando que esta seja representativa do universo pesquisado.

[8] Estimativa da população residente nos municípios brasileiros com data de 1° de julho de 2016.

probabilística no universo de pesquisa em questão, uma amostra de 308 pessoas nos possibilitaria uma margem de erro e nível de confiança aceitáveis (5% e 95%, respectivamente). Esses parâmetros ilustrativos do cenário de uma amostra probabilística fornecem para o leitor uma dimensão da validade da amostra realizada, apenas como recurso heurístico aproximativo.

Trabalhou-se então com a perspectiva de realização de uma amostra inicial mínima de 350 entrevistas. Embora o território de análise fosse a Região Metropolitana, buscou-se distribuir as entrevistas entre os municípios da RMGV de acordo com a distribuição populacional observada para cada um deles. Neste sentido, levando-se em conta apenas a estimativa populacional dos municípios que compõe a região, associada à *proxy* da estimativa de pessoas em situação de rua mencionada acima, a amostra deveria ter a seguinte configuração:

**Tabela 1 |** Plano de distribuição das entrevistas entre os municípios da RMGV

| Municípios | Distribuição percentual das entrevistas (%) | Número de entrevistas a realizar |
|---|---|---|
| Cariacica | 20 | 70 |
| Fundão | 1 | 4 |
| Guarapari | 6 | 22 |
| Serra | 26 | 89 |
| Viana | 4 | 14 |
| Vila Velha | 25 | 87 |
| Vitória | 19 | 65 |
| RMGV | 100 | 350 |

**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Adicionalmente, buscou-se também na definição do planejamento de campo, associar a *proxy* da estimativa de pessoas em situação de rua ao número de atendimentos realizados pelos serviços municipais, buscando equilibrar o número de pessoas que deveriam ser entrevistadas nos logradouros públicos e o número de pessoas que deveriam ser entrevistadas nos serviços de atendimento às pessoas em situação de rua.

A despeito do planejamento realizado, a pesquisa precisava estar atenta à dinâmica real da população em situação de rua na RMGV. Observou-se que a própria configuração metropolitana do território, tendia a alterar a distribuição espacial do segmento populacional participante do estudo. Municípios como Viana, por exemplo, tendem a apresentar um número bem menor de pessoas em situação de rua, assim como Vitória tende a concentrar um número maior de pessoas em situação de rua, destoando da *proxy* definida a partir da observação de parâmetros nacionais. Nesse sentido, apesar de ter como referência inicial a distribuição esboçada no planejamento citado (ver tabela 1), cabe salientar que alterações poderiam ser feitas a partir da realidade observada.

A equipe de entrevistadores foi a campo sempre com uma quota mínima inicial, tanto para o total de entrevistas a serem realizadas por município, quanto para o número de entrevistas a serem realizadas nos serviços como abrigos ou Centros Pop ou Centro Dia.

Em todos os municípios as quotas totais estabelecidas foram cumpridas, com variação positiva, com exceção de Viana e Cariacica (ver tabela 2). No município de Viana a previsão era de realização de quatorze (14) entrevistas e só foi possível realizar duas (2). No município de Cariacica, a quota total de entrevistas previstas era setenta (70) e foram realizadas cinquenta e sete (57). Tanto em Viana quanto em Cariacica, a equipe teve o cuidado de realizar mais de uma tentativa de cumprimento das quotas estabelecidas, tendo sido realizadas duas visitas de campo em Viana[9] e seis visitas de campo em Cariacica[10].

**Tabela 2 |** Distribuição das entrevistas planejadas e realizadas, por municípios da RMGV

| Municípios | Número de entrevistas planejado | Número de entrevistas realizadas |
|---|---|---|
| Cariacica | 70 | 57 |
| Fundão | 4 | 6 |
| Guarapari | 22 | 26 |
| Serra | 89 | 90 |
| Viana | 14 | 2 |
| Vila Velha | 87 | 89 |
| Vitória | 65 | 115 |
| RMGV | 350 | 385 |

**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre os fatores que provavelmente interferiram na dinâmica efetiva do trabalho de campo previsto estão a própria característica do público alvo de não ser domiciliado (o que dificulta evidentemente um acesso rigidamente planejado), somada à própria dinâmica das pessoas em situação de rua, num contexto metropolitano, marcado não apenas pela centralidade da capital Vitória, mas também pela proximidade geográfica entre a maioria dos municípios que compõem a RMGV. Vitória como capital tende a apresentar um fluxo populacional mais intenso, uma maior oferta de trabalho e uma concentração de serviços, entre outras características, que impactam na dinâmica também das pessoas em situação de rua.

O número menor de entrevistas realizadas em Viana e Cariacica foi contrabalançado pelo acréscimo de entrevistas nos outros municípios, conforme pode ser observado na tabela 2. Como afirmado anteriormente, a unidade territorial de análise foi a RMGV e não os municípios isoladamente.[11] Neste sentido, o total de entrevistas realizadas foi bem representativo do universo investigado.

[9] Dias 20 e 26 de julho de 2017.
[10] Dias 11, 19, 20, 21 e 26 de Julho de 2017.
[11] A representatividade da pesquisa é RMGV. Se o foco fosse os municípios, enquanto unidades territoriais, isto implicaria outra construção da amostra, muito maior em termos numéricos.

Vale destacar que a ida a campo contou com boa receptividade dos entrevistados. Foram realizadas trezentas e oitenta e cinco (385) entrevistas na RMGV no mês de julho de 2017. Todos os entrevistados informaram ter dormido em ruas, abrigos ou albergues nos últimos quinze dias.

A tabela 3 indica a distribuição das entrevistas por município e por local de realização da entrevista, se logradouro público, abrigo ou Centro Pop ou Centro Dia.

**Tabela 3 |** Total de entrevistas realizadas por local (logradouro ou serviço) e município

| Municípios | Número de entrevistas e local de realização | | | Total |
|---|---|---|---|---|
| | logradouros públicos | abrigos | Centro Pop ou Centro Dia | |
| Cariacica | 38 | 19 | - | 57 |
| Fundão | 6 | - | - | 6 |
| Guarapari | 12 | - | 14 | 26 |
| Serra | 24 | 20 | 46 | 90 |
| Viana | 2 | - | - | 2 |
| Vila Velha | 52 | 10 | 27 | 89 |
| Vitória | 63 | 17 | 35 | 115 |
| RMGV | 197 | 66 | 122 | 385 |

**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A entrada em campo para a realização das entrevistas contou com algumas pessoas que foram figuras centrais no processo: os articuladores de campo. A pesquisa contratou três articuladores de campo com vivência de situação de rua e, principalmente, atuação junto ao Movimento Nacional de Pessoas em Situação de Rua - MNPR.

Os articuladores de campo deveriam ser pessoas com boa capacidade de diálogo e comunicação, iniciativa, proatividade, conhecimento da realidade das pessoas em situação de rua, disponibilidade de 30 horas semanais para atuar na pesquisa, flexibilidade de horário de atuação e indicativo de compromisso com a realização da pesquisa.

Para a seleção dos articuladores de campo solicitou-se ao MNPR estadual a indicação de até nove (9) pessoas com o perfil desejado e, a partir destas indicações, a equipe da pesquisa realizou uma seleção com base em entrevistas. Os articuladores começaram a atuar uma semana antes da realização das entrevistas e suas atribuições principais foram:

- Contribuir com a execução da pesquisa sobre pessoas em situação de rua, compartilhando informações e conhecimentos sobre o segmento pesquisado;
- Apresentação da pesquisa aos pares: divulgação e mobilização;
- Identificação dos locais e horários de maior fluxo das pessoas em situação de rua;

- Acompanhamento do treinamento dos bolsistas entrevistadores de campo;
- Acompanhamento da aplicação dos questionários.

A equipe do IJSN solicitou aos serviços de abordagem de rua dos municípios um mapeamento prévio dos pontos de maior concentração de pessoas em situação de rua. Complementando estas informações, os articuladores de campo passaram uma (1) semana auxiliando na definição dos roteiros de campo a partir da identificação dos locais de maior fluxo de sujeitos em situação de rua.

Além dos articuladores de campo, buscou-se também, para a realização das entrevistas, a contratação de bolsistas com vivencia em situação de rua e/ou vínculo com o MNPR. A coordenação da pesquisa tinha nítida compreensão da importância da realização da parte de campo da pesquisa por pares, face ao perfil do grupo a ser pesquisado[12]. O desejo era que todos os entrevistadores selecionados tivessem esse perfil (ter vivencia em situação de rua e/ou vínculo com o MNPR). Entretanto, por exigência do tipo de bolsa concedida pela FAPES os candidatos deveriam ter também ensino médio completo.

O edital de seleção dos bolsistas que atuariam como entrevistadores foi divulgado no site do IJSN no dia 18 de maio de 2017. Os parceiros dos serviços municipais e do MNPR foram informados diretamente pela equipe da pesquisa sobre o edital. Ainda que o edital de seleção dos entrevistadores não fosse exclusivo para as pessoas em situação de rua, este era o perfil preferencial a ser selecionado. Após o recebimento das inscrições via e-mail seriam realizadas as entrevistas com os candidatos pré-selecionados. Cabe destacar que ocorreu uma movimentação dos serviços municipais no sentido de ajudar aos candidatos no envio de suas inscrições, o que foi muito positivo.

Na pré-seleção realizada, todas as pessoas inscritas que sinalizaram vivência em situação de rua foram encaminhadas para as entrevistas. O primeiro resultado deste edital foi a seleção de todos os entrevistadores com o perfil desejado: pessoas com vivencia em situação de rua e/ou vínculo com o MNPR.

Infelizmente, muitas pessoas em situação de rua inscritas e selecionadas, não apresentaram, após seleção, a documentação exigida em edital, alguns informaram somente a *posteriori* não possuir nem ensino médio, que era exigência básica do edital, amplamente divulgada. Esse fato gerou dificuldades adicionais e atrasos no processo seletivo e, infelizmente, inviabilizou a contratação de <u>todos</u> os entrevistadores com o perfil desejado. Com a impossibilidade dos primeiros selecionados assumirem, por ausência de documentação ou escolaridade básica exigida, foi preciso chamar vários suplentes para novas entrevistas.

[12] Por tratar-se de pessoas em extrema vulnerabilidade social, vítimas de rejeição social, muitas vezes expressa em agressão ativa ou por meio de recusa da sociedade em lhe prestar solidariedade, este grupo reage desenvolvendo uma cultura de resistência, com linguagens e hábitos próprios. Por outro lado, esse histórico de segregação social tende a gerar também uma descrença e, consequentemente, uma resistência em atender e dialogar com qualquer agente público, sempre visto como representante de um Estado que não garante nem segurança, nem os direitos humanos e sociais básicos das pessoas em situação de rua.

Por fim, da equipe de entrevistadores, três (03) pessoas tinham vivencia em situação de rua e/ou vínculo com o MNPR e cinco (05) pessoas foram selecionadas apenas pela formação acadêmica e/ou experiência profissional próxima ao perfil pretendido.[13]

Toda a equipe, composta por dez (10) entrevistadores[14], três (03) articuladores de campo e um (01) bolsista supervisor de campo, passou por um treinamento antes da ida a campo. O treinamento possibilitou a discussão sobre os objetivos da pesquisa e sua importância, a postura necessária ao pesquisador e cuidados na abordagem dos entrevistados, estudo do questionário e simulação da aplicação do mesmo, assim como espaço para tirar dúvidas.

Após o treinamento, a equipe foi a campo com as seguintes tarefas:

a) realizar entrevistas com pessoas em situação de rua que se disponibilizassem;

b) georreferenciar os locais visitados e;

c) registrar o número de pessoas em situação de rua avistadas, mesmo que não tenham sido entrevistadas.

A ida a campo sempre ocorreu em grupo. A pesquisa contou com uma van que conduzia a equipe até os locais de entrevistas, de acordo com o mapeamento inicial feito. Em alguns momentos, a equipe se dividiu em dois ou três grupos, conforme a orientação da coordenação ou do supervisor de campo. Mas a divisão do grupo sempre foi evitada, inclusive por medida de segurança.[15]

A maioria das entrevistas ocorreram pela manhã (65,2%), algumas foram no período da tarde (28,6%) e outras, em menor número, no período da noite (6,2%). A ida a campo predominantemente no período matutino foi resultado da observação realizada nos primeiros dias de campo, assim como da orientação recebida dos articuladores de campo, que afirmaram ser o melhor período para encontrar um número maior de pessoas concentradas nos pontos mapeados.[16]

Os dados coletados nas entrevistas estruturadas foram digitados, formando uma base de dados no SPSS[17], software voltado para a análise de dados em ciências sociais. A partir desta base de dados foi possível gerar não apenas as informações básicas (frequências das respostas) como também tabe-

[13] Por já terem trabalhado em abrigo para pessoas em situação de rua ou atuado em projetos sociais ou projetos de pesquisa com público em situação de vulnerabilidade.

[14] Estava previsto a contratação de dez (10) bolsistas para atuar como entrevistadores e só foi possível contratar oito (8), face a participação na seleção de pessoas não habilitadas, que tiveram que ser eliminadas do processo a posteriori, sem tempo hábil para novas contratações. Dois membros internos da Coordenação de Estudos Sociais também atuaram como entrevistadores, totalizando dez (10) entrevistadores.

[15] Em um dos campos realizados na região de Jacaraípe, na Serra, por exemplo, a equipe foi abordada por alguém da região que solicitou que se encerrassem as entrevistas imediatamente. Ao buscar informações com outros transeuntes do bairro, soube-se que na semana anterior, naquele mesmo local, havia ocorrido um conflito armado, envolvendo o tráfico de drogas ilícitas.

[16] Pela manhã a maioria ainda não começou o "corre" - termo utilizado para indicar a movimentação em busca de recursos financeiros, alimentos, entre outras necessidades -, portanto não estão dispersos, e aqueles que usam substâncias psicoativas (como álcool ou outras drogas) provavelmente ainda não iniciaram o consumo.

[17] Originalmente o termo remete a StatisticalPackage for the Social Sciences, hoje IBM® SPSS®Statistics.

las que cruzam mais de uma variável observada, material posteriormente organizado em gráficos e tabelas de resultados descritos e analisados neste relatório.

Importante salientar também que esta pesquisa se comprometeu com a não identificação das pessoas entrevistadas. Todos os resultados são apresentados de forma agregada, sem intenção de identificação individual das respostas obtidas.

Cada ponto visitado, na etapa de campo da pesquisa foi georreferenciado. Buscou-se também identificar e registrar o número de pessoas em situação de rua avistadas, mesmo que não tenham sido todas entrevistadas. Essas informações correlacionadas (pontos georreferenciados e número de pessoas em situação de rua entrevistadas e/ou apenas registradas) possibilitou a geração de dois mapas:

1) um mapa que informa os pontos de **concentração de pessoas em situação de rua**, onde cada visita a campo foi georreferenciada, associando a cada ponto o número de pessoas em situação de rua avistado, independentemente da concessão ou não de entrevistas. Neste caso, em locais onde houve mais de uma visita, em dias diferentes, considerou-se o número maior de pessoas registradas.

2) Outro mapa elaborado refere-se aos locais com o número de **entrevistas realizadas**. Neste caso, foi feita a soma do total de entrevistas realizadas por local, independente da data de realização nos casos que envolveram mais de um dia de visita a um mesmo ponto de concentração georreferenciado.

Os mapas foram produzidos pela Coordenação de Geoprocessamento do IJSN com base na coleta dos dados captados durante a pesquisa. Utilizou-se o Programa ArcMap® para confeccionar os mapas, onde empregou-se a função de "densidade Kernel", presente na extensão Spatial Analyst, para sua elaboração. O estimador de densidade kernel permite a rápida visualização da densidade de ocorrência de determinado fenômeno, neste caso, a concentração de pessoas em situação de rua. Dentre suas vantagens está o destaque de áreas que merecem atenção, independentemente das divisões político-administrativas. Assim, temos uma visão geral da intensidade do processo em todas as regiões do mapa. Para esta pesquisa o raio de distância utilizado foi 1 km2 a partir de cada ponto da amostra.

O resultado desse percurso aqui descrito, que buscou mesclar tanto estratégias qualitativas de acesso às informações, quanto recursos quantitativos de análise, é apresentado, como um esforço de síntese, no item Resultados (5) deste relatório, objetivando dar visibilidade aos aspectos importantes observados.

[18] "Kernel", palavra cuja tradução do inglês significa "núcleo", em geotecnologias, corresponde a um procedimento estatístico que permite visualizar a intensidade de um processo com relação a um valor central (o núcleo).

# 5 RESULTADOS



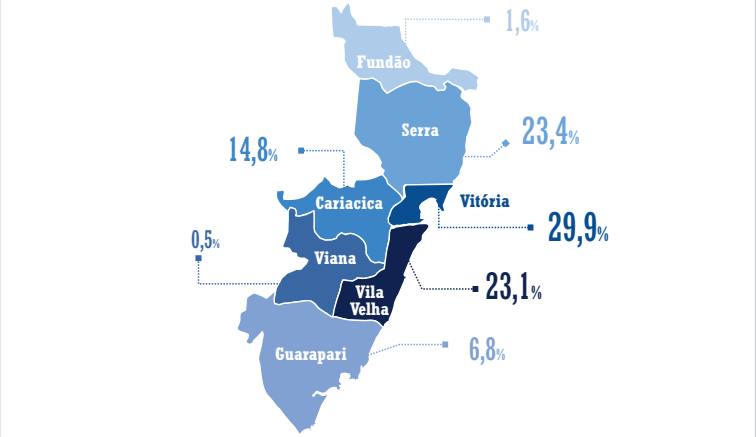
**Os resultados do material coletado estão organizados em sete subseções, cujos temas são: perfil; escolaridade; trajetória; cotidiano e questões sobre a saúde dos entrevistados.**

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa realizada com pessoas em situação de rua da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Com o objetivo de facilitar a descrição e análise dos dados, esta seção está dividida em sete subseções: as entrevistas, perfil do(a) entrevistado(a), educação, trabalho, trajetória, cotidiano e saúde.

# 5.1 As Entrevistas

A Figura 2 sinaliza o percentual de entrevistas realizadas em cada uma das cidades onde foram aplicadas a pesquisa. Observa-se que Vitória foi o município com maior número de pessoas entrevistadas 115 (29,9%); seguido por Serra 90 (23,4%); Vila Velha 87 (23,1%); Cariacica 57 (14,8%); Guarapari 26 (6,8%) Fundão 6 (1,6%) e Viana 2 (0,5%).

**Figura 2 |** Cidades de Realização das Entrevistas (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Conforme já mencionado na seção Metodologia deste relatório, a própria dinâmica das pessoas em situação de rua conjugada à um contexto metropolitano (centralidade da capital Vitória - fluxo populacional mais intenso e maior oferta de trabalho e serviços; proximidade geográfica entre os municípios), são fatores que provavelmente interferiram nesta configuração da distribuição das entrevistas.

Os mapas 1 e 2 mostram uma visão geral tanto da distribuição das entrevistas realizadas pelos municípios, quanto da concentração da população em situação de rua registrada na etapa de campo desta pesquisa.

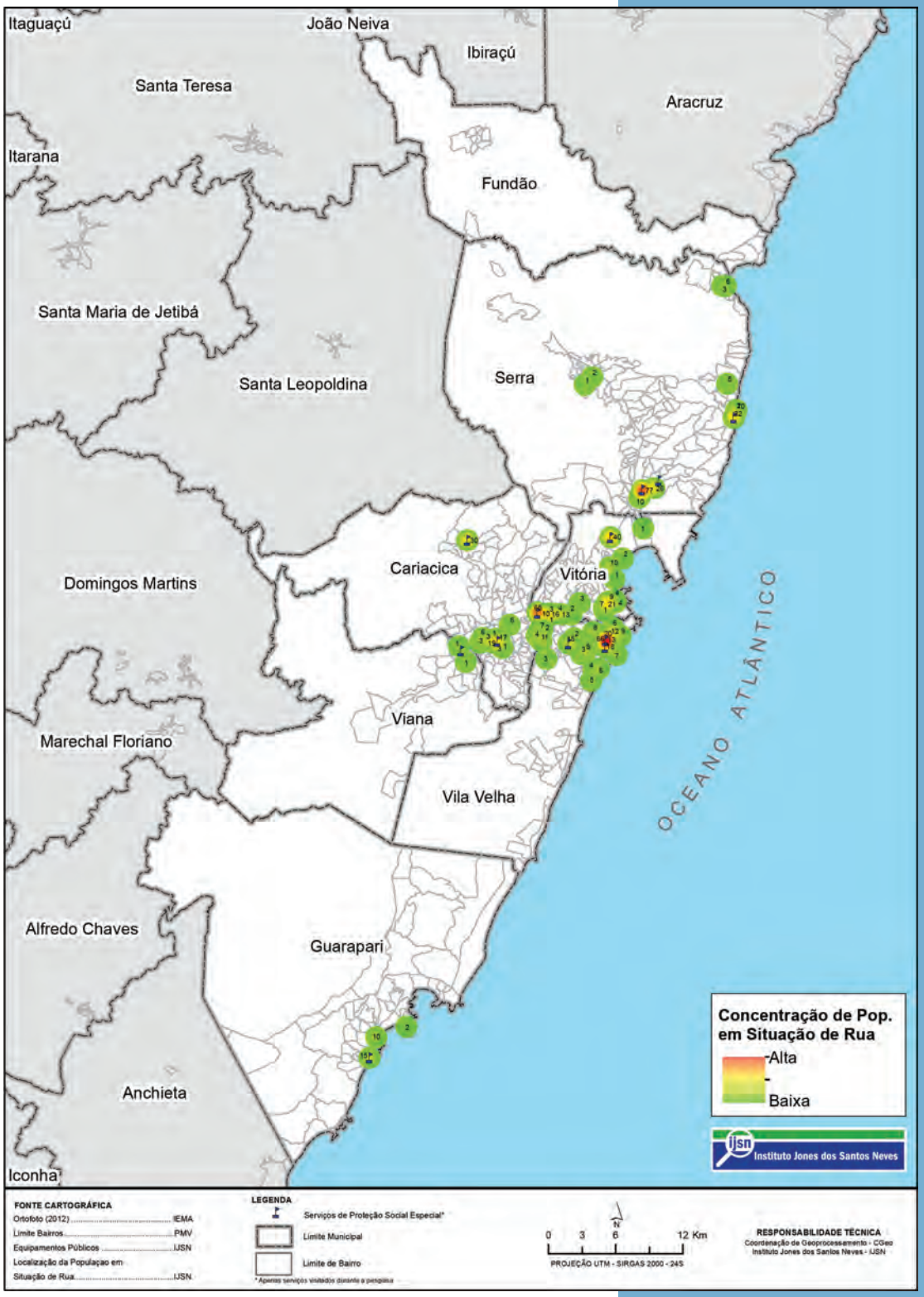
O mapa 1 informa os pontos de concentração de pessoas em situação de rua, a partir dos registros de georreferenciamento realizados em cada visita a campo. Cada ponto assinalado no mapa indica o maior número de pessoas em situação de rua avistado, independente da disponibilidade de concessão ou não de entrevistas.

O mapa 2 refere-se ao número total de entrevistas realizadas em cada local visitado. O mapa registra em cada ponto assinalado a soma total de entrevistas realizadas por local, independente da data de realização nos casos que envolveram mais de um dia de visita a um mesmo ponto de concentração georreferenciado.

O registro cartográfico permite uma análise visual da concentração da população em situação de rua, possibilitando, por conseguinte, uma estimativa do raio de correlações e mútuas influencias que tendem a ocorrer na dinâmica desta população.

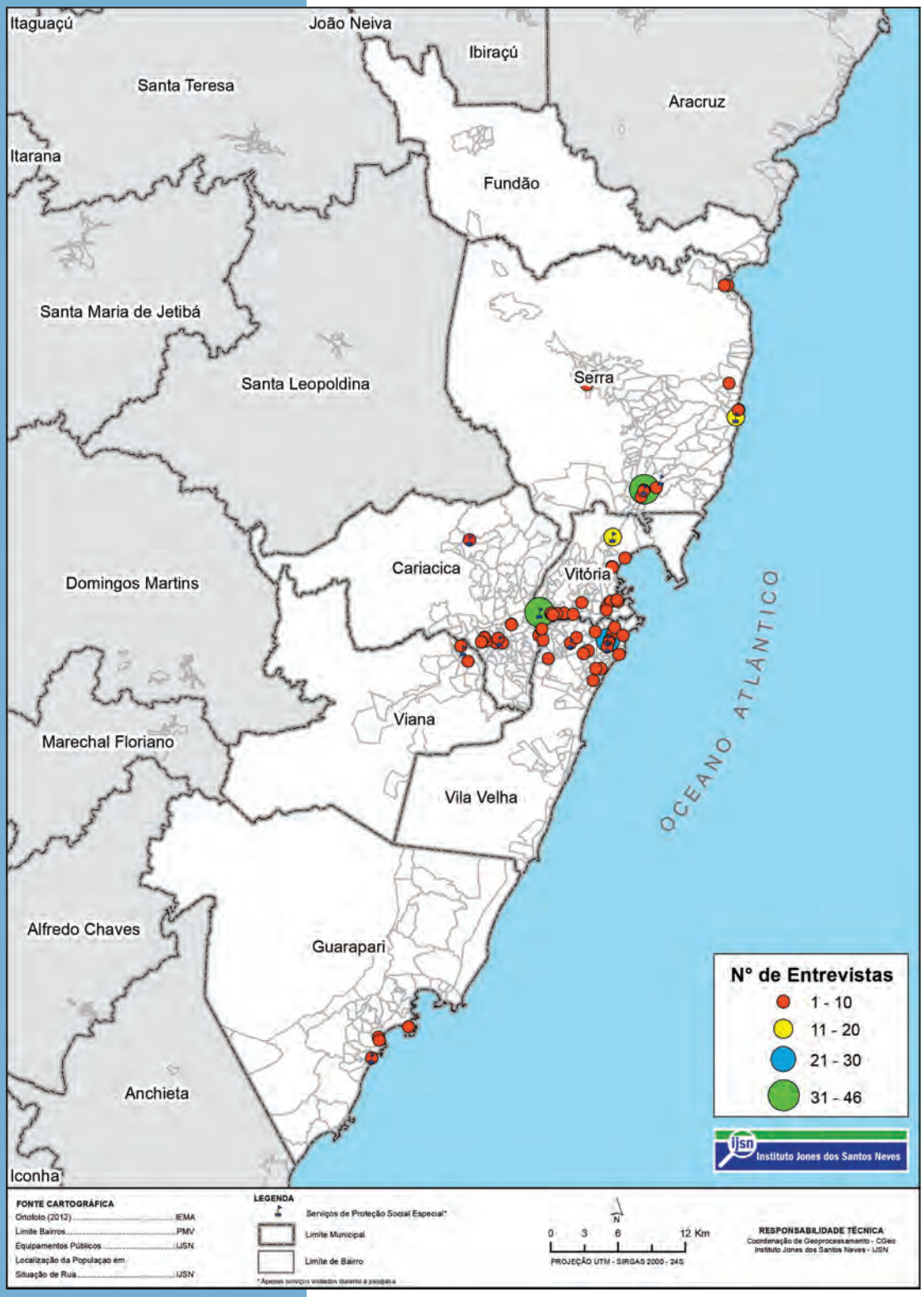
Os dois mapas sinalizam que as áreas de maior concentração da população em situação de rua estão localizadas principalmente no entorno dos serviços da proteção social especial voltados ao atendimento destes sujeitos. São nestes locais e em seu entorno, que este público se concentra ou se encontra em fluxo com maior intensidade, o que denota a importância destes serviços, seja como referência na garantia de direitos, para o encontro com pares e para o lazer. Vale destacar que muitas vezes as pessoas em situação de rua usam o endereço dos serviços onde são atendidos e/ou abrigados como referência residencial, utilizando-os como endereço para o recebimento de correspondências.

**Mapa 1 |** Concentração da População em Situação de Rua da RMGV (Julho/2017)



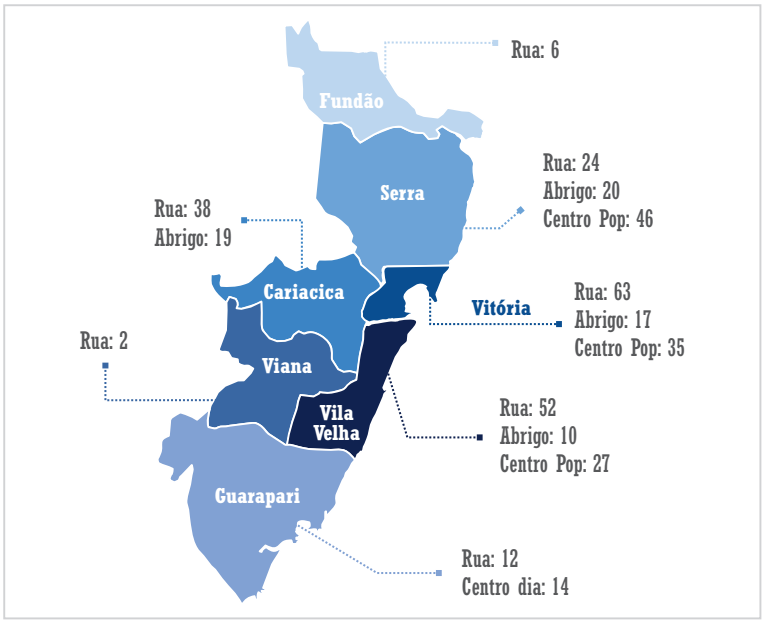

Conforme explicitado na descrição da metodologia desta pesquisa, nos locais onde houve mais de uma visita, em dias diferentes, optou-se por considerar o número maior de pessoas registradas, para que não houvesse o risco de um sub registro.

**Mapa 2 |** Numero de Entrevistas Realizadas com a População em Situação de Rua da RMGV (Julho/2017)




Conforme explicitado na descrição da metodologia desta pesquisa, nos locais onde houve mais de uma visita, em dias diferentes, optou-se por considerar o número maior de pessoas registradas, para que não houvesse o risco de um sub registro.

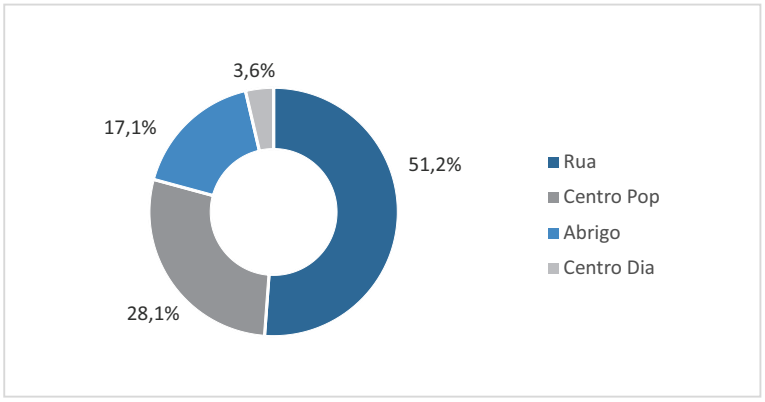
**Figura 3 |** Número de Entrevistados por Cidade e Local de concessão das entrevistas




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Observa-se, a partir da figura 3, a distribuição do número de pesquisados por município em cada local de realização da entrevista. Nota-se que o processo de entrevistas ocorreu nos serviços de Proteção Social Especial e nos logradouros das cidades onde a pesquisa foi aplicada. Vale lembrar que a pesquisa buscou, em seu planejamento de campo, equilibrar o número de pessoas que deveriam ser entrevistadas nos logradouros públicos e o número de pessoas que deveriam ser entrevistadas nos serviços de atendimento às pessoas em situação de rua, o que sofreu alterações a partir da dinâmica da população em situação de rua na RMGV observada.

**Figura 4 |** Local de Realização das Entrevistas (%)



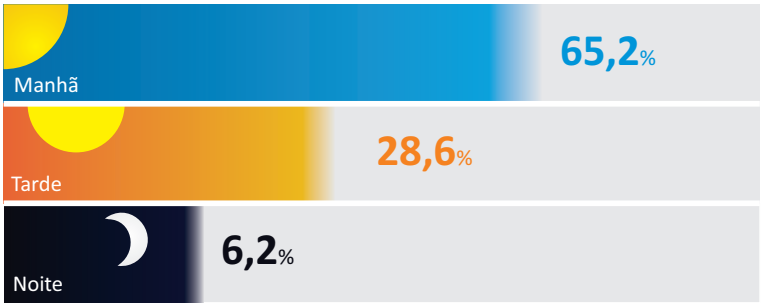

**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 4 aborda os locais de realização das entrevistas de forma agrupada, em dados percentuais, possibilitando a leitura unificada das informações de acordo com os espaços onde houveram aplicação dos questionários. Desta forma, é possível observar que 51,2% (197) das entrevistas foram realizadas na rua; Centro Pop 28,1% (108); Abrigos 17,1% (66); Centro Dia 3,6% (14).[19]

[19] Segundo o Ministério de Desenvolvimento Social - MDS, O Centro Pop é "(...) uma unidade pública voltada para o atendimento especializado à população em situação de rua. Deve ofertar, obrigatoriamente, o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, que realiza atendimentos individuais e coletivos, oficinas e atividades de convívio e socialização, além de ações que incentivem o protagonismo e a participação social das pessoas em situação de rua." (Ver: http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/centro-pop). O Centro Dia, por sua vez, é definido pelo MDS como "(...) uma unidade pública especializada que atende jovens e adultos com deficiência que não têm autonomia e dependem de outras pessoas. As famílias dessas pessoas também são atendidas no Centro Dia." No Centro Dia "(...) são desenvolvidas atividades que permitam a convivência em grupo; cuidados pessoais; fortalecimento das relações sociais; apoio e orientação aos cuidadores familiares; acesso a outros serviços e a tecnologias que proporcionam autonomia e convivência." (Ver http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/centro-dia).

A figura 5 sinaliza os turnos de realização das entrevistas realizadas. Nota-se que 65,2% (251) das entrevistas ocorreram no turno matutino; 28,6% (110) no turno vespertino; e 6,2% (24) no período noturno. A predominância das entrevistas no período matutino deve-se também à adequação à dinâmica observada em campo, incluindo aqui a sugestão dos Articuladores de campo, conforme descrito na metodologia.

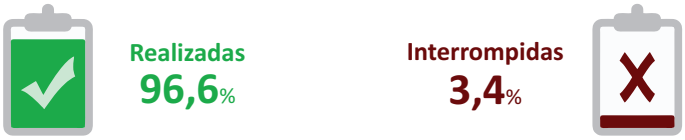
**Figura 5 |** Turnos das Entrevistas




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Do total de entrevistados (385), pode-se observar de acordo com a figura 6 que 96,6% (372) das entrevistas foram concluídas e apenas 3,4% (13) foram interrompidas.

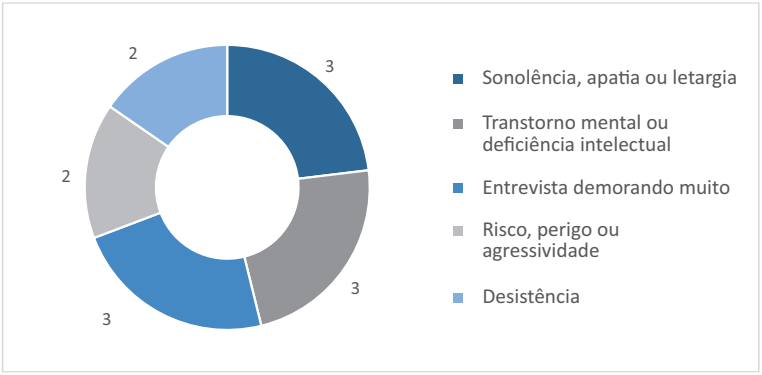
**Figura 6 |** Situação das Entrevistas (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 7 refere-se aos motivos que contribuíram para o processo de interrupção das entrevistas. De acordo com as informações, o número de entrevistas interrompidas foram 13, as quais se distribuem entre os seguintes motivos: 3 por motivos de sonolência, apatia ou letargia; 3 por questões relacionadas a transtorno metal ou deficiência intelectual; 3 entrevistas demorando muito; 2 por motivo de risco, perigo ou agressividade do entrevistado; 2 por desistência do entrevistado;

**Figura 7 |** Motivos para Interrupção da Entrevista



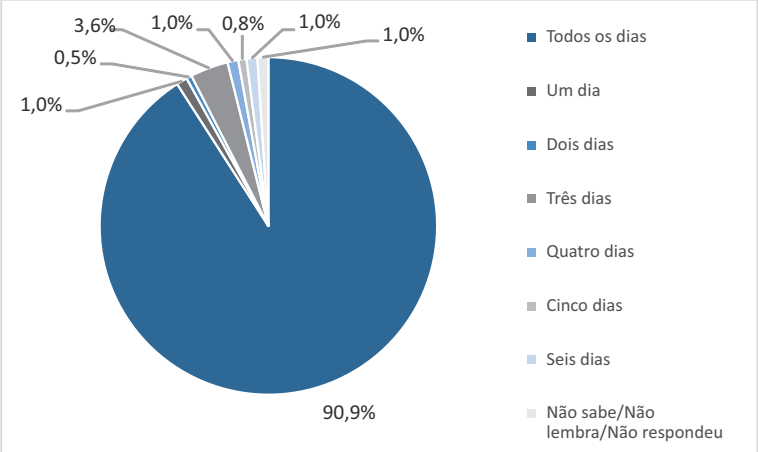

**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre os 385 entrevistados (contabilizando as entrevistas finalizadas e as interrompidas) todos os pesquisados relataram que nos últimos 15 dias haviam dormido pelo menos um dia nas ruas, em abrigos ou albergues. Caracterizando-se desta forma, enquanto público alvo da pesquisa.

# 5.2 Perfil da população em situação de rua na RMGV

Esta subseção visa apresentar informações sobre o perfil dos sujeitos entrevistados.

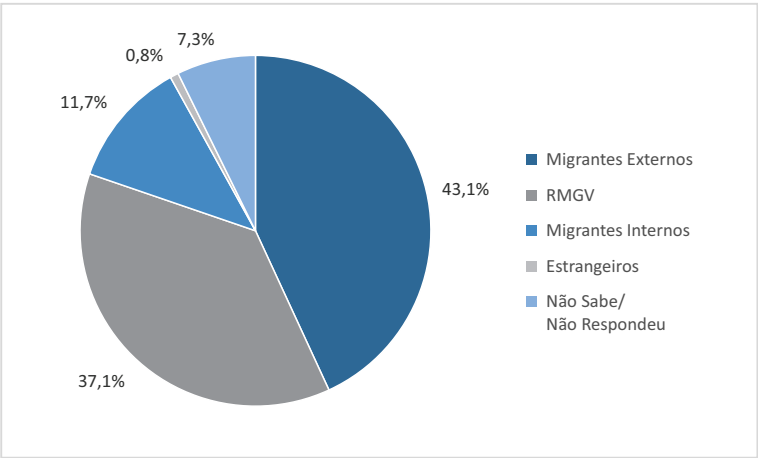
**Figura 8 |** Quantos dias por semana você dorme nas ruas, abrigos ou albergues? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 8 sinaliza que a maioria dos entrevistados (90,9%) dormem nas ruas, abrigos ou albergues todos os dias da semana, enquanto 3,6% (14) dos sujeitos afirmaram que dormem em algum dos locais mencionados três dias por semana.

**Figura 9 |** Cidade onde nasceu (%)

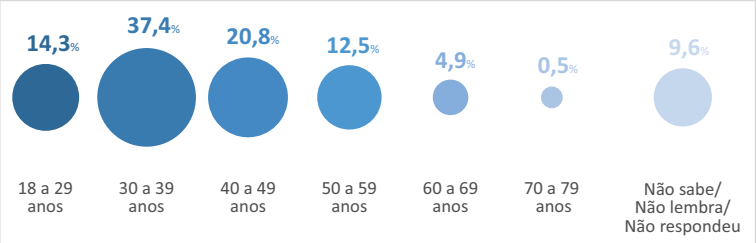



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 9 ilustra a cidade onde os participantes da pesquisa nasceram. Observa-se que 43,1% (166) não nasceram no estado do Espírito Santo; 37,1% (143) nasceram na Região Metropolitana da Grande Vitória; 11,7% (45) nasceram em outros municípios do ES, que não pertencem à RMGV, e 0,8% (3) são estrangeiros, ou seja, não nasceram no Brasil.

Os dados da pesquisa indicam que 37,4% (144) dos entrevistados têm entre 30 e 39 anos; 20,8% (80) possuem entre 40 e 49 anos; 14,3% (55) são jovens, visto que têm entre 18 e 29 anos; 12,5% (48) possuem entre 50 e 59 anos e 5,4% (21) são idosos, pois possuem 60 anos ou mais (somando-se as duas últimas faixas etárias) (figura 10).

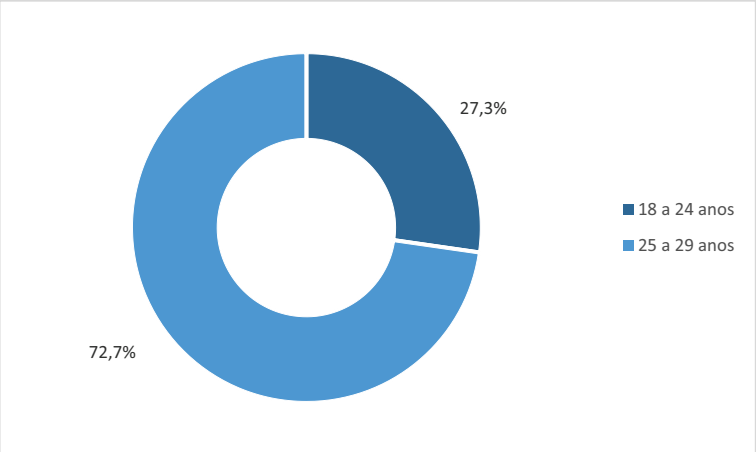
**Figura 10 |** Faixa etária dos entrevistados (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre os jovens, a figura 11 destaca que 72,7% (40) têm entre 25 e 29 anos, enquanto 27,3% (15) possuem entre 18 e 24 anos.

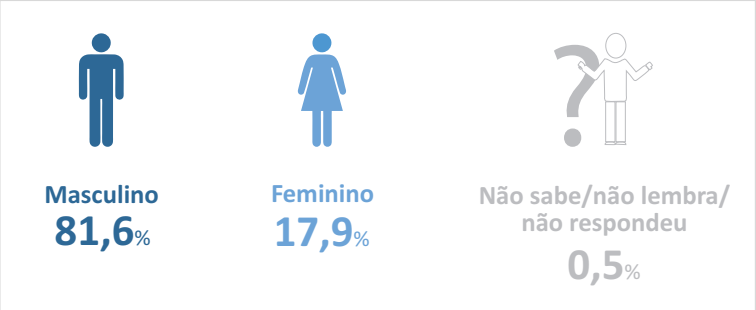
**Figura 11 |** Faixa etária de entrevistados jovens (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

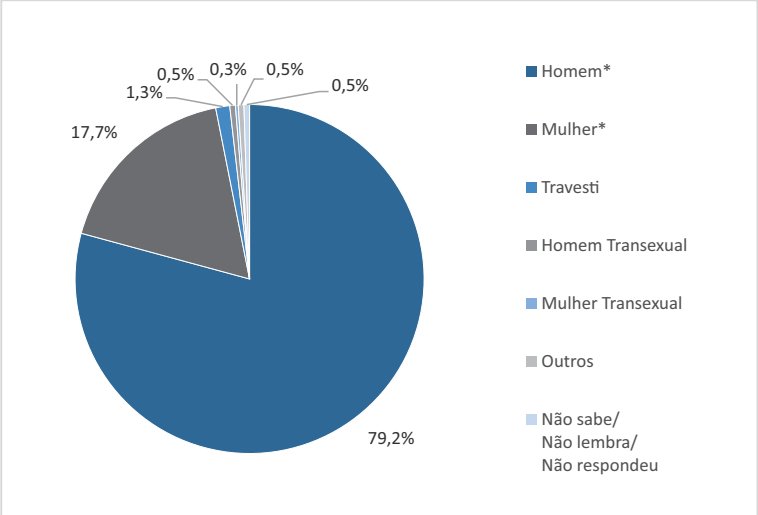
Dentre a população participante da pesquisa, 81,6% (314) são do sexo masculino e 17,9% (69) do sexo feminino, conforme ilustra a figura 12.

**Figura 12 |** Sexo dos Entrevistados (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

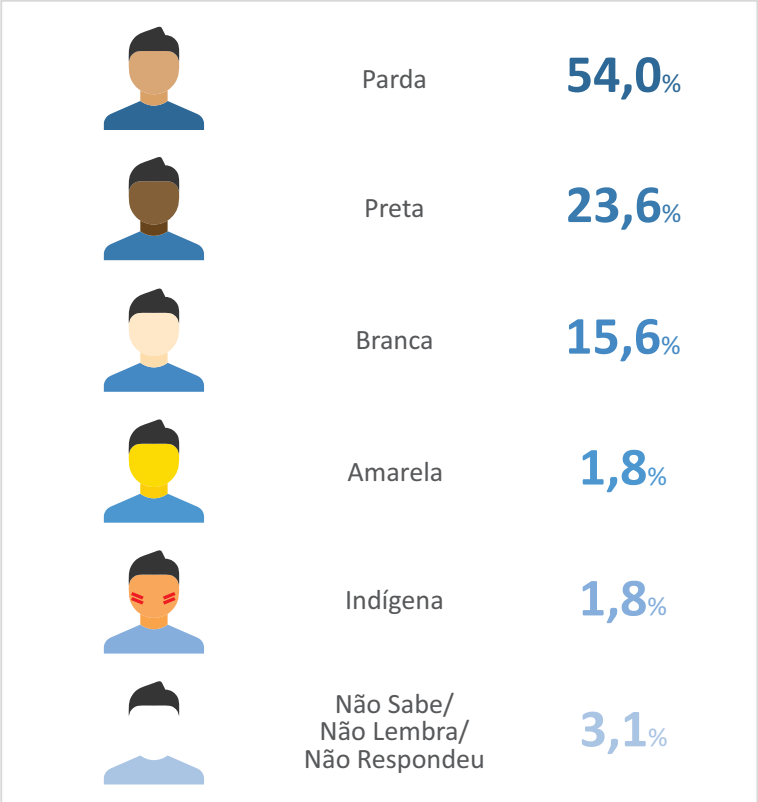
**Figura 13 |** Identidade de Gênero (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A pesquisa optou por manter a denominação genérica nessa questão para homem e mulher ao se referir a homem cisgênero e a mulher cisgênero, buscando facilitar a compreensão da pergunta pelo público entrevistado. Cisgênero é o termo utilizado para referir-se às pessoas que se identificam com o gênero designado em seu nascimento.

Em relação à identidade de gênero, os resultados indicam que 79,2% (305) dos entrevistados identificam-se como homens, 17,7% (68) como mulheres, 1,3% (5) como travestis, 0,5% (2) como homem transexual e 0,5% (1) enquanto mulher transexual (figura 13).

**Figura 14 |** Cor ou Raça (%)

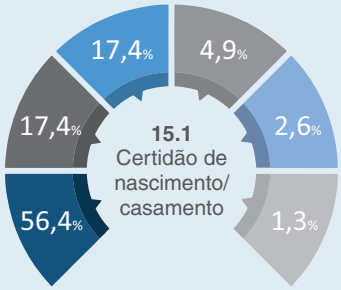



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

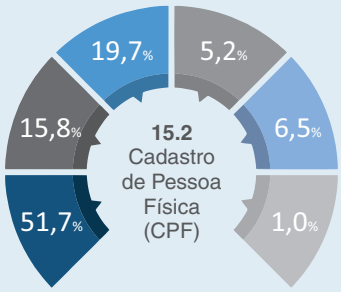
Do total dos sujeitos entrevistados, 54,0% (208) declaram-se pardos; 23,6% (91) afirmaram que são pretos; 15,6% (60) são brancos. Os negros (soma de pardos e pretos) representam 77,6% (299) da população entrevistada (figura 14).

**Figura 15 |** Quais dos seguintes documentos você tem ou já teve? (%)

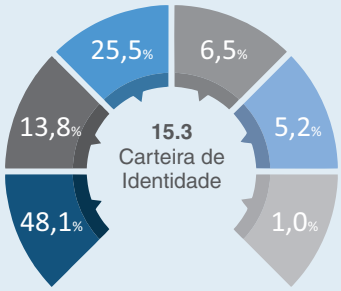
**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).



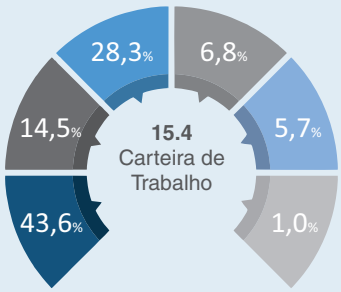

A figura 15.1 indica que 56,4% (217) dos sujeitos participantes deste estudo possuem certidão de nascimento ou casamento. Por outro lado, 17,4% (67) afirmaram que têm, mas deixaram em alguma entidade (Abrigo/Albergue ou Centro Pop) e 17,4% (67) já tiveram o documento, mas perderam, venderam ou danificaram.




A figura 15.2 aponta que 51,7% (199) dos entrevistados têm CPF e guardam consigo ou com alguém de confiança; 19,7% (76) afirmaram que já tiveram, no entanto, perderam, venderam ou danificaram; 15,8% (61) possuem o documento, porém deixaram em alguma entidade (Abrigo/Albergue/Centro Pop); 6,5% (25) afirmaram que não têm o documento e 5,2% (20) tiveram o CPF roubado ou retirado.

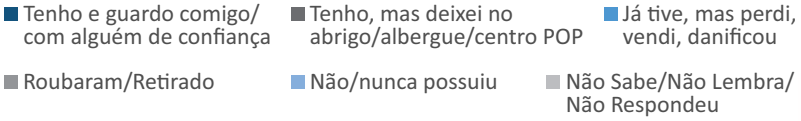



Em relação a Carteira de Identidade, a figura 15.3 sinaliza que 48,1% (185) dos participantes da pesquisa têm o documento; 25,5% (98) já tiveram, mas perderam, venderam ou danificaram; 13,8% (53) possuem o documento, mas deixaram em alguma entidade (Abrigo/Albergue ou Centro Pop); 6,5% (25) afirmam que tiveram o documento roubado ou retirado e 5,2% (20) não possuem carteira de identidade.



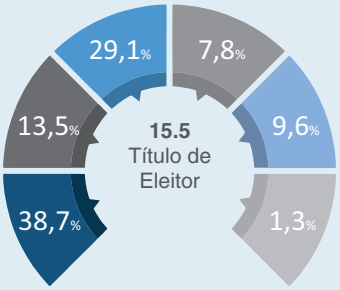

Dentre a população pesquisada, 43,6% (168) têm carteira de trabalho; 28,3% (109) já tiveram o documento, mas perderam, venderam ou danificaram; 14,5% (56) possuem, mas deixaram em alguma entidade (Abrigos, Albergues, Centro Pop); 6,8% (26) tiveram o documento roubado ou retirado e 5,7% (22) não têm carteira de trabalho, conforme indicado na figura 15.4.

**Figura 15 |** Quais dos seguintes documentos você tem ou já teve? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

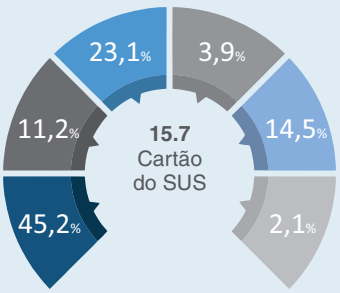
De acordo com a figura 15.5, 38,7% (149) dos entrevistados possuem título de eleitor e guardam consigo ou com alguém de confiança; 13,5% (52) possuem, mas deixaram em alguma entidade (Abrigo/Albergue/Centro Pop); 29,1% (112) afirmam que já tiveram, mas perderam, venderam ou danificaram; 9,6% (37) não têm/nunca tiveram o documento; 7,8% (30) foram roubados.




No que concerne ao certificado de reservista, a figura 15.6 aponta que: 33,9% (107) dos entrevistados afirmaram que têm o documento e guardam consigo ou com alguém de confiança; 31,0% (98) já tiveram o documento, mas perderam, venderam ou danificaram; 13,0% (41) não possuem, 12,3% (39) têm certificado de reservista, mas deixaram em abrigo/albergue ou Centro Pop e 7,9% (25) foram roubados.




A figura 15.7 sinaliza que 45,2% (174) dos participantes desse estudo têm Cartão do SUS (Sistema Único de Saúde); 23,1% (89) responderam que já tiveram o documento, mas perderam, danificaram ou venderam; 14,5% (56) não possuem/nunca tiveram; 11,2% (43) afirmaram que têm o Cartão SUS, mas deixaram no Abrigo, Albergue ou Centro Pop; 3,9% (15) tiveram esse documento roubado ou retirado.




A figura 15.8 aponta que a maioria dos entrevistados (76,1%) não têm Carteira Nacional de Habilitação. Por outro lado, 8,6% (33) já tiveram, mas perderam, venderam ou tiveram o documento danificado; 8,3% (32) possuem e guardam consigo ou com alguém de confiança; 3,4% (13) têm, porém, deixaram em alguma entidade (Abrigo/Albergue/Centro Pop).

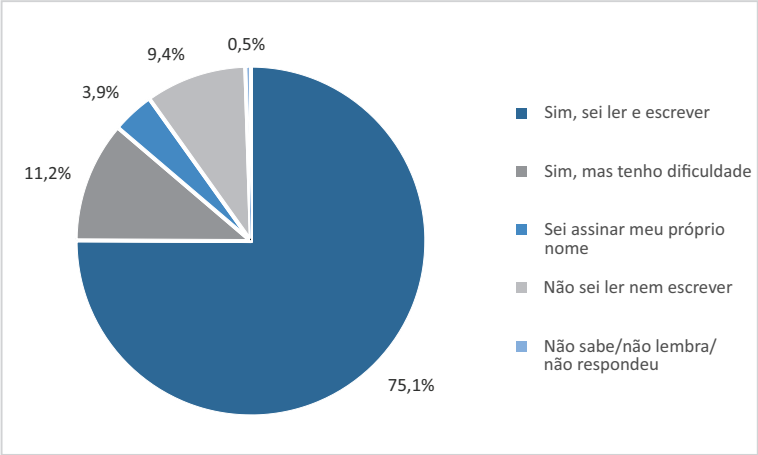


# 5.3 Educação

Este bloco visa apresentar os resultados referentes à escolaridade dos sujeitos participantes da pesquisa.

Os resultados desse estudo indicam que 75,1% (289) dos entrevistados sabem ler e escrever. Em contrapartida, 11,2% (43) leem e escrevem, mas com dificuldades, 9,4% (36) não sabem ler nem escrever e 3,9% (15) apenas assinam o próprio nome (figura 16).

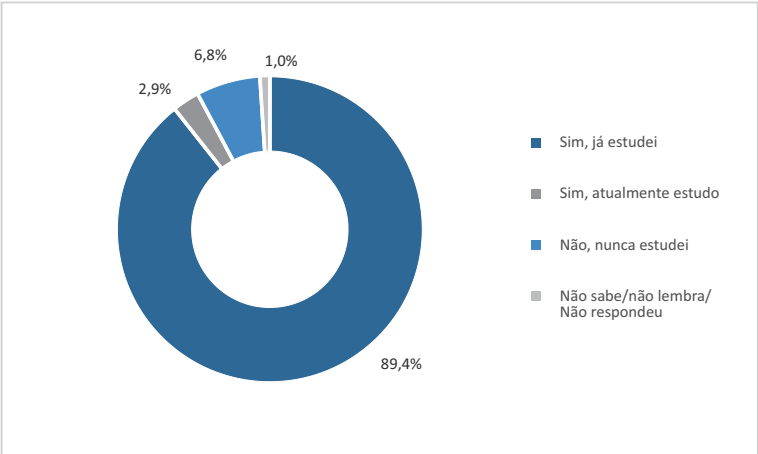
**Figura 16 |** Você sabe ler e escrever? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

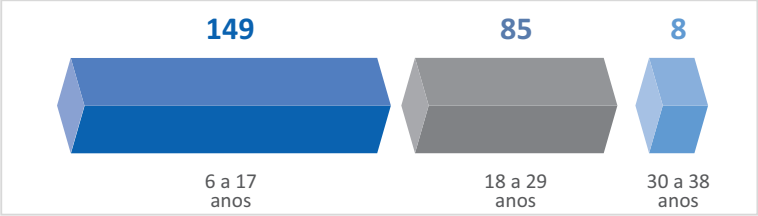
Dentre a população entrevistada, 89,4% (344) apontam que já frequentaram escola ou estabelecimento de ensino, 6,8% (26) nunca estudaram e 2,9% (11) estão estudando atualmente (figura 17).

**Figura 17 |** Frequenta ou já frequentou escola ou estabelecimento de ensino? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 18 |** Faixa etária que interrompeu os estudos (Números Absolutos)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre os que responderam sobre a idade em que interromperam os estudos, 149 entrevistados estavam na faixa etária de 6 a 17 anos; 85 estavam entre 18 e 29 anos e 8 na faixa etária de 30 a 38 anos (figura 18).

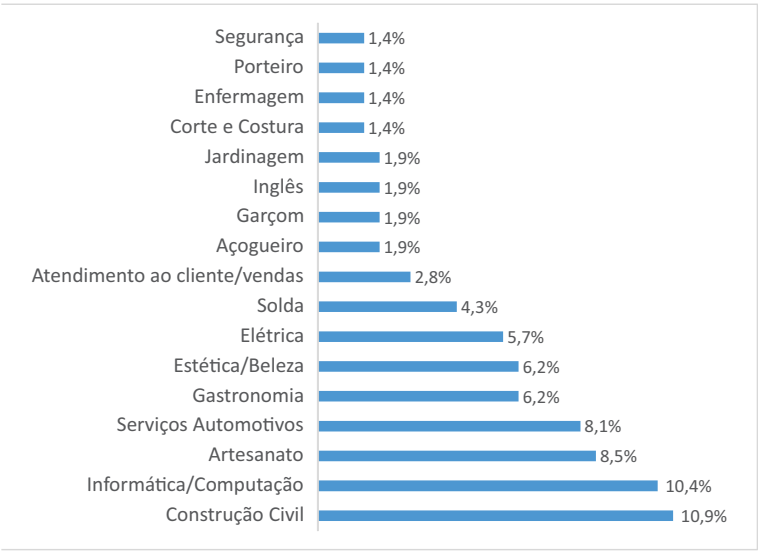
**Figura 19 |** Teve acesso a alguma outra forma de conhecimento, onde adquiriu habilidades, conhecimentos específicos ou profissionais fora do modelo tradicional de ensino? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 19 mostra que 56,6% (218) dos entrevistados não tiveram acesso a outra forma de conhecimento (habilidades, conhecimentos específicos ou profissionais) fora do modelo tradicional de ensino. Enquanto 42,1% (162) responderam que adquiriram conhecimentos fora da escola.

**Figura 20 |** Outras formas de conhecimentos* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

Para viabilizar a análise dos dados, opta-se em criar categorias em todas as questões abertas que englobem as respostas similares (conforme explicitado na metodologia deste texto). Nesse sentido, a figura 20 aponta a categorização, a partir das respostas indicadas pelos entrevistados, dos conhecimentos adquiridos fora da instituição escolar, a saber: construção civil (10,9%); informática/computação (10,4%); artesanato (8,5%); serviços automotivos (8,1%) gastronomia (6,2%); estética/beleza (6,2%); elétrica (5,7%); solda (4,3%); atendimento ao cliente (2,8%), dentre outras destacadas na figura 20. Esses percentuais correspondem, respectivamente, em números absolutos, a 23, 22, 18, 17, 13, 13, 12, 9 e 6 respostas.

A tabela 4 informa as respostas que foram mais recorrentes, entre os sujeitos da pesquisa, no que diz respeito às principais dificuldades que eles tiveram para iniciar ou continuar os estudos. Sendo assim, as principais respostas destacadas foram: 30,8% (124) precisava trabalhar; 14,6% (59) devido à falta de interesse em estudar; 8,4% (34) por causa da falta de apoio da família; 7,7% (31) casamento/filhos; 7,7% (31) devido ao envolvimento com drogas; 5,2% (21) afirmaram que a escola era longe de casa; 3,5% (14) devido à dificuldade de entender ou compreender o conteúdo; 3,2% (13) problemas de saúde/acidente, 3,0% (12) falecimento de familiares, dentre outras respostas indicadas na tabela 4. As outras 15 respostas fornecidas pelos entrevistados foram: amizades (2); briga (1); chuva (1); gosta de liberdade (1); sofria agressões (1); necessidade da vida (1); necessidade familiar (1); não se adaptou (1); doideira (1); só foi registrado com 16 anos (1); precisava ir embora de casa (1); horário (1); por questões políticas do seu país (1).

**Tabela 4 |** Principais dificuldades para iniciar ou retornar aos estudos* (%)

| Categorias | Quantidade | % |
|---|---|---|
| Precisava trabalhar | 124 | 30,8% |
| Falta de interesse em estudar | 59 | 14,6% |
| Falta de apoio da família | 34 | 8,4% |
| Casamento, filhos | 31 | 7,7% |
| Envolvimento com drogas | 31 | 7,7% |
| Escola era longe da casa | 21 | 5,2% |
| Dificuldade de entender ou compreender o conteúdo das aulas | 14 | 3,5% |
| Problemas de saúde, acidente | 13 | 3,2% |
| Falecimento de familiares | 12 | 3,0% |
| Dificuldades Financeiras | 12 | 3,0% |
| Mudou de cidade ou estado | 9 | 2,2% |
| Conflitos familiares | 7 | 1,7% |
| Não ter vaga na escola pública | 4 | 1,0% |
| Suspensão ou advertência da escola | 4 | 1,0% |
| Por estar em situação de rua | 4 | 1,0% |
| Envolvimento com o crime | 3 | 0,7% |
| Ter sido reprovado | 2 | 0,5% |
| Estava em privação de liberdade | 2 | 0,5% |
| Preconceito | 2 | 0,5% |
| Outras respostas | 15 | 3,7% |
| Total | 403 | 100,0% |

**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

**Figura 21 |** Nível de Escolaridade (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 21 indica o nível de escolaridade dos participantes desse estudo. Considerando as respostas válidas, nota-se que 33,2% (111) dos entrevistados têm o ensino fundamental incompleto; 32,3% (108) possuem o ensino fundamental completo; 16,2% (54) concluíram o ensino médio; 10,2% (34) não concluíram a última etapa da educação básica, dentre outras informações ilustradas na figura.

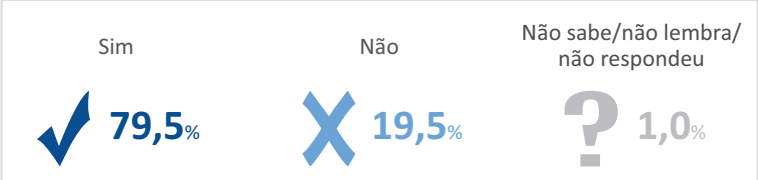
As informações referentes aos níveis de escolaridade dos entrevistados foram viáveis devido ao cruzamento das seguintes questões: "qual foi o último curso que frequentou, no qual concluiu ao menos uma série" com a pergunta "concluiu este curso que frequentou com aprovação?".

# 5.4 Trabalho

Esta subseção visa apresentar questões referentes ao trabalho e às perspectivas de trabalho da população entrevistada.

Entre os sujeitos participantes deste estudo, 79,5% (306) afirmaram que possuem alguma profissão, enquanto 19,5% (75) não têm profissão (figura 22).

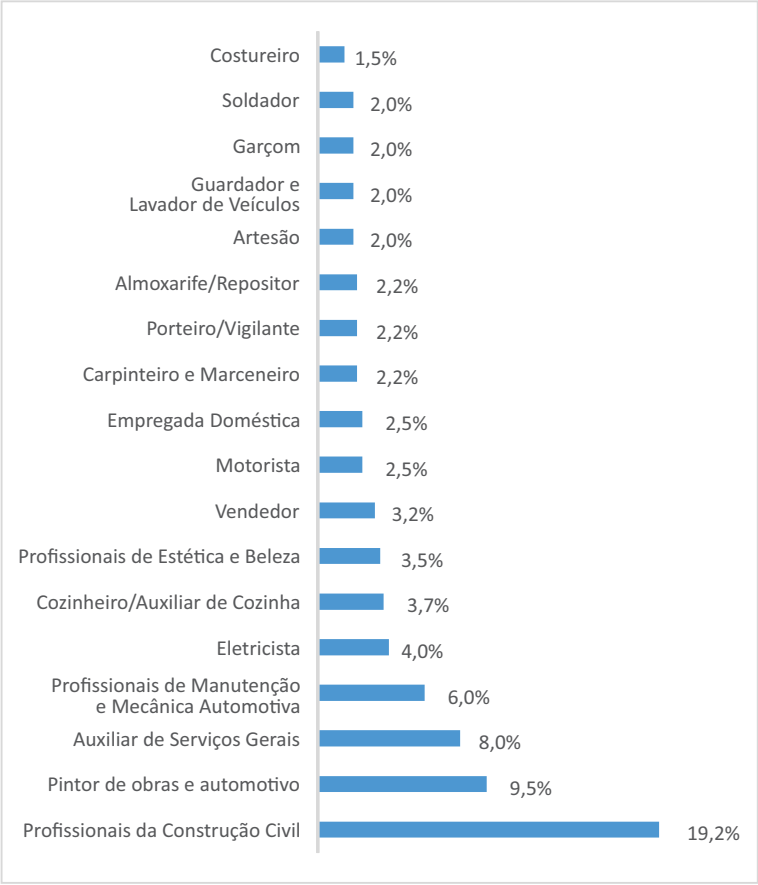
**Figura 22 |** Você possui alguma profissão? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

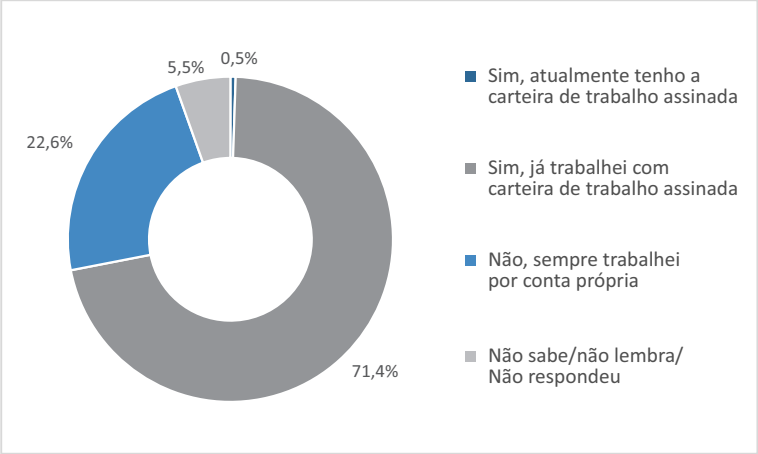
Em relação às profissões indicadas pelos sujeitos participantes desse estudo, realizou-se também uma categorização das respostas, agrupando profissões com alguma similaridade por áreas, conforme descrito na figura 23. Nesse sentido, 19,2% (77) das respostas indicam profissionais da construção civil; 9,5 (38) pintor de obras e automotivo; 8,0% (32) auxiliar de serviços gerais; 6,0% (24) profissionais de manutenção e mecânica automotiva; 4,0% (16) eletricista; 3,7% (15) cozinheiro/auxiliar de cozinha; 3,5% (14) profissionais de estética e beleza; 3,2% (13) vendedor; 2,5% (10) motorista; 2,5% (10) empregada doméstica; 2,2% (9) carpinteiro e marceneiro; 2,2% (9) porteiro/vigilante; 2,2% (9) almoxarife/repositor; 2,0 (8) artesão; dentre outras.

**Figura 23 |** Profissão* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

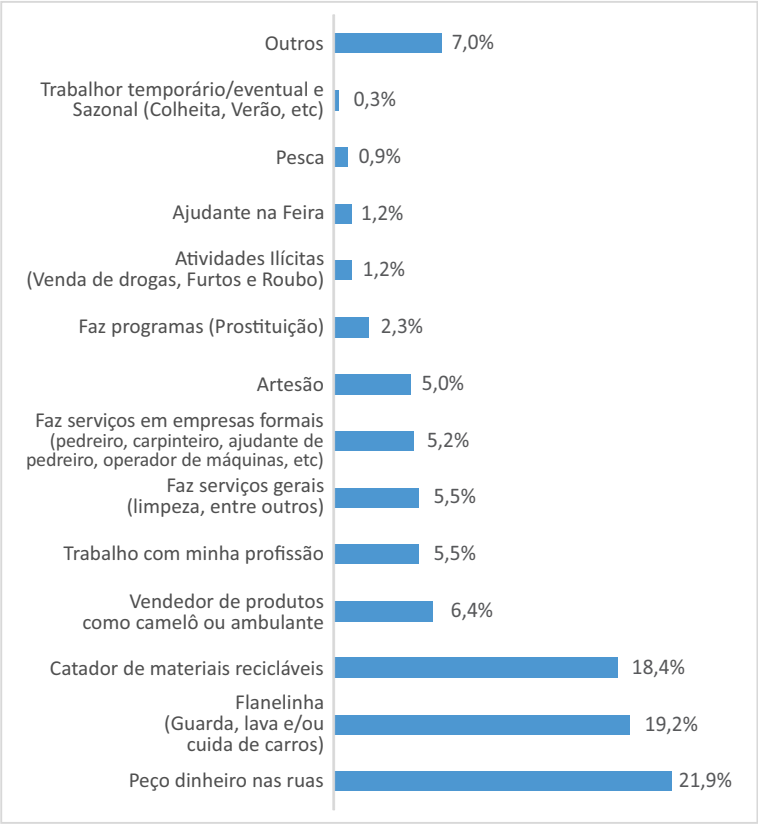
**Figura 24 |** Está ou já esteve empregado(a) com carteira de trabalho assinada? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Os dados da pesquisa sinalizam que 71,4% (275) da população participante deste estudo já trabalhou de carteira de trabalho assinada. Por outro lado, 22,6% (87) nunca trabalharam de carteira de trabalho assinada (mas sempre por conta própria), 5,5% (21) não sabem/não lembram ou não responderam à pergunta e 0,5% (2) trabalham atualmente com a carteira de trabalho assinada (figura 24).

**Figura 25 |** Nos últimos 15 dias, o que fez para ganhar dinheiro?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

A figura 25 indica o que os entrevistados fizeram para ganhar dinheiro nos últimos 15 dias. Desse modo, as principais respostas foram: 21,9% (75) pedir dinheiro na rua; 19,2% (66) flanelinha; 18,4% (63) catador de matérias recicláveis, 6,4% (22) vendedor de produtos como camelô ou ambulante; 5,5% (19) trabalho com a minha profissão; 5,5% (19) serviços gerais; 5,2% (18) serviços em empresas formais, como pedreiro e carpinteiro; 5,0% (17) artesão, dentre outras respostas indicadas na figura 25.

Do total de entrevistados, 39,2% (151) relataram que trabalham em atividades temporárias e 39,2% (151) responderam que não trabalham em atividades temporárias. Dentre os que realizam atividades temporárias, cerca de 51 deles responderam que se deslocam para outras cidades para a realização dessas atividades (figura 26).

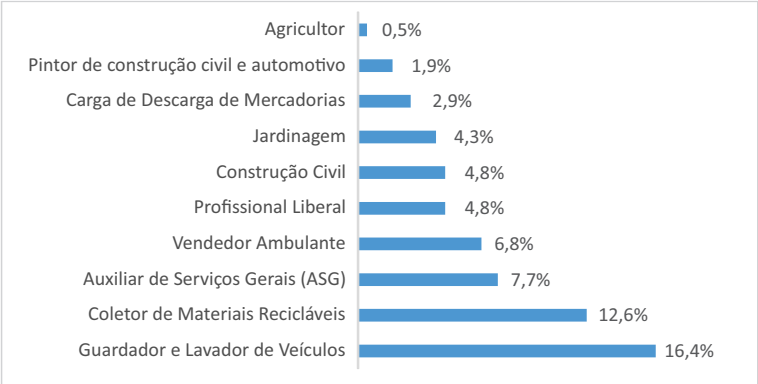
**Figura 26 |** Trabalha em atividades temporárias? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Os resultados do estudo sinalizam que as principais atividades temporárias exercidas pelos entrevistados são: 16,4% (34) guardador e lavador de veículos; 12,6% (26) coletor de materiais recicláveis; 7,7% (16) auxiliar de serviços gerais; 6,8% (14) vendedor ambulante; 4,8% (10) construção civil; 4,8% (10) profissional liberal (10), dentre outras destacadas na figura 27.

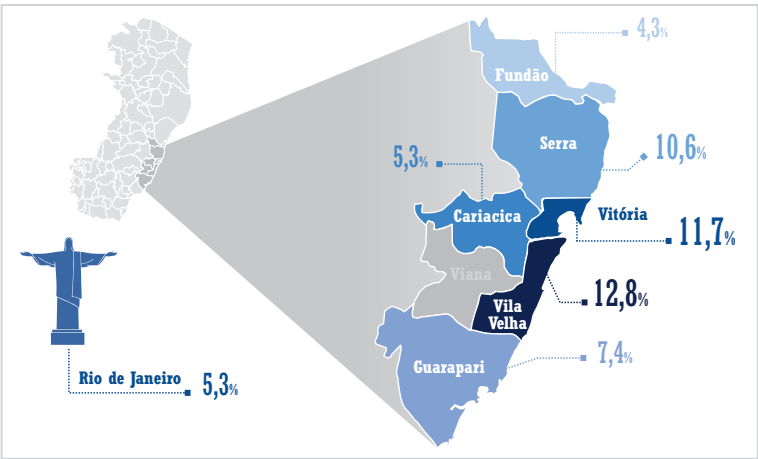
**Figura 27 |** Principais atividades temporárias* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

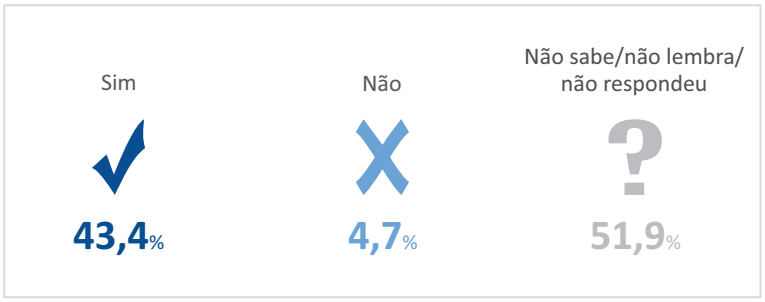
Os resultados da pesquisa sinalizam que cerca de 12,8% (12) dos entrevistados, que fazem alguma atividade temporária, deslocam-se para Vila Velha para a realização de suas atividades, enquanto 11,7% (11) e 10,6% (10) deslocam-se para os municípios de Vitória e Serra, respectivamente (figura 28).

**Figura 28 |** Principais cidades que migram para trabalhar* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

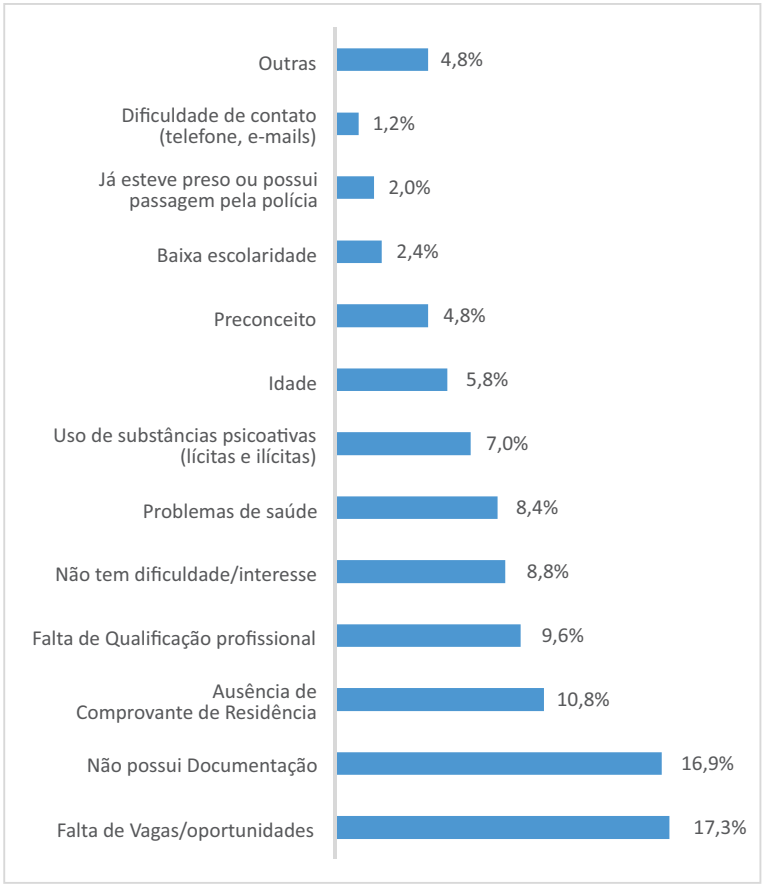
**Figura 29 |** Nos últimos 15 dias, você adquiriu renda proveniente de trabalho?




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

De acordo com a figura 29, 43,4% (167) dos entrevistados afirmaram que trabalharam nos últimos 15 dias e a renda média que eles aferiram nesse período foi de R$386,67 (Trezentos e oitenta e seis reais e sessenta e sete centavos).

**Figura 30 |** Principais dificuldades para conseguir emprego formal (carteira assinada, contrato)* (%)

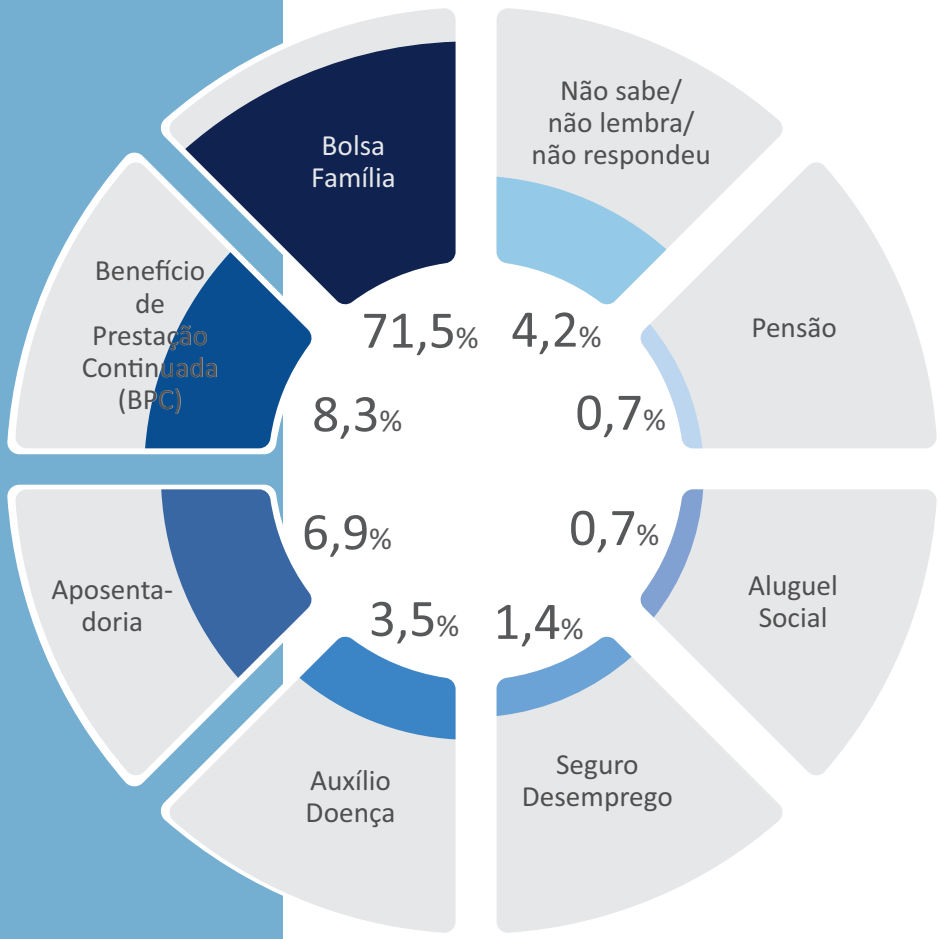



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

As respostas mais destacadas pelos entrevistados em relação às dificuldades que eles têm para conseguirem emprego formal foram: 17,3% (86) falta de vagas/oportunidades; 16,9% (84) não possui documentação; 10,8% (54) ausência de comprovante de residência; 9,6% (48) falta de qualificação profissional; 8,8% (44) não tem dificuldade/interesse; 8,4% (42) problemas de saúde; 7,0% (35) uso de substâncias psicoativas; 5,8% (29) Idade; 4,8% (24) preconceito; 2,4% (12) baixa escolaridade ; 2,0% (10) já esteve preso ou possui passagem pela polícia; 1,2% (6) dificuldades de contato (figura 30).

Algumas respostas apontadas no campo “outros” foram: crise (4); aposentado (4); não tem passagem (1); equilíbrio emocional (1); falta de indicação (1), dentre outras.

**Figura 31 |** Você recebe algum benefício para auxiliar seus sustentos?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

Os resultados deste estudo apontam que o principal benefício recebido pelos entrevistados é o Bolsa Família, que representa 71,5% (103) das respostas, seguido do Benefício de Prestação Continuada com um percentual de 8,3% (12) (figura 31).

# 5.5 Trajetória

Este bloco apresenta aspectos da trajetória dos sujeitos participantes da pesquisa a partir de sua vivencia em situação de rua.

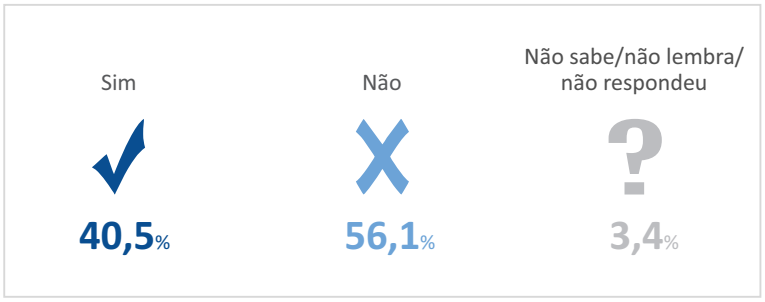
**Figura 32 |** Tempo de Pernoite nas Ruas/Abrigos/Albergues (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 32 aborda o período de tempo em que os entrevistados relataram estar em situação de rua, utilizando os espaços das ruas/abrigos/albergues para passarem a noite. Os dados coletados revelaram que entre os 385 entrevistados, 202 (52,5%) estavam a mais de dois anos em situação de rua; 61 (15,8%) entre 1 mês e 6 meses; 44 (11,4%) entre 1 ano e 2 anos; 33 (8,6%) alegaram está nesta situação entre uma semana e um mês; 31 (8,1%) tinham entre 6 meses a 1 ano e 4 (1%) responderam se encontrar nesta situação desde a tenra infância (nasceu/cresceu em situação de rua).

**Figura 33 |** Esteve outras vezes em Situação de Rua? (%)

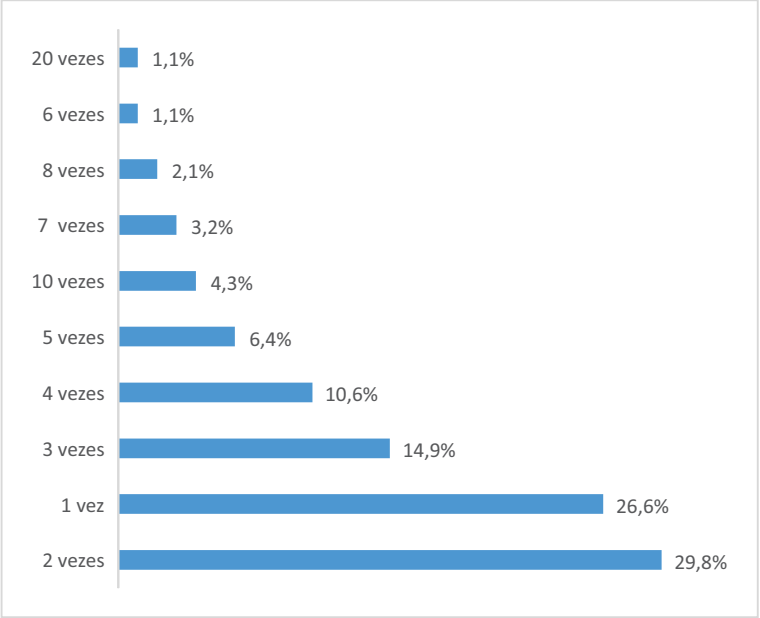



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A pesquisa buscou identificar também se, em suas trajetórias de vida, os sujeitos entrevistados estiveram outras vezes em situação de rua. Observa-se na figura 33 que 40,5% (156) deles confirmaram já ter vivenciado está situação outras vezes e 56,1% (216) responderam não ter reincidência.

Dentre os entrevistados que relataram ter vivenciado retorno à situação de rua, buscou-se identificar em seus históricos quantas vezes esta experiência se repetiu. A figura 34 traduz as informações coletadas na pesquisa onde: 1,1% (1) retornaram 20 vezes à situação de rua; 1,1% (1) retornaram 6 vezes; 2,1% (2) retornaram 8 vezes; 3,2% (3) retornaram 7 vezes; 4,3% (4) retornaram 10 vezes; 6,4% (6) retornaram 5 vezes; 10,6% (10) retornaram 4 vezes; 14,9% (14) retornaram 3 vezes; 26,6% (25) retornaram 1 vez e 29,8% (28) responderam já terem retornado 2 vezes.

**Figura 34 |** Quantas vezes os entrevistados retornaram à Situação de Rua (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

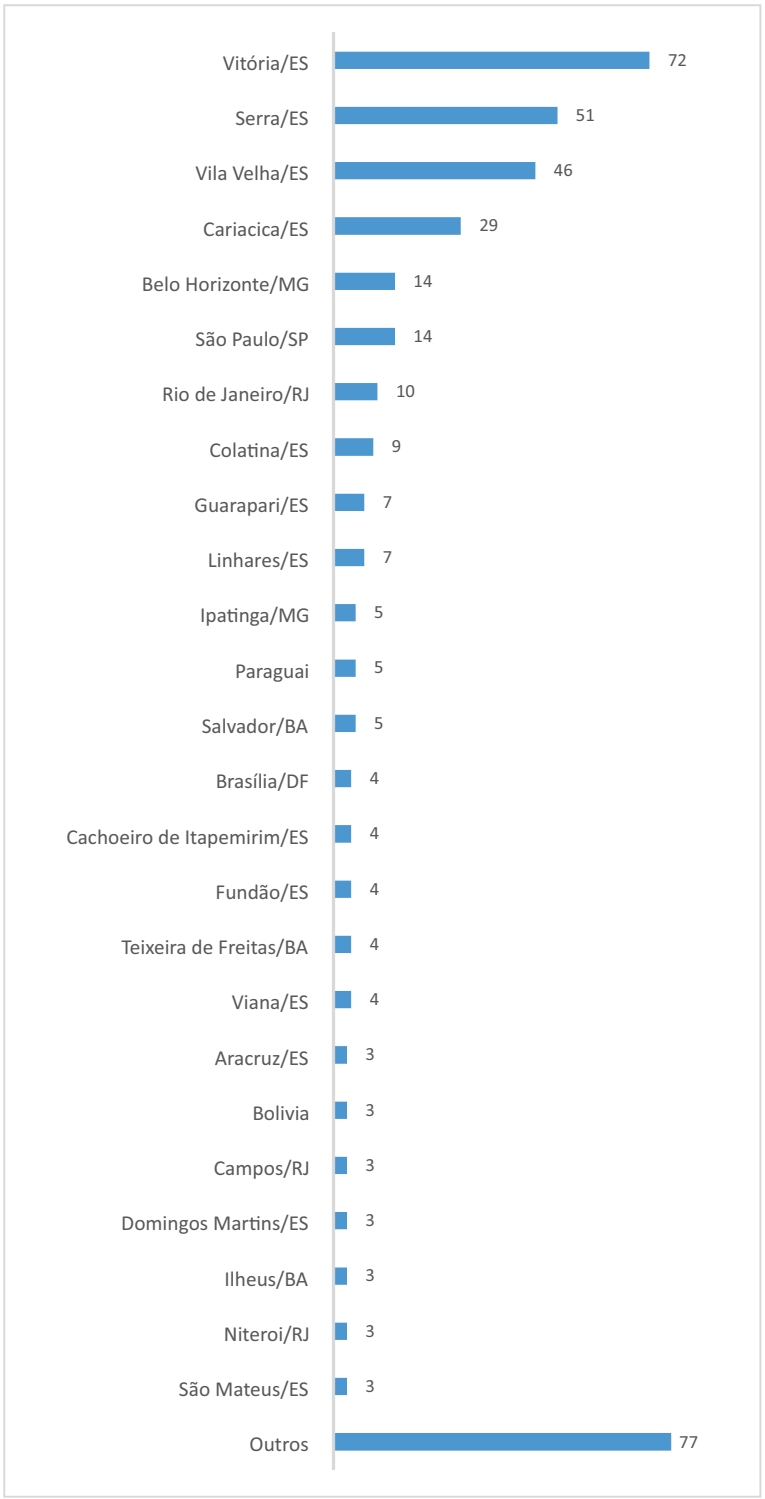
Buscou-se captar na pesquisa a trajetória dos entrevistados nos seus últimos 5 anos, identificando do parte do fluxo entre cidades durante o período de tempo estabelecido (últimos 5 anos). De acordo com a figura 35, 225 (58,4%) informaram que já estiveram em outras cidades nos últimos 5 anos.

**Figura 35 |** Nos últimos 5 anos esteve em situação de rua em outras Cidades? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 36 |** Cidade onde os entrevistados estiveram em Situação de Rua nos Últimos 5 anos* (Números absolutos)

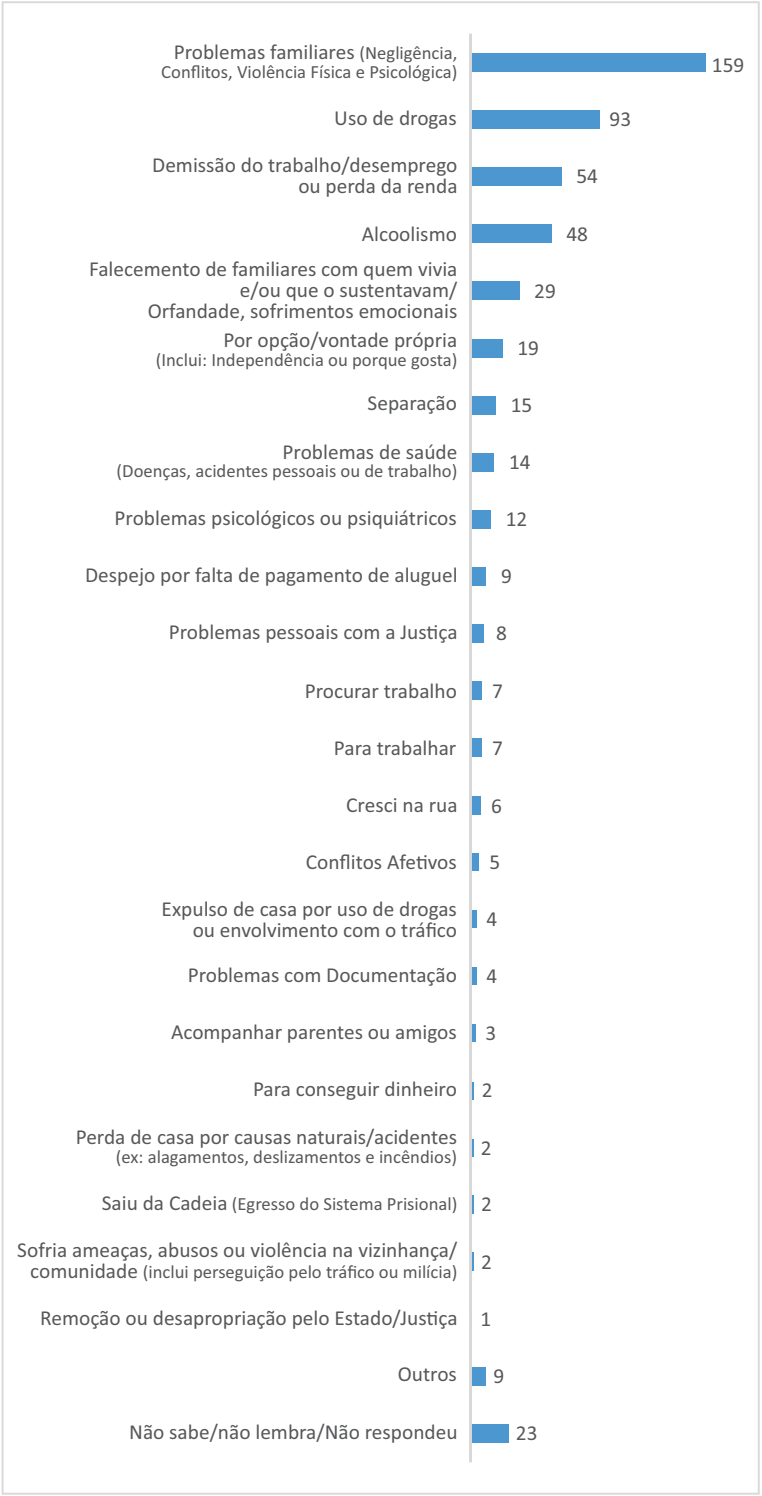



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

Ressalta-se que esta pergunta foi aberta e poderia conter múltiplas marcações, logo, chegou-se a um total de 392 respostas, das quais: 198 (50,5%) sinalizaram um intenso fluxo entre quatro municípios da RMGV: Vitória (72), Serra (51), Vila Velha (46), Cariacica (29). Esse fato provavelmente tem forte ligação com a proximidade entre estes municípios, a oferta de serviços laborais, assistenciais, de saúde, entre outros. Desta forma, este fluxo constante dos sujeitos da pesquisa entre as cidades que compõe a RMGV pode compor as estratégias de sobrevivência deste grupo populacional (figura 36).

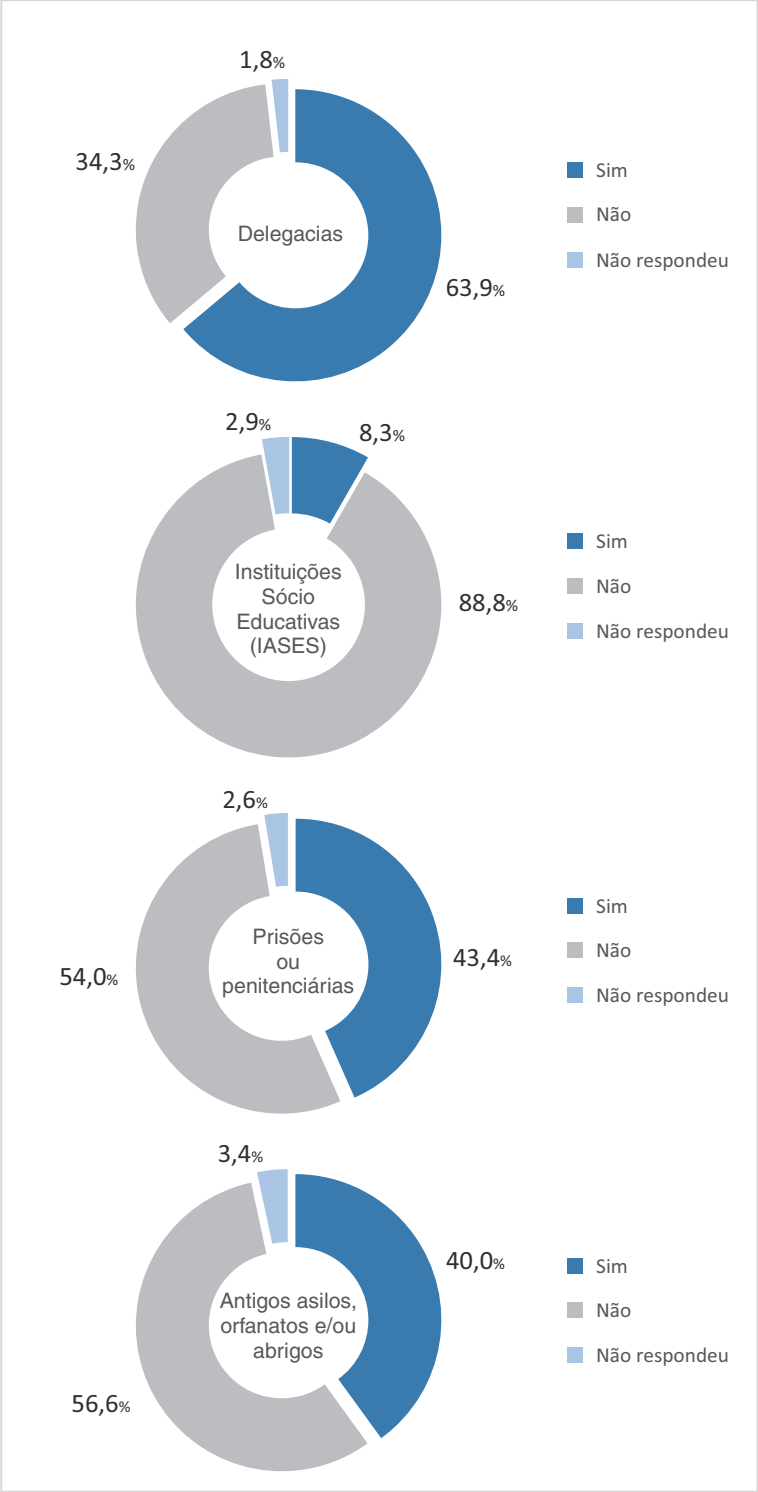
Na figura 37 buscou-se compreender quais os principais motivos que levaram os entrevistados à situação de rua. As respostas com maior frequência foram: problemas familiares 29,6% (159); uso de drogas ilícitas 17,3% (93); demissão do trabalho 10,1% (54); alcoolismo 8,9% (48); falecimento de familiares 5,4% (29); por vontade própria 3,5% (19); separação 2,8% (15); problemas de saúde 2,6% (14); problemas psicológicos 2,2% (12), entre outras.

**Figura 37 |** Principais Motivos que levou à Situação de Rua* (Números absolutos)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

**Figura 38 |** Você já esteve em alguma das seguintes Instituições*:




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

A figura 38 faz informa sobre a passagem ou não dos entrevistados por algumas instituições em sua trajetória, que são: Delegacias, IASES, Prisões ou Penitenciarias, Asilos/Orfanatos ou Abrigos.

Dentre os entrevistados, 63,9% (246) relataram que já estiveram em delegacias, enquanto 34,3% (132) informaram não ter passagem por esta instituição.

Em relação ao IASES, 88,8% (342) informaram não ter passagem; enquanto 8,3% (32) responderam que já estiveram nesta instituição.

Quanto à passagem por prisões e penitenciárias, 54,0% (208) responderam não ter passagem, por outro lado, 43,4% (167) responderam possuir passagem em prisões ou penitenciárias.

A última instituição elencada dentro deste bloco de instituições remete aos antigos asilos, abrigos ou orfanatos: 56,6% (218) dos entrevistados responderam que não tiveram passagem por estas instituições e 40,0% (154) responderam possuir passagem por estas instituições em sua trajetória de vida.

# 5.6 Cotidiano

Este bloco visa apresentar as experiências do cotidiano dos sujeitos em situação de rua que participaram da pesquisa.

Na pergunta inicial do Bloco 05, buscou-se captar se nos últimos 15 dias os entrevistados pernoitaram somente na cidade onde concederam a entrevista. De acordo com a figura 39: 87,5% (337) deles informaram dormir somente na cidade onde responderam a entrevista e 10,9% (42) responderam ter pernoitado em outras cidades nos últimos 15 dias.

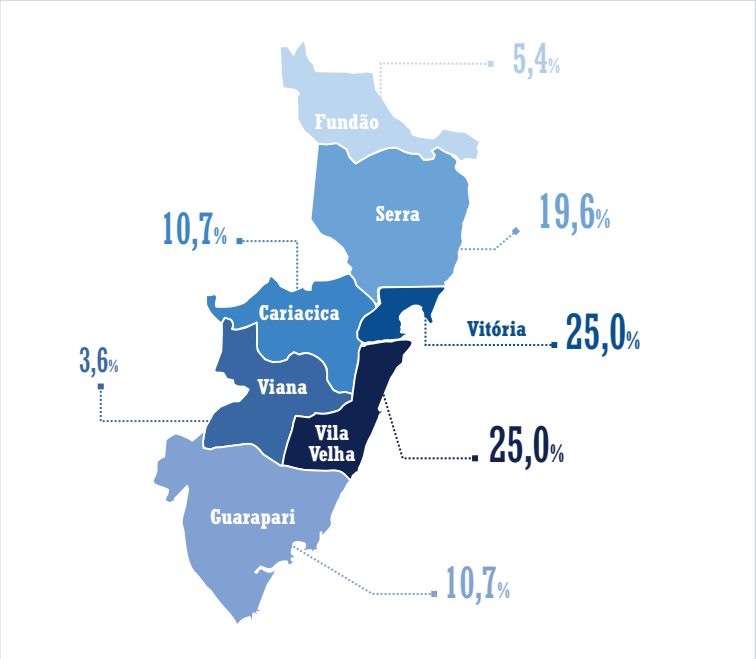
**Figura 39 |** Dormiu somente nesta Cidade nos últimos 15 dias? (%)




**Fonte:** Pesquisa com pessoas em situação de rua da Região Metropolitana da Grande Vitória 2017/2018.
**Elaboração:** IJSN- Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre os pesquisados, apenas 56 relataram ter pernoitado em municípios que compõem a RMGV nos últimos 15 dias, apresentando a seguinte distribuição: 14 (25,0%) relataram ter pernoitado na cidade de Vitória; 14 (25,0%) na cidade de Vila Velha; 11 (19,6%) na cidade de Serra; 6 (10,7%) na cidade de Cariacica; 6 (10,7%) em Guarapari; 3 (5,4%) na cidade de Fundão; 2 (3,6%) na cidade de Viana. Observa-se que Vitória, Vila Velha e Serra obtiveram maior índice de respostas, o que provavelmente relaciona-se ao fato destes municípios possuírem melhor infraestrutura de serviços de assistência social de média complexidade, possuindo Centro Pop e abrigos/albergues (figura 40).

**Figura 40 |** Cidade da RMGV que dormiu nos últimos 15 dias* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

**Figura 41 |** Onde dormiu nos últimos 15 dias?* (%)



Rua **68,3%**



Abrigo/ Albergues **24,9%**



Domicílio próprio, familia, cedido ou alugado **5,2%**



Carro **0,5%**



Hotel **0,2%**



Não Respondeu **0,7%**

**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

A figura 41 informa os locais onde os entrevistados dormiram nos últimos 15 dias. Nesse sentido, as respostas indicam que: 274 (68,3%) relataram ter pernoitado na rua nos últimos 15 dias; 100 (24,9%) informaram que pernoitaram em Abrigos/Albergues; 21 (5,2%) relataram que pernoitaram em domicílio próprio/familiar, cedido ou alugado; 2 (0,5%) responderam que pernoitaram em veículos; 1 (0,2%) em hotel, enquanto 3 (0,7%) não sabe/não lembra ou não respondeu à questão. Entre os sujeitos desse estudo somente 24 pessoas informaram mais de uma opção de resposta.

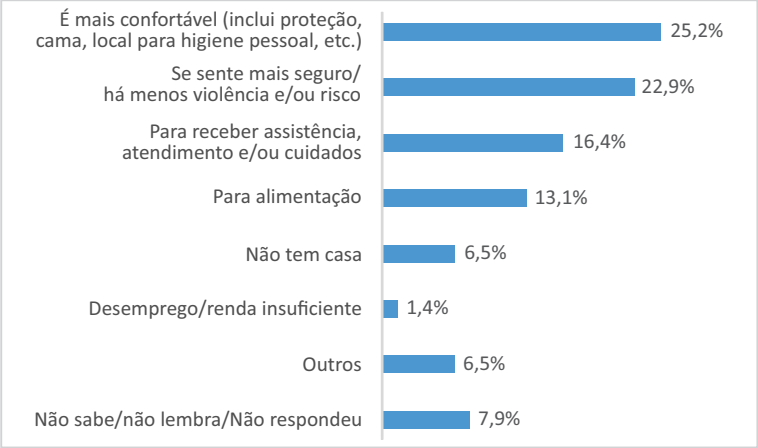
A figura 42 sinaliza quais são os principais motivos elencados pelos sujeitos para pernoitarem na rua em vez de espaços como abrigos/albergues. Dentre os principais fatores destacam-se: falta de vagas nos serviços (Abrigos/Albergues), com 58 (15,8%) respostas; na rua não tem regras ou proibições contra o uso de álcool e drogas, com 47 (12,8%) respostas; não ter restrições para ir e vir, com 30 (8,2%) respostas; não tem problemas com horário, com 23 (6,3%) respostas; acha mais confortável, com 18 (4,9%) respostas; não possui o serviço na cidade, com 16 (4,4%) respostas; processo para entrar em abrigos é difícil/complicado, com 13 (3,5%) respostas; não tem regras ou proibições contra sexo, com 12 (3,3%) respostas; Abrigos e Centro Pop são muito distantes, com 11 (3,0%) respostas; é melhor para gerar renda, com 11 (3,0%) respostas; por falta de informação/conhecimento a respeito deste serviço, com 11 (3,0%) respostas; não gosta de frequentar o serviço, com 10 (2,7%) respostas; regras, com 10 (2,7%) respostas.

**Figura 42 |** Por que dorme na rua e não em abrigos/albergues?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

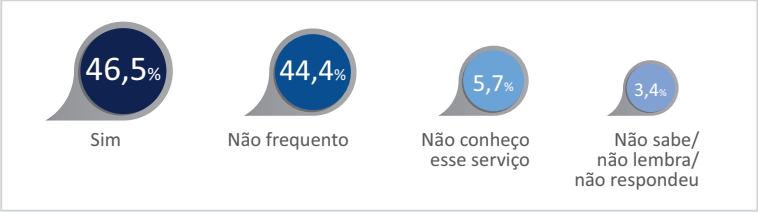
**Figura 43 |** Por que dorme em Abrigos/Albergues?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

A pesquisa também buscou identificar os motivos pelos quais os entrevistados preferem dormir nos abrigos/albergues em vez das ruas. Entre as principais respostas mensuradas, destacam-se: é mais confortável (inclui proteção, cama, local para higiene pessoal, etc.), com 54 (25,2%) respostas; se sente mais seguro, risco menor de violência, com 49 (22,9%) respostas; para receber assistência e atendimentos, com 35 (16,4%) respostas; para alimentação, com 28 (13,1%) respostas; não tem casa, com 14 respostas (6,5%); desemprego/falta de renda, com 3 respostas (1,4%); outros, com 14 (6,5%) respostas (figura 43).

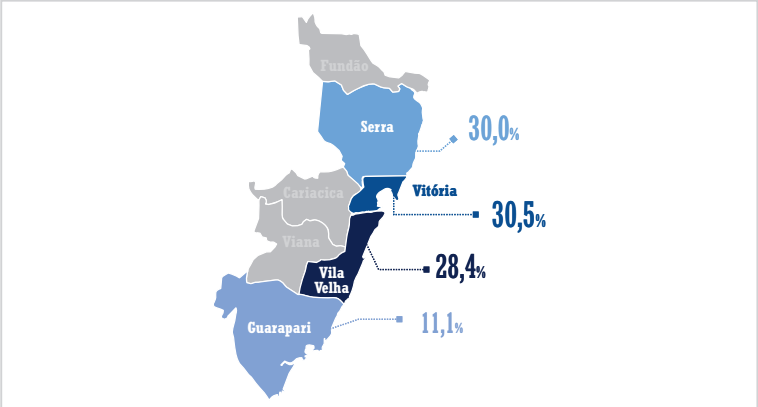
**Figura 44 |** Nos últimos quinze dias, você frequentou algum Centro Pop ou Centro Dia na RGMV? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Sobre a frequência dos sujeitos pesquisados ao serviço do Centro Pop\Dia, observa-se, de acordo com a figura 44, que 46,5% (179) disseram ter frequentado o Centro Pop/Centro Dia nos últimos 15 dias; 44,4% (171) disseram não ter acessado o serviço neste período e 5,7% (22) relataram não conhecer este serviço.

**Figura 45 |** Se SIM, em quais cidades?* (%)

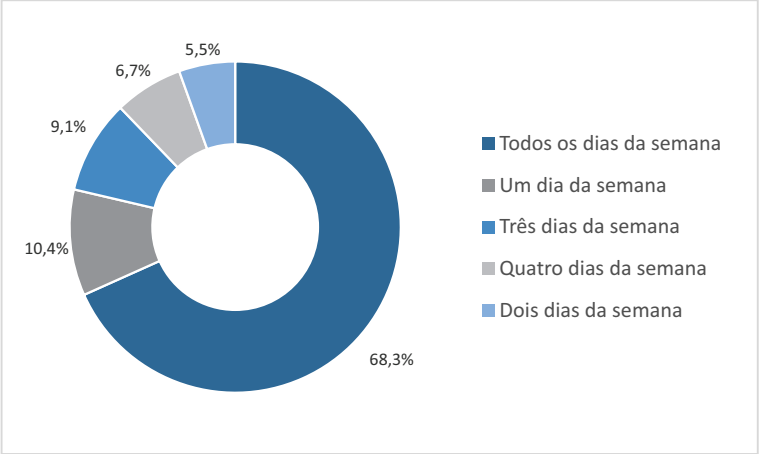



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Cabe salientar que cada entrevistado poderia informar mais de uma cidade que oferta este serviço.

O objetivo desta questão foi captar o acesso dos entrevistados nos serviços "Centro Pop e Centro Dia" nos últimos quinze dias. Entretanto, ressalta-se que na RMGV somente os municípios de Serra, Vila Velha e Vitória possuem Centro Pop e a cidade de Guarapari tem um Centro Dia. Desta forma, observa-se a partir da figura 45, a distribuição das respostas entre estes quatro municípios: Centro Pop de Vitória 30,5% (58); Centro Pop de Serra 30,0% (57); Centro Pop de Vila Velha 28,4% (54); Centro Dia de Guarapari 11,1% (21).

Os resultados da pesquisa apontam que, entre os entrevistados que frequentam os serviços Centro Pop\Centro Dia, 68,3% (112) responderam frequentar a instituição todos os dias da semana; 10,4% (17) relataram frequentar somente um dia por semana; 9,1% (15 pessoas) disseram frequentar o Centro Pop\Centro Dia três dias por semana, 6,7% (11) informaram frequentar o espaço do Centro Pop\Centro Dia quatro dias por semana; outros 5,5% (9) frequentam o serviço dois dias da semana (figura 46).

**Figura 46 |** Com qual frequência você costuma ir ao Centro Pop ou Centro Dia? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

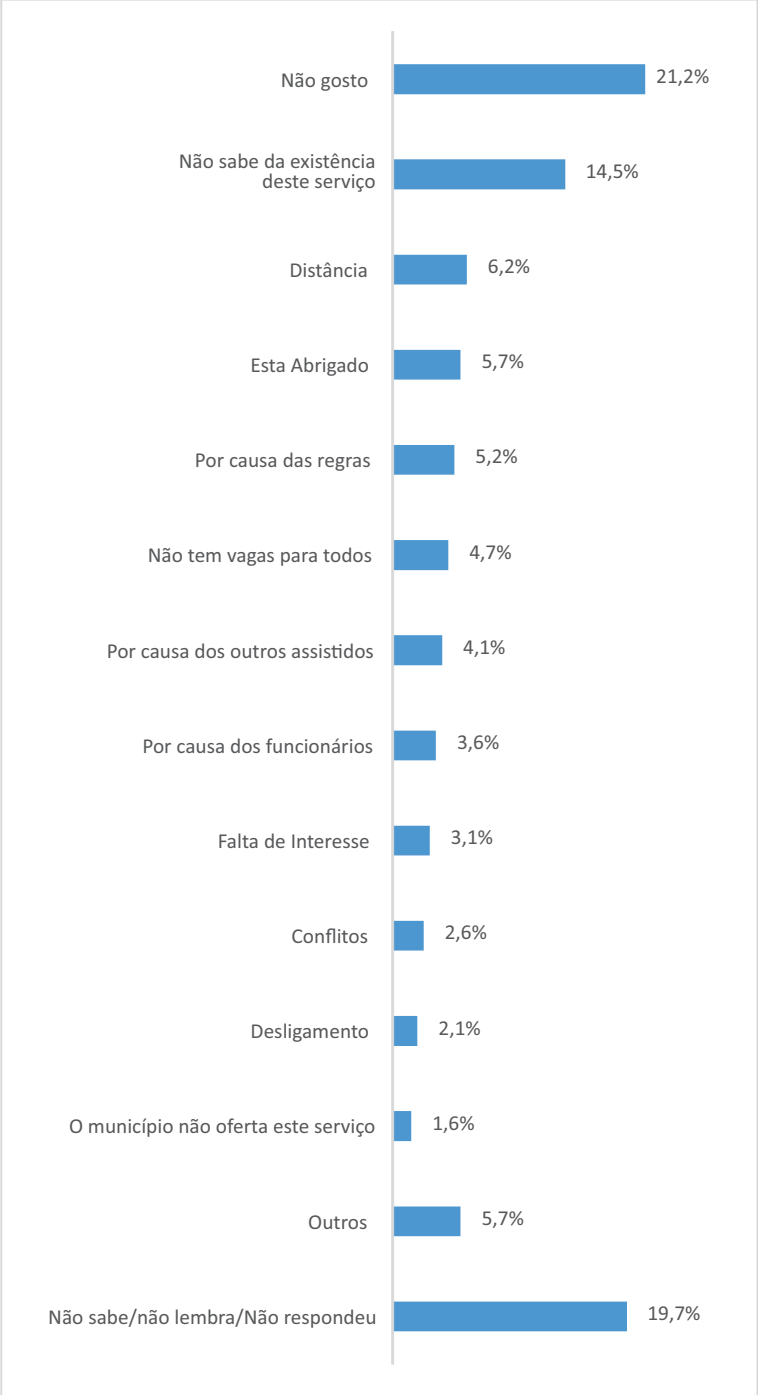
Entre os principais motivos listados pelos entrevistados para frequentarem os serviços de assistência social de média complexidade Centro Pop\Dia, ressalta-se: 126 (39,5%) procuram para obtenção de alimentação, banho e lavar roupas; 84 (26,3%) procuram assistência, atendimento e/ou cuidados; 30 (9,4%) buscaram encaminhamentos para acessar trabalho, saúde, cursos e documentação; 25 (7,8%) relataram buscar o serviço por se sentir mais seguro dentro do espaço, 8 (2,5%) acessaram o Centro Pop\Dia para não ficar nas ruas; 5 (1,6%) foram encaminhados por outro serviço; 4 (1,3%) por falta de opção; 2 (0,6%) orientação jurídica; 12 (3,8%) outros motivos; 23 (7,2%) assinalaram não sabe\não lembra ou não responderam (figura 47).

**Figura 47 |** Por que frequenta o Centro Pop ou Centro Dia?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

**Figura 48 |** Por que não frequenta o Centro Pop ou Centro Dia? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

Entre os motivos pelos quais os sujeitos participantes deste estudo informaram não frequentar os serviços do Centro Pop\Dia, destacam-se: não gosto 21,2% (41); não sabe da existência deste serviço 14,5% (28); distância 6,2% (12); está abrigado 5,7% (11); por causa das regras 5,2% (10); não tem vagas para todos 4,7% (9); por causa dos outros assistidos 4,1% (8); por causa dos funcionários 3,6% (7); falta de interesse 3,1% (6); conflitos 2,6% (5); desligamento 2,1% (4); município não oferta este serviço 1,6% (3); outros 5,7% (10); não sabe\não lembra\não respondeu 19,7% (38) (figura 48).

A pesquisa também buscou identificar sugestões de mudanças para melhorar os serviços de assistência social no atendimento à população de rua. Cada entrevistado poderia registrar até 3 respostas. Foram registradas no total 312 sugestões. Dentre as principais mudanças sugeridas pelos entrevistados, estão: 15,4% (48) solicitaram mais atenção\acolhimento; 13,5% (42) ampliação dos serviços de moradia\abrigos; 13,1% (41) maior oferta de serviços para geração de renda; 7,4% (23) melhorar a qualidade e aumentar a quantidade de alimentos ofertados; 5,8% (18) ampliação de oferta de cursos profissionalizantes/educação; 4,5% (14) revisão de regras; 3,8% (12) agilidade e rapidez no atendimento; 36,5% (114) outros. Vale destacar que embora não tenha sido possível agrupar em categorias específicas as respostas que foram aglutinadas sob o título "outros", pelo grau de diferenciação e dispersão das frequências observadas, nesta opção incluíram-se respostas relacionadas ao cumprimento de direitos e demandas em relação à saúde (figura 49).

**Figura 49 |** Você saberia dizer até três mudanças importantes que deveriam ocorrer para melhorar os serviços da assistência social?*




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

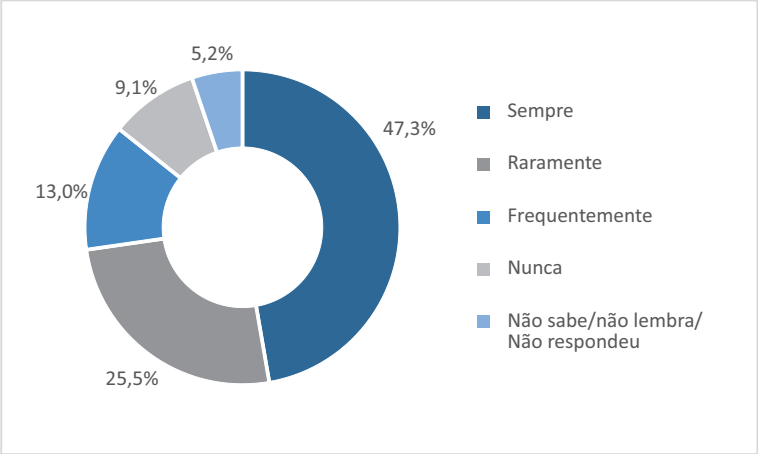
**Figura 50 |** Quais as três principais atividades que você realiza no seu dia-a-dia?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

Entre as principais atividades realizadas pelos entrevistados no dia-a-dia, destacam-se: trabalho 141 (27,4%) respostas; jogos\interação, com amigos\lazer 47 (14,4%) respostas; descansar\dormir 60 (11,7%) respostas; Caminhadas e outras atividades físicas/esportivas 40 (7,8%) respostas; atividades de higiene pessoal e dos espaços que utiliza 40 (7,8%) respostas; uso de álcool e outras drogas 40 (7,8%) respostas; leitura\escrita e outras atividades culturais 25 (4,9%) respostas; alimentação 21 (4,1%) respostas; serviços de assistência social 15 (2,9%) respostas; procurar trabalho 10 (1,9%) respostas; atividades de mendicância 10 (1,9%) respostas; outros 28 (5,4%) respostas (figura 50).

**Figura 51 |** Quando está na rua, você come o suficiente/satisfatoriamente para suprir suas necessidades? (%)

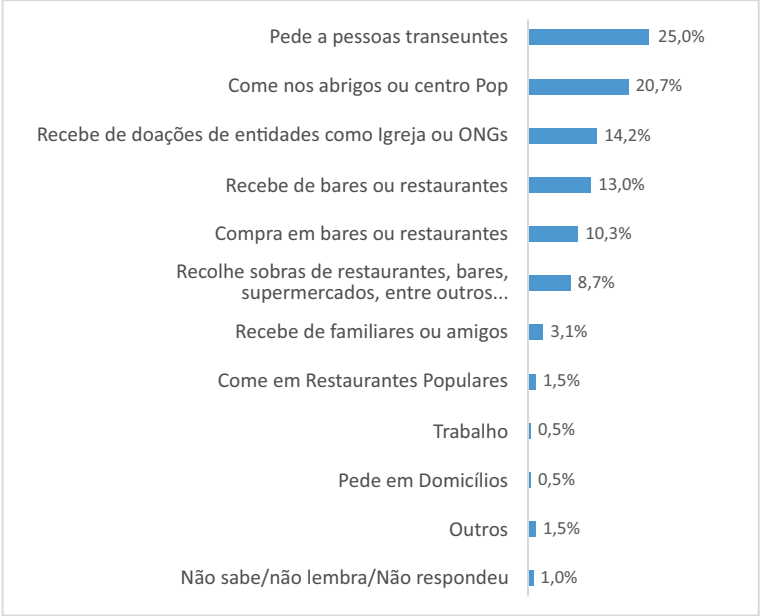



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A figura 51 sinaliza com que frequência os participantes da pesquisa se alimentam o suficiente para suprir suas necessidades. Desse modo, 47,3% (182) afirmaram que sempre comem de forma satisfatória; 182 (25,5%) disseram raramente; 50 (13%) frequentemente; 35 (9,1%) relataram que nunca se alimentam o suficiente e 20 (5,2%) não sabe\não lembra\não respondeu.

A figura 52 indica a forma como os entrevistados obtém os alimentos diariamente. As principais respostas apontadas foram: pede a pessoas transeuntes - 146 (25,0%); come nos Abrigos\Albergues ou Centro Pop - 121 (20,7%); recebe doações de entidades como Igreja ou ONGs - 83 (14,2%); recebe de bares ou restaurantes - 76 (13,0%); compra em bares ou restaurantes - 60 (10,3%); recolhe sobras de restaurantes, bares, supermercados, entre outros - 51 (8,7%); recebe de familiares ou amigos - 18 (3,1%); come em restaurantes populares - 9 (1,5%); adquire alimentos através do trabalho - 3 (0,5%); pede em domicílios - 3 (0,5%); outras - 9 (1,5%); não sabe\não lembra ou não respondeu - 6 (1,0%).

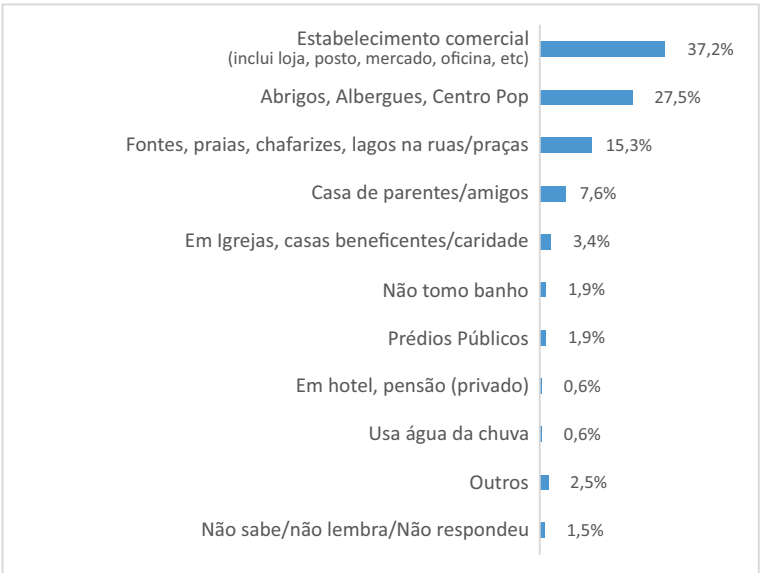
**Figura 52 |** Como obtém alimentos diariamente?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

Esse estudo buscou, também, conhecer as estratégias dos entrevistados para obter água para suprir suas necessidades. As principais respostas foram: 177 (37,2%) relataram obter água nos estabelecimento comerciais (inclui loja, posto, mercado, oficina, etc); 131 (27,5%) em Abrigos, Albergues, Centro Pop\Centro Dia; 73 (15,3%) em fontes, praias, chafarizes, lagos nas ruas/praças; 36 (7,6%) em casa de parentes/amigos; 16 (3,4%) em Igrejas, casas beneficentes/caridade; 9 (1,9%) informaram não tomar banho, 9 (1,9%) em prédios públicos (hospitais, unidades de saúde, rodoviárias, entre outros); 3 (0,6%) em hotel, pensão (privado); 3 (0,6%) usam água da chuva; 12 (2,5%) outros (Figura 53).

**Figura 53 |** Quando está na rua, quando quer ou precisa, onde consegue água para higiene pessoal, banho, lavar roupas, etc?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

**Figura 54 |** Quando está na rua, onde faz suas necessidades fisiológicas?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

Quanto aos locais utilizados para realização das necessidades fisiológicas observa-se, de acordo com a figura 54, que as principais alternativas mensuradas na pesquisa foram: estabelecimentos comerciais (inclui loja, posto, mercado, oficina, etc) - 165 (32,2%); nos Abrigos, Albergues, Centro Pop - 94 (18,4%); lugares públicos: praças, praias, ruas - 90 (17,6%); terrenos baldios - 89 (17,4%); em banheiros públicos/químicos - 20 (3,9%); prédios públicos - 12 (2,3%); casa de parentes\amigos - 9 (1,8%); em igrejas, casas beneficentes ou lugares de caridade - 9 (1,8%); em hotel, motel, pensão - 1 (0,2%); rodoviárias - 1 (0,2%), outros - 12 (2,3%); não sabe\não lembra ou não respondeu - 10 (2,0%).

**Figura 55 |** Já sofreu violência por estar em situação de rua? (%)

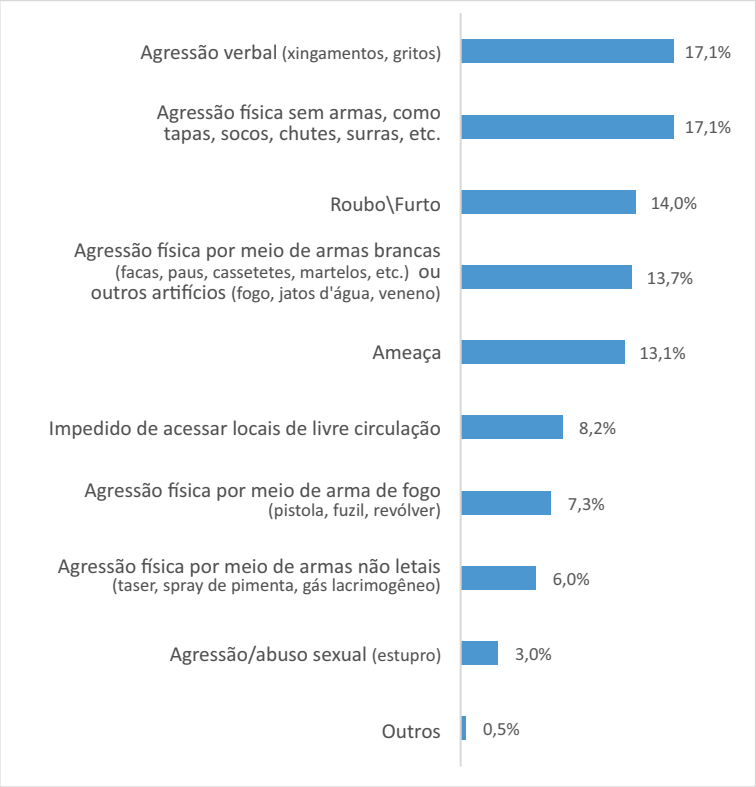



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Em relação à violência sofrida por este grupo social, observa-se que entre os entrevistados, 198 (51,4%) relataram ter sofrido alguma forma de violência por estar em situação de rua e 174 (45,2%) disseram não ter sofrido violência (figura 55).

As respostas referentes às agressões sofridas pelos sujeitos da pesquisa, que relataram ter sofrido algum tipo de violência, foram: agressão física sem armas, como tapas, socos, chutes, surras, etc. – 113 (17,1%); agressão verbal (xingamentos, gritos) – 113 (17,1%); roubo\furto – 93 (14,0%); agressão física por meio de armas brancas (facas, paus, cassetetes, martelos, etc.) ou outros artifícios (fogo, jatos d'água, veneno) – 91 (13,7%); ameaça – 87 (13,1%); impediram de acessar locais de livre circulação – 54 (8,2%); agressão física por meio de arma de fogo (pistola, fuzil, revólver) – 48 (7,3%); agressão física por meio de armas não letais (taser, spray de pimenta, gás lacrimogêneo) – 40 (6,0%); agressão/abuso sexual (estupro) – 20 (3,0%); outros 3 (0,5%) (figura 56).

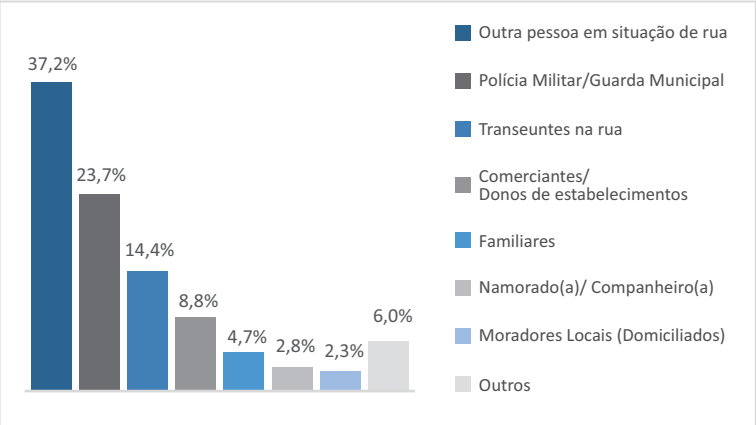
**Figura 56 |** Quais foram as agressões sofridas?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

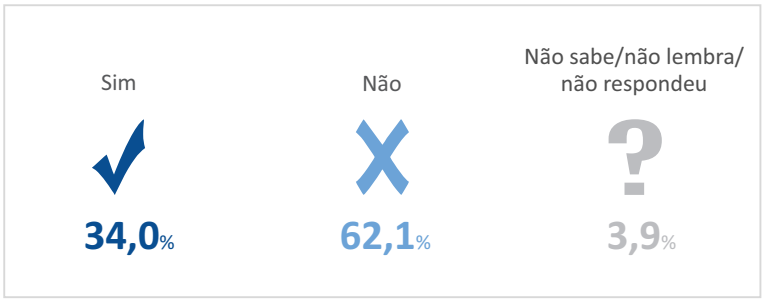
Em relação aos agentes responsáveis pelas agressões sofridas pelos sujeitos entrevistados, conforme ilustra a figura 57, as principais respostas foram: outra pessoa em situação de rua – 80 (37,2%); polícia/guarda municipal – 51 (23,7%); transeuntes na rua – 31 (14,4%); comerciantes\ donos de estabelecimentos - 19 (8,8%); familiares – 10 (4,7%); namorado(a)\ companheiro(a) – 6 (2,8%); moradores locais (domiciliados) – 5 (2,3%); outros – 13 (6,0%).

**Figura 57 |** Quem foi o Agressor?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

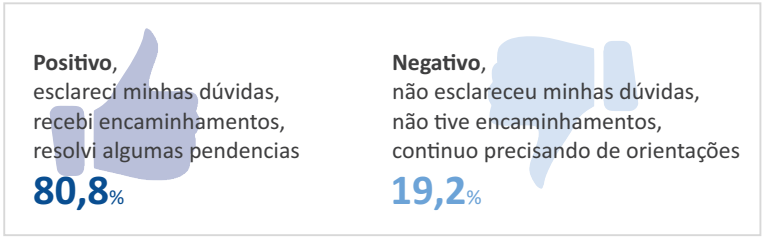
**Figura 58 |** Você já acessou os serviços de justiça (orientação jurídica ou defensoria pública)? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Em relação ao acesso dos sujeitos deste estudo aos serviços de justiça, a figura 58 sinaliza que 34,0% (131) dos entrevistados informaram já ter acessado os serviços jurídicos, enquanto 62,1% (239) relataram não ter acessado estes serviços.

**Figura 59 |** Como você avalia o atendimento dos serviços de justiça (orientação jurídica ou defensoria pública) que recebeu? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre os indivíduos que tiveram acesso aos serviços jurídicos, 125 sujeitos opinaram, indicando uma avaliação geral destes serviços com as seguintes respostas: 80,8% (101 entrevistados) avaliaram positivamente o serviço jurídico e 19,2% (24 entrevistados) avaliaram o atendimento deste serviço de forma negativa (figura 59).

**Figura 60 |** Possui alguma questão que precise de atendimento dos serviços de justiça (orientação jurídica ou defensoria pública)? (%)

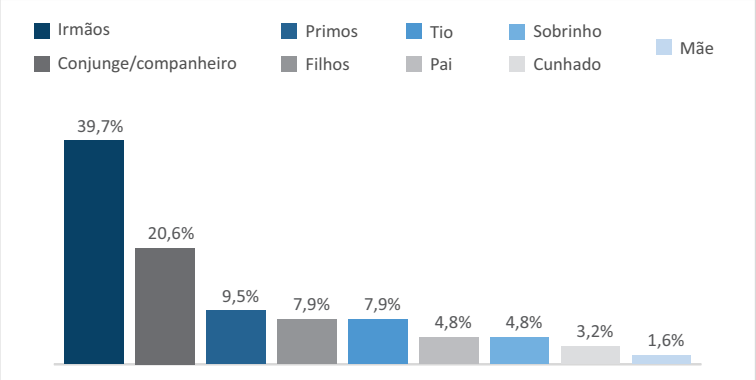



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Os dados obtidos pela pesquisa indicam que entre o público entrevistado, 34,0% (131) disseram ter necessidade de acessar os serviços jurídicos, enquanto 60,0% (231) disseram não haver esta necessidade (figura 60).

A pesquisa buscou identificar, também, se os entrevistados possuíam outras pessoas da família em situação de rua (306 indicaram não possuir, 63 indicaram que sim e 16 responderam não sabe\não lembra\não respondeu). Nesse sentido, a figura 61 ilustra o grau de parentesco entre os que indicaram ter familiares em situação de rua, que são: irmãos - 39,7% (25); cônjuges\companheiros - 20,6% (13); primos - 9,5% (6); filhos - 7,9% (5); tios - 7,9% (5); pai - 4,8% (3); sobrinhos - 4,8% (3); cunhado - 3,2% (2); mãe - 1,6% (1) (figura 61).

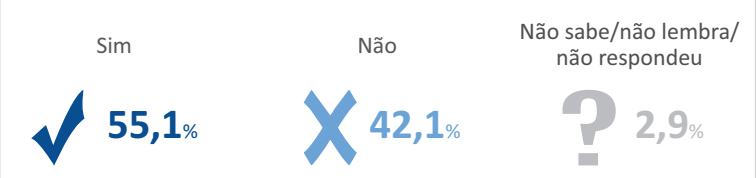
**Figura 61 |** Possui familiares em Situação de Rua?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

Entre os entrevistados, 55,1% (212) relataram manter contato com familiares que vivem fora das ruas e, por outro lado, 42,1% (162) relataram não manter contato (figura 62).

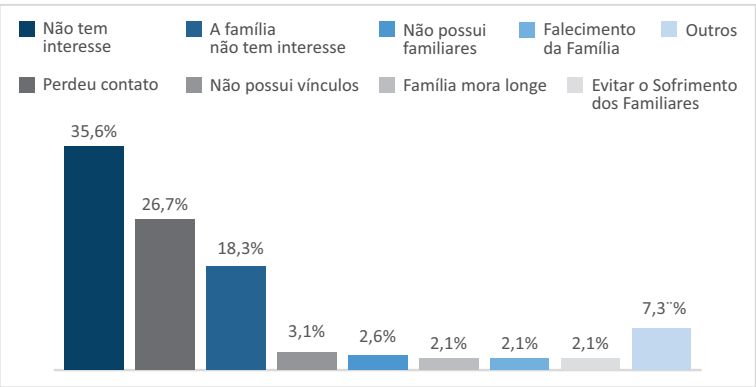
**Figura 62 |** Mantém contato com familiares que vivem fora das ruas? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

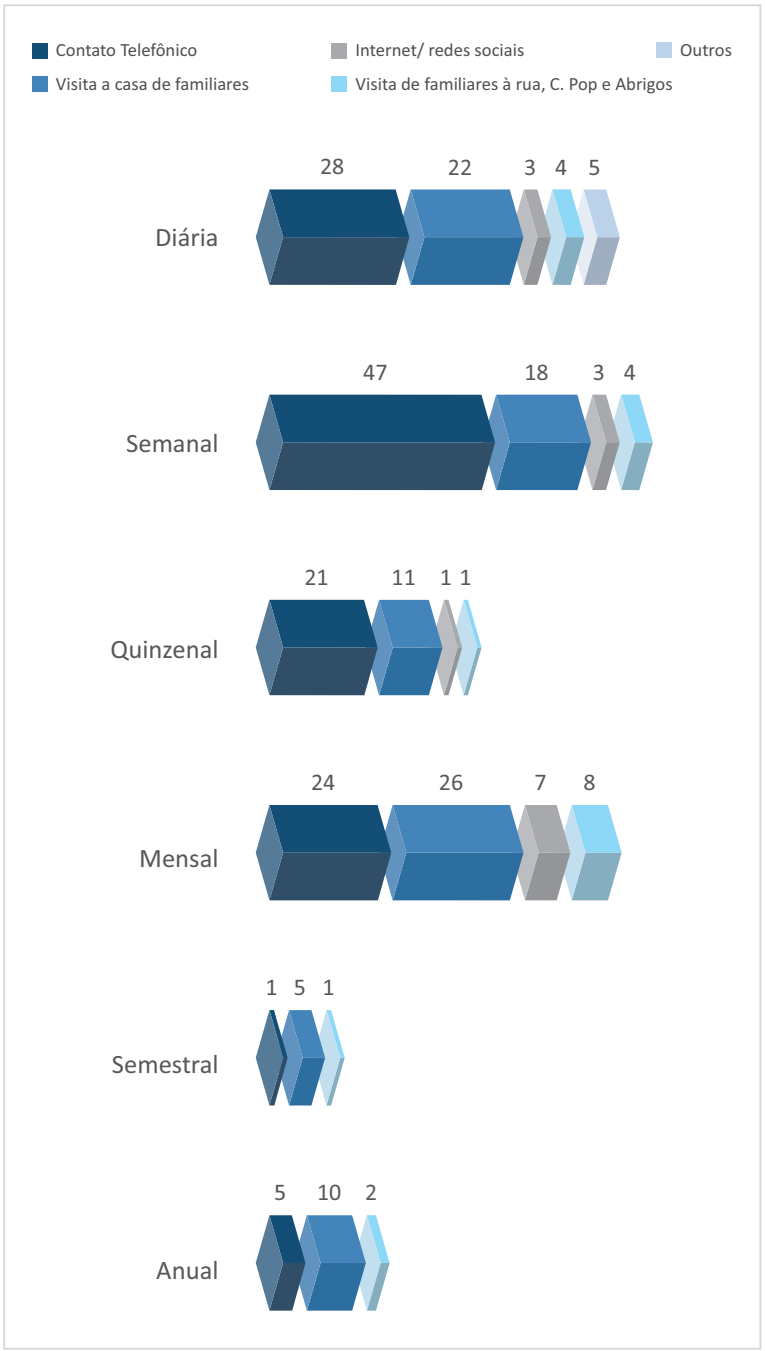
A figura 63 apresenta as principais razões pelas quais os sujeitos pesquisados relataram não manter contato com familiares. Cada pessoa entrevistada poderia indicar até três motivos. Do total de 191 respostas obtidas, as frequências observadas a partir das respostas foram: 35,6% (68) não tem interesse; 26,7% (51) perdeu contato; 18,3% (35) a família não tem interesse; 3,1% (6) não possui vínculos; 2,6% (4) não possui familiares; 2,1% (4) família mora longe; 2,1% (4) evitar o sofrimento dos familiares; 2,1% (4) falecimento da família; 7,3% (14) outros.

**Figura 63 |** Por que não mantém contato com os familiares que vivem fora das ruas?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

**Figura 64 |** De que forma mantém contato com os familiares e com qual frequência?* (Números Absolutos):




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

A pesquisa investigou as principais formas usadas pelos entrevistados para manter contato com familiares domiciliados e a frequência das mesmas. Essa questão permitia múltiplas marcações e obteve um total de 258 respostas, distribuídas da seguinte forma: 126 (49,2%) responderam manter contato telefônico com a família; 92 (35,7%) responderam realizar visitas à residência dos familiares; 20 (7,8) responderam receber visita de familiares nas ruas ou abrigos; 14 (5,4%) responderam fazer uso das redes sociais para se comunicarem com seus familiares; enquanto 5 entrevistados (1,9%) responderam realizar outras formas de contatos. As frequências que ocorrem os contatos identificados pela pesquisa foram: 62 (diária); 72 (semanal); 34 (quinzenal); 65 (mensal); 7 (semestral); 17 (anual) (figura 64).

# 5.7 Saúde

Neste bloco, os entrevistados responderam questões referentes a sua saúde.

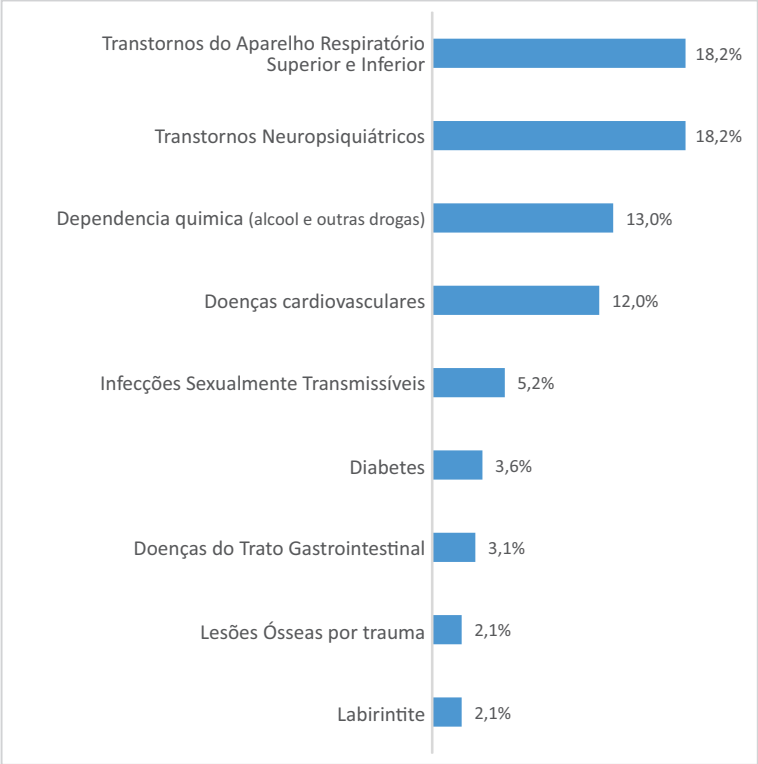
**Figura 65 |** Você tem algum problema de saúde? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

De acordo com a figura 65, 44,7% (172) dos entrevistados possuem algum problema de saúde. Desse total, 77 sujeitos afirmaram que recebem tratamento médico para cuidar do problema.

**Figura 66 |** Principais problemas de saúde* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

A figura 66 aponta os principais problemas de saúde relatados pelos entrevistados. As repostas dos entrevistados foram agrupadas em categorias definidas pela pesquisa após a análise dos questionários. Nesse sentido, 18,2% (35) das respostas sinalizam transtornos do aparelho respiratório superior e inferior (nesta categoria estão inclusas algumas doenças, tais como: asma, bronquite, pneumonia, etc), 18,2% (35) das respostas indicam transtornos neuropsiquiátricos; 13,0% (25) dependência química - álcool e outras drogas; 12,0% (23) doenças cardiovasculares; 5,2% (10) infecções sexualmente transmissíveis, dentre outras.

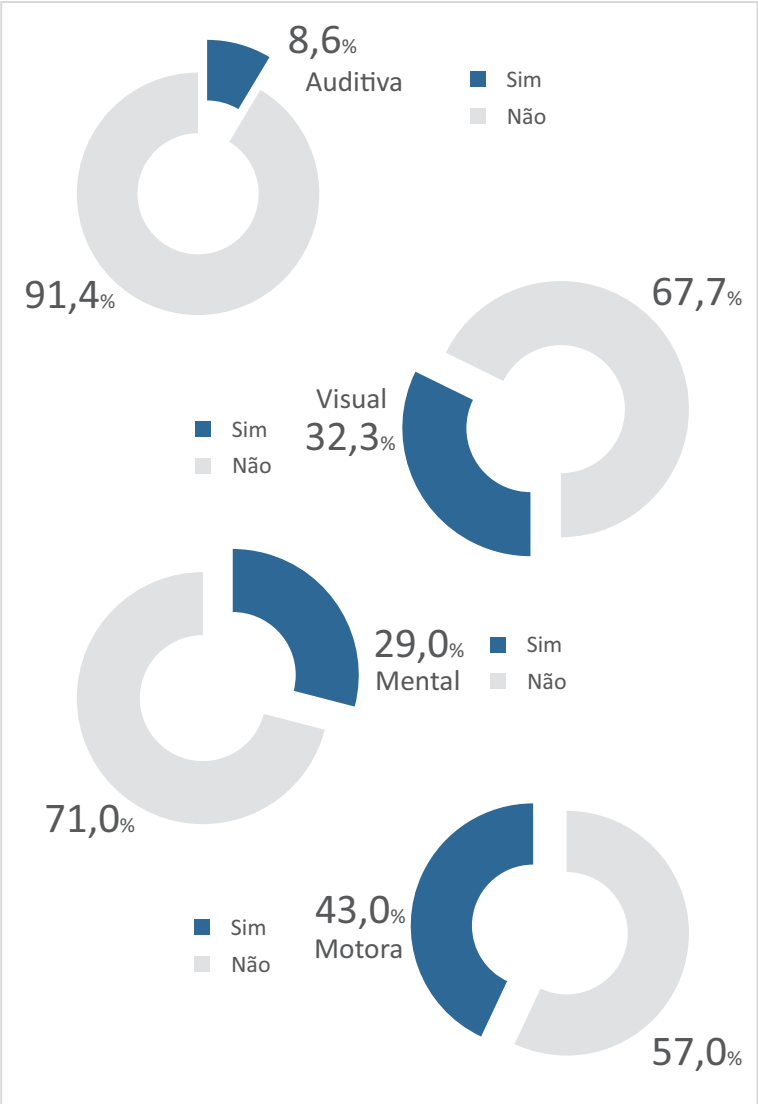
**Figura 67 |** Você é deficiente? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A maioria dos entrevistados (71,2%) não possui deficiência. Por outro lado, 24,4% (94) dos sujeitos da pesquisa indicaram ter alguma deficiência (figura 67).

**Figura 68 |** Quais deficiências?* (%)

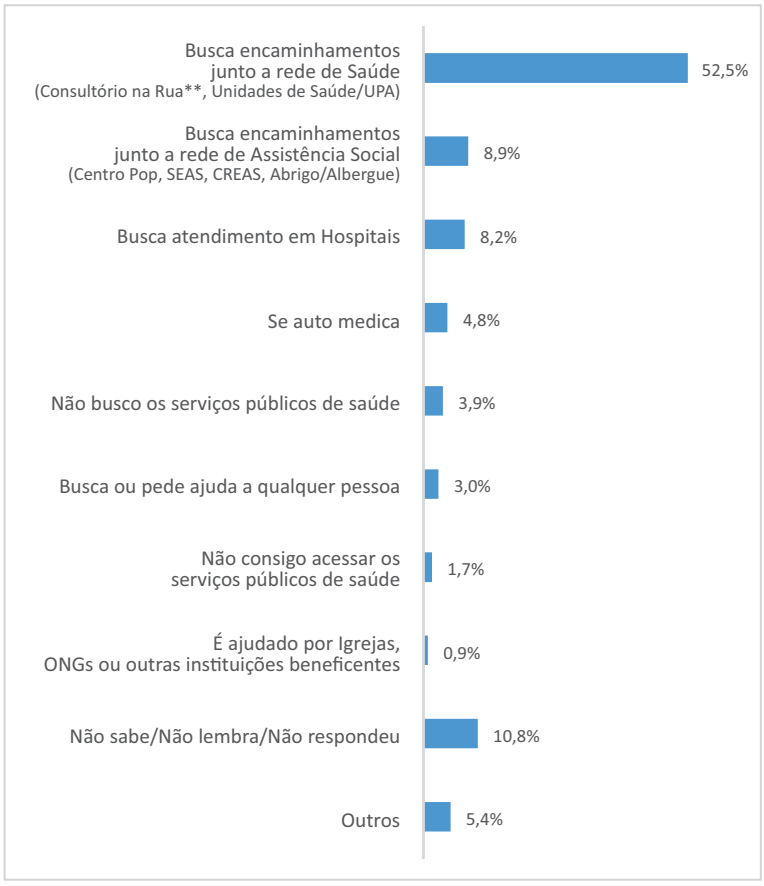



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Cabe salientar que cada entrevistado poderia informar mais de uma deficiência.

Dentre a população participante desse estudo que possui deficiência, 43% (40) apresenta deficiência motora, 29% (27) mental, 32,3% (30) visual e 8,6% (8) auditiva, conforme ilustrado na figura 68.

A figura 69 sinaliza as respostas referentes ao que o entrevistado faz quando tem algum problema de saúde. Nota-se que 52,5% (243) indicaram buscar encaminhamento junto à rede de Saúde (Consultório na rua/Unidade de Saúde/UPA); 8,9% (41) buscam encaminhamentos junto à rede de Assistência Social (Centro Pop; CREAS; SEAS; Abrigos/albergues); 8,2% (38) buscam encaminhamento em hospitais. Cabe destacar que 10 entrevistados responderam que nunca precisaram buscar tratamento para cuidar da saúde, 3 afirmaram que pedem ajuda a Deus e 2 disseram que não fazem nada.

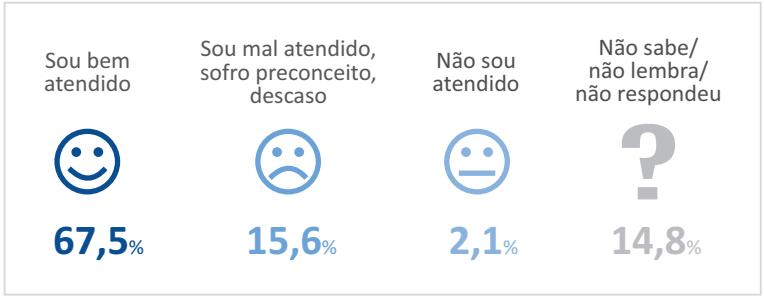
**Figura 69 |** Quando você tem algum problema de saúde, o que você faz?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.
**Esse estudo opta em utilizar o termo consultório na rua em vez de consultório de rua por compreender que o primeiro pressupõe uma perspectiva de atendimento mais amplo e integral. De acordo com Silva (et al.,2014, p.1800) o consultório de rua foi construído com um foco de atuação centrado no usuário de álcool e outras drogas. Enquanto o consultório na rua foi inserido num espaço de atuação mais amplo buscando ir além do modelo da doença e na necessidade de fortalecimento de uma rede de enfrentamento aos graves problemas de saúde da população em situação de rua.

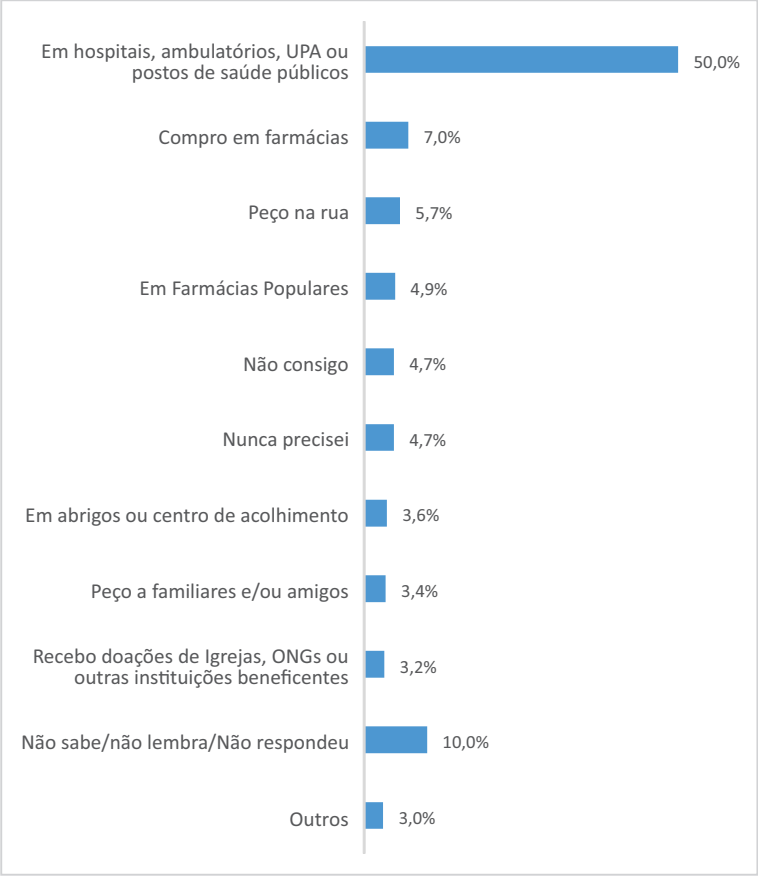
Os dados da pesquisa indicam que 67,5% (260) dos entrevistados afirmaram que são bem atendidas nos serviços de saúde, enquanto 15,6% (60) relataram que não são bem atendidos e 2,1% (8) dos entrevistados responderam que não são atendidos porque não procuram os serviços de saúde (figura 70).

**Figura 70 |** Como você é recebido nos Serviços de Saúde? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 71 |** Quando precisa de medicamentos, onde e como consegue?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

De acordo com a figura 71, cerca de 50,0% (236) das respostas dos participantes da pesquisa indicam que eles conseguem medicamentos em hospitais, ambulatórios, UPA ou postos de saúde públicos. Além disso, 7,0% (33) das respostas sinalizam que eles compram em farmácias, 5,7% (27) pedem na rua; 4,9% (22) conseguem em farmácias populares. Dentre as respostas agrupadas na categoria "outros", 6 entrevistados afirmaram que fazem uso de ervas medicinais e 3 procuram o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

**Figura 72 |** Você possui filhos? (%)

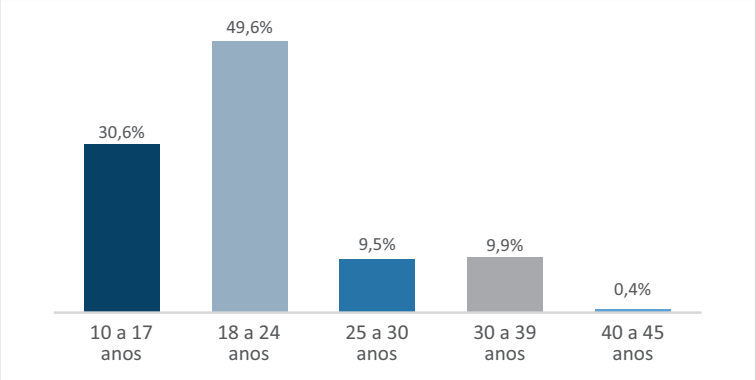



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

De acordo com a figura 72, 70,4% (271) dos entrevistados têm filhos enquanto 26,5% (102) não possuem filhos.

Dentre os entrevistados que têm filhos, 49,6% (115) tiveram o primeiro filho na faixa etária de 18 a 24 anos, 30,6% (71) de 10 a 17 anos, 9,9% (23) entre 30 e 39 anos e 9,5% (22) na faixa etária de 25 a 30 anos, conforme aponta a figura 73. O que chama atenção nessa figura é a quantidade significativa de sujeitos que tiveram filhos na adolescência.

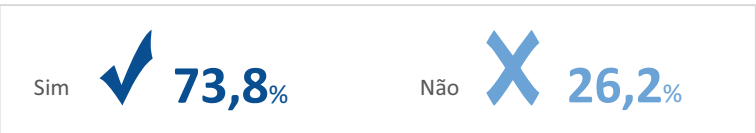
**Figura 73 |** Com qual idade teve seu primeiro filho? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

De acordo com a figura 74, 73,8% (200) dos entrevistados que têm filhos possuem filhos menores de 18 anos. Por outro lado, 26,2% (71) têm filho maiores de 18 anos.

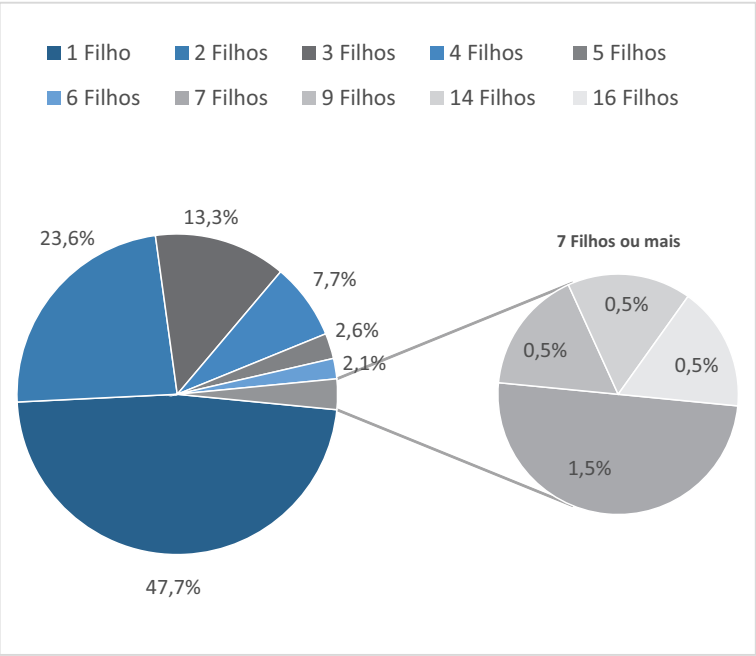
**Figura 74 |** Possui filhos menores de 18 anos? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

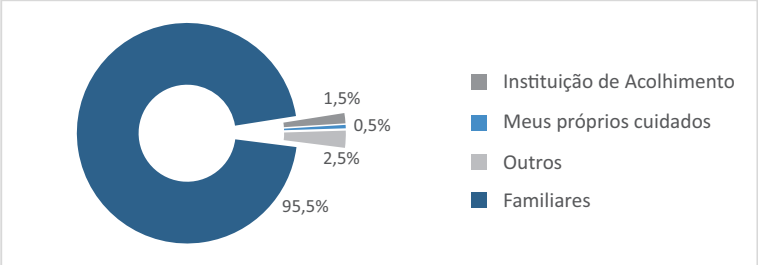
A figura 75 sinaliza a quantidade de filhos menores de 18 anos que os entrevistados têm: 47,7% (93) possui um filho; 23,6% (46) têm 2 filhos; 13,3% (26) possuem 3 filhos; 7,7% (15) têm 4 filhos; 2,6% (5) têm 5 filhos, dentre outros indicados no gráfico.

**Figura 75 |** Possui quantos filhos menores de 18 anos? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 76 |** Os filhos menores de idade ficam sob cuidado de quem?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*A questão permite a marcação de até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

A figura 76 indica que 95,5% (191) das respostas dadas pelos participantes da pesquisa apontaram que os filhos menores de idade ficam sob cuidado de familiares. Destaque-se que um mesmo entrevistado poderia indicar até três respostas diferentes.

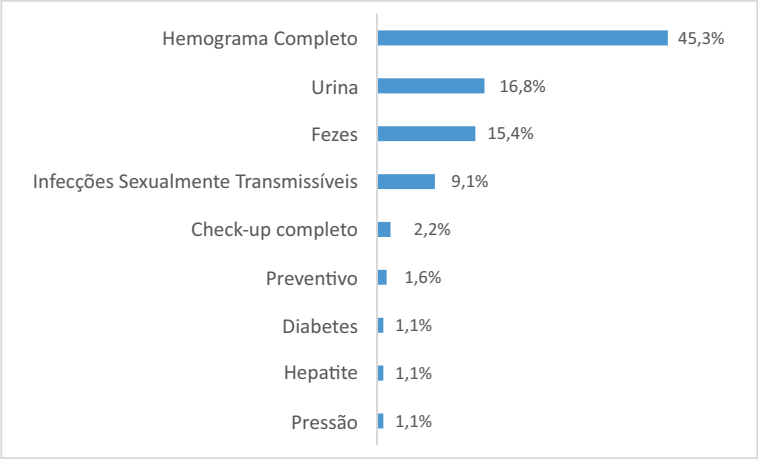
**Figura 77 |** No último ano fez algum exame de saúde? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Os resultados desse estudo informam que 53,5% (206) dos sujeitos participantes da pesquisa realizaram algum exame de saúde nos últimos 12 meses. Em contrapartida, 41,3% (159) afirmaram que não realizaram exames no último ano, 4,2% (16) indicaram não sabe/não lembra ou não responderam e 1,0% (4) nunca fizeram exames de saúde (Figura 77). Cerca de 187 entrevistados fizeram os exames no estado do Espírito Santo.

**Figura 78 |** Qual exame de saúde foi realizado? (%)

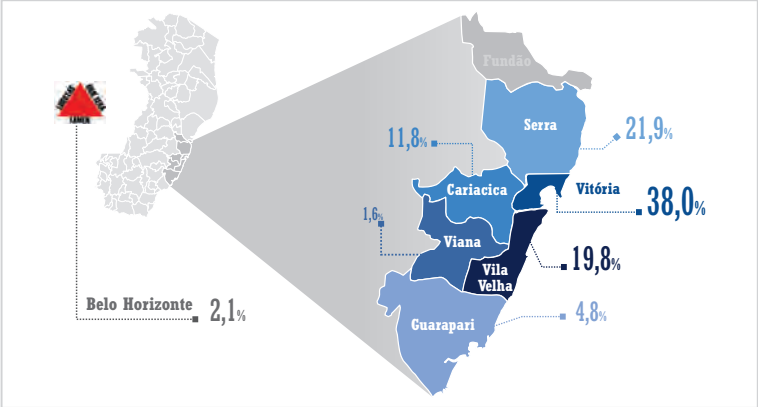



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

A figura 78 informa as respostas mais destacadas em relação aos exames de saúde realizados pelos entrevistados. Sendo assim, 45,3% (165) das respostas sinalizam hemograma completo; 16,8% (61) urina; 15,4% (56) fezes; 9,1% (33) infecções sexualmente transmissíveis; 2,2% (8) check-up completo; dentre outros.

A figura 79 aponta as cidades indicadas como locais de realizações dos exames de saúde, que são: Vitória (38,0%); Serra (21,9%); Vila Velha (19,8%); Cariacica (11,8%); Guarapari (4,8%); Belo Horizonte (2,1%) e Viana (1,6%).

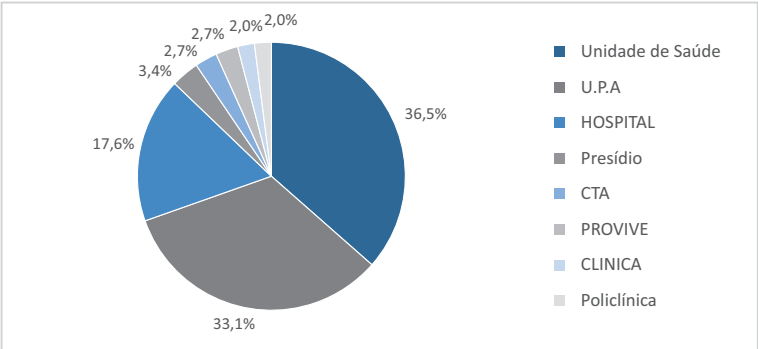
**Figura 79 |** Em qual cidade realizou o exame de saúde? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A pesquisa perguntou também acerca das instituições onde foram realizados os exames de saúde. Dentre os que responderam esta questão, 36,5% (54) realizaram exame de saúde em unidades de saúde; 33,1% (49) em unidades de pronto atendimento; 17,6% (26) em hospitais; dentre outras indicadas na figura 80.

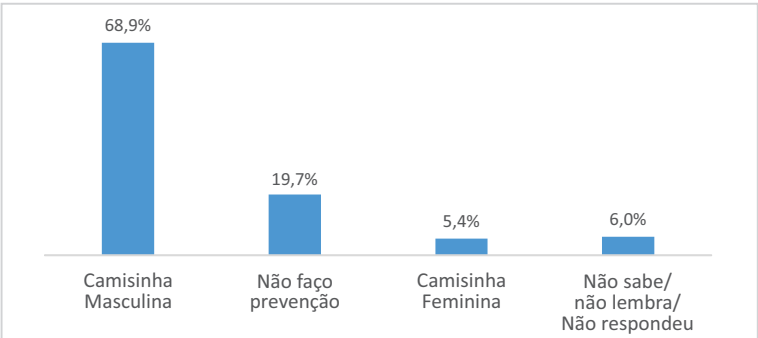
**Figura 80 |** Em qual instituição realizou o exame de saúde? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

No que concerne aos métodos de prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis, as respostas mais evidenciadas pelos entrevistados foram: 68,9% (241) camisinha masculina e 5,4% (19) camisinha feminina. Cabe sinalizar que 19,7% (69) dos sujeitos relataram que não se previnem das ISTs. Além dessas respostas, 24 entrevistados afirmaram que não são ativos sexualmente e 10 responderam que têm companheiros fixos (figura 81).

**Figura 81 |** O que você faz para se prevenir de infecções sexualmente transmissíveis?*(%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

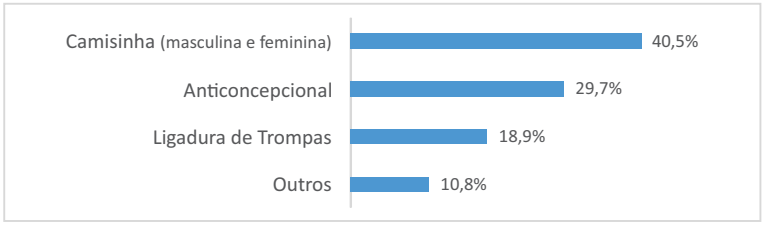
**Figura 82 |** Você se previne de alguma forma contra a gravidez? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Entre as mulheres participantes desse estudo, 44,9% (31) afirmaram que se previnem contra a gravidez. Por outro lado, 40,6% (28) não se previnem e 14,5% (10) não responderam à pergunta (figura 82).

**Figura 83 |** Formas de prevenção contra a gravidez* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

A figura 83 sinaliza que o método contraceptivo mais utilizado pelas mulheres participantes da pesquisa é a camisinha (40,5%), seguido do anticoncepcional (29,7%) e da ligadura de trompas (18,9%). Em números absolutos, esses percentuais representam 15, 11 e 7 respostas, respectivamente.

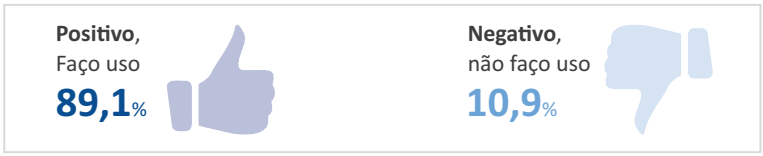
**Figura 84 |** Você está grávida? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

De acordo com a figura 84, a maioria das mulheres entrevistadas (66,7%) não estavam grávidas no período da realização da pesquisa, enquanto 7,2% (5) afirmaram estar grávidas. Entre essas, 2 estavam grávidas de dois meses, 1 de cinco meses, 1 de seis meses e 1 de oito meses. Todas elas afirmaram fazer acompanhamento pré-natal.

**Figura 85 |** Você faz uso de substâncias psicoativas? (%)

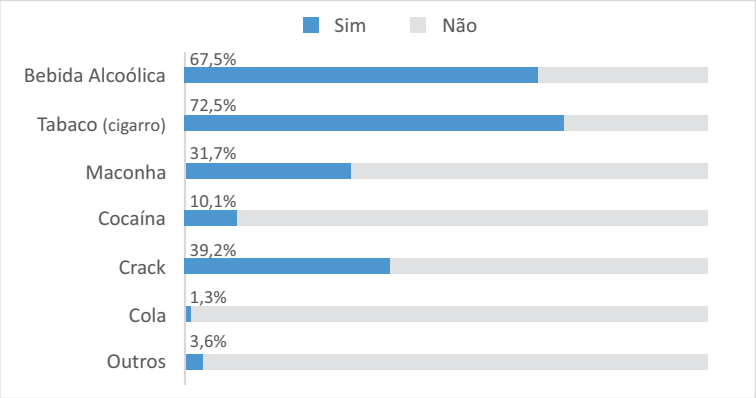



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

Dentre os sujeitos participantes desse estudo, 89,1% (343) fazem uso de substâncias psicoativas, enquanto 10,9% (42) não fazem uso (figura 85).

A substância psicoativa mais utilizada pelos participantes desse estudo é o tabaco (72,5%), seguido da bebida alcoólica (67,5%). Em números absolutos, esses percentuais representam 279 e 260 sujeitos, respectivamente. Além disso, 39,2% (151) relataram que fazem uso do crack, 31,7% (122) são usuários de maconha, 10,1% (39) de cocaína, dentre outras substâncias apontadas na figura 86.

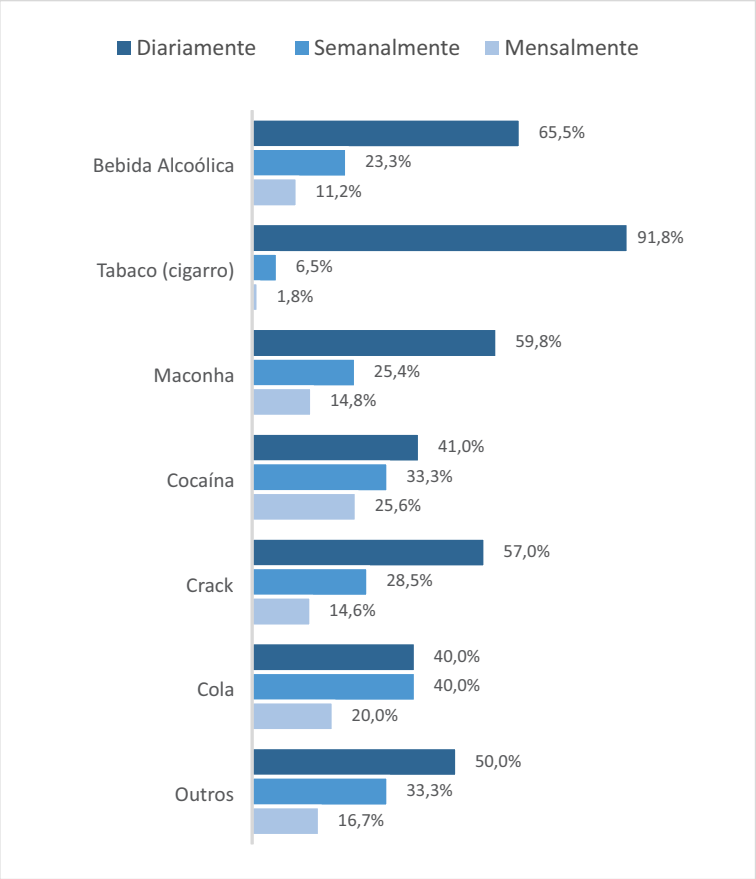
**Figura 86 |** Quais substâncias psicoativas faz uso?* (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Cabe salientar que cada entrevistado poderia informar mais de uma substância psicoativa.

Em relação ao uso de bebidas alcoólicas, nota-se que 65,5% (169) dos sujeitos que fazem uso desta substância bebem todos os dias, 23,3% (60) fazem uso semanal e 11,2% (29) fazem uso mensal. Dentre aqueles que utilizam tabaco, 91,8% (256) fazem uso diário desta substância, 6,5% (18) usam semanalmente e 1,8% mensalmente. Cerca de 59,8% (73) dos usuários de maconha fazem uso diário da substância, 25,4% (32) usam semanalmente e 14,8% (18) mensalmente. Entre os usuários de cocaína, observa-se que 41,0% (16) deles fazem uso diário da substância, 33,3% (13) usam semanalmente e 25,6% (10) fazem uso mensal. No que concerne à frequência do uso do crack, 57,0% (87) dos usuários usam a substância diariamente, 28,5% (43) semanalmente e 14,6% (22) mensalmente. Dentre os usuários de cola, 40,0% (2) fazem uso diário da substância, 40,0% (2) semanal e 20,0% (1) mensal (figura 87).

**Figura 87 |** Faz uso com que frequência? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 88 |** O fato de estar em situação de rua aumentou o uso destas substâncias? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

A pesquisa constatou que 52,2% (201) dos entrevistados relataram que o fato de estar em situação de rua intensificou o uso de substâncias psicoativas. Por outro lado, 35,3% (136) responderam que estar em situação de rua não influenciou no aumento do uso das substâncias (figura 88).

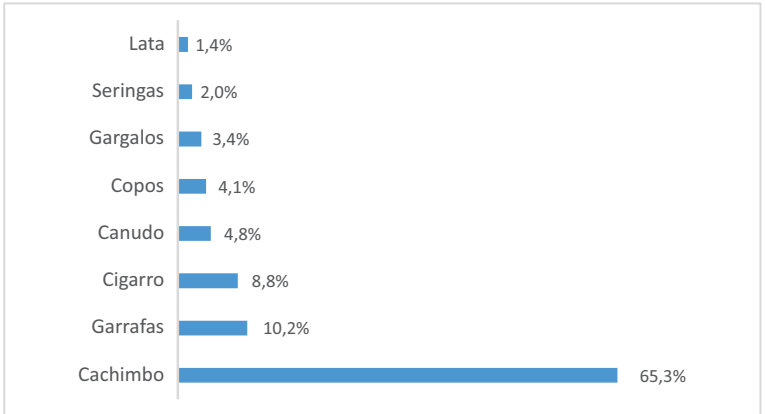
**Figura 89 |** Você partilha ou faz uso coletivo de instrumentos como seringas, cachimbos, canudo, entre outros, no consumo desta(s) substância(s)? (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

De acordo com a figura 89, 41,8 % (161) dos usuários de substâncias psicoativas participantes da pesquisa não partilham ou fazem uso coletivo de instrumentos como cachimbos, seringas, canudos, dentre outros, visando o consumo de drogas. Por outro lado, 30,9% (119) responderam que compartilham instrumentos para o uso de substâncias psicoativas.

**Figura 90 |** Instrumentos partilhados para o uso de substâncias psicoativas* (%)

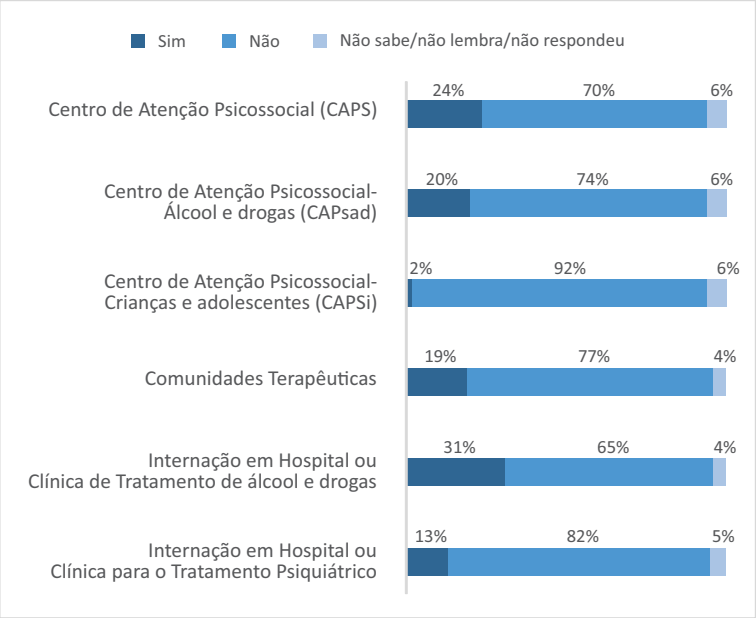



**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).
*Essa é uma questão aberta que permite mais de uma resposta. Logo, o percentual foi calculado levando em consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

Entre os entrevistados que são usuários de substâncias tóxicas e partilham de instrumentos para o uso das mesmas, nota-se que 65,3% (96) compartilham cachimbos; 10,2% (15) garrafas; 8,8% (13) cigarros, dentre outros sinalizados na figura 90.

A figura 91 indica as instituições para as quais os entrevistados foram encaminhados ou atendidos. Os dados apontam que 24% (92) dos sujeitos participantes da pesquisa já foram encaminhados ou atendidos pelo CAPS; 20% (75) para o CAPsAD; 2% (8) para o CAPsI; 19% (71) em comunidades terapêuticas; 31% (119) em hospital ou clínica para o tratamento de álcool e drogas e 13% (49) em hospitais ou clínicas para tratamento psiquiátrico.

**Figura 91 |** Já foi encaminhado ou atendido por alguma das seguintes Instituições (%)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

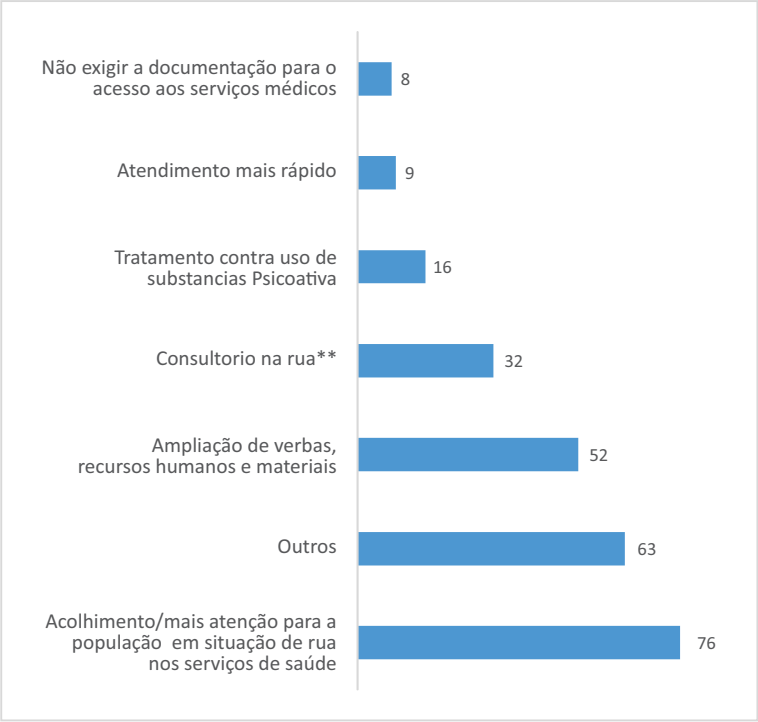
A tabela 5 sinaliza a quantidade de respostas mais recorrentes em relação aos anos em que os entrevistados foram atendidos nas instituições. Observa-se que, na maioria das instituições, o maior número de atendimentos ocorreu no período de 2015 a 2017.

**Tabela 5 |** Ano em que foi atendido nas instituições (números absolutos)

| Instituições | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) | 2 | 2 | 2 | 7 | 13 | 21 |
| Centro de Atenção Psicossocial- Álcool e drogas (CAPsad) | 2 | 1 | 2 | 4 | 10 | 14 |
| Centro de Atenção Psicossocial- Crianças e adolescentes (CAPSi) | - | 3 | 1 | - | 1 | 2 |
| Comunidades Terapêuticas | - | 3 | - | 8 | 11 | 7 |
| Internação em Hospital ou Clínica para o Tratamento de álcool e drogas | 5 | 4 | 3 | 15 | 15 | 5 |
| Internação em Hospital ou Clínica para o Tratamento Psiquiátrico | 1 | 1 | 2 | 1 | 7 | 1 |

**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.
**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

**Figura 92 |** Você saberia dizer até três mudanças importantes que deveriam ocorrer para melhorar o sistema de saúde no atendimento à população em situação de rua?* (Números Absolutos)




**Fonte:** Pesquisa sobre População em Situação de Rua da Região Metropolitana da Grande Vitória.

**Elaboração:** IJSN – Coordenação de Estudos Sociais (CES).

*Essa é uma questão aberta que permite até três respostas. Logo, o percentual foi calculado levando consideração o total de respostas fornecidas e não o total de entrevistados.

**Esse estudo opta em utilizar o termo consultório na rua em vez de consultório de rua por compreender que o primeiro pressupõe uma perspectiva de atendimento mais amplo e integral. De acordo com Silva (et al.,2014, p.1800) o consultório de rua foi construído com um foco de atuação centrado no usuário de álcool e outras drogas. Enquanto o consultório na rua foi inserido num espaço de atuação mais amplo buscando ir além do modelo da doença e na necessidade de fortalecimento de uma rede de enfrentamento aos graves problemas de saúde da população em situação de rua.

A figura 92 aponta os resultados referentes às mudanças que os entrevistados consideram importantes no sistema de saúde para melhorar o atendimento à população em situação de rua. Nessa questão o entrevistado podia informar até três respostas. Para viabilizar a análise dos dados, foram criadas categorias englobando as respostas similares. Sendo assim, uma das categorias criadas foi **acolhimento/mais atenção para a população em situação de rua nos serviços de saúde** (76 respostas). Um número significativo de entrevistados demandou mais atenção, mais assistência e atendimento com menos preconceito e discriminação nos serviços de saúde. Na categoria **ampliação de verbas, recursos humanos e materiais** (52 respostas) incluem-se sugestões de mais medicamentos, mais hospitais/Unidades de Saúde, mais médicos, atendimento psicológicos e mais verbas para o sistema de saúde, sobretudo. Outras categorias criadas nessa questão foram: **consultório na rua** (32 respostas); **tratamento contra uso de substâncias psicoativas** (16); **atendimento mais rápido** (9); **não exigir a documentação para o acesso aos serviços médicos** (8); **tratamento contra o uso de substâncias psicoativas** (16). Na categoria **outros** encontram-se algumas respostas que destoam da pergunta, como: abrigos/albergues/mordia (20); oportunidades e trabalho (4); mais amor; fé em Deus, acabar com a desigualdade, ajudar a população em situação de rua, mais ajuda do Estado, mais segurança, dentre outras.

# 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



**O grande potencial dos resultados da pesquisa realizada está exatamente na capacidade de articulação e apropriação das informações produzidas por parte de diferentes atores que se relacionam diretamente com a questão social em foco.**

Serão apresentadas nesta seção algumas observações gerais acerca da pesquisa, buscando tecer algumas correlações ou sinalizar perspectivas a partir dos dados observados.

A despeito do caráter inédito no Espírito Santo e do grande potencial de contribuição para a formulação de políticas públicas que a "Pesquisa sobre População em Situação de Rua na Região Metropolitana da Grande Vitória" aqui apresentada possui, cabe ressaltar que esta, isoladamente, não

significa, por si só, nenhuma solução concreta. Embora seja uma iniciativa importantíssima, seus resultados precisam ser apropriados tanto pelo Governo quanto pela sociedade civil.

As considerações finais aqui pontuadas destacam alguns aspectos que, num primeiro olhar, chamaram a atenção da equipe pesquisadora. Mas, não há aqui a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação que o estudo enseja. O grande potencial dos resultados da pesquisa realizada está exatamente na capacidade de articulação e apropriação das informações produzidas por parte de diferentes atores que se relacionam diretamente com a questão social em foco.

A identificação do perfil da população em situação de rua, adulta (de 18 anos acima) na Região Metropolitana da Grande Vitória, e de parte da realidade vivida pelos sujeitos entrevistados que compõem esta população - o conjunto de informações e dados aqui sistematizados - certamente podem permitir ao poder público e à sociedade promoverem intervenções qualificadas para o público pesquisado. Este foi o objetivo principal almejado: subsidiar a formulação de políticas públicas que contemplem de fato as necessidades e demandas deste grupo social.

Ressaltando a importância de perceber a heterogeneidade da população em situação de rua e a necessidade de fugir do senso comum simplista que insiste em culpabilizar estes sujeitos pela situação na qual se encontram, reforça-se aqui o entendimento que são múltiplos os fatores que podem configurar as experiências pessoais e, em certa medida, contribuir objetiva ou subjetivamente na constituição dos sujeitos e na condução de suas vidas. A pesquisa realizada confirmou parte desta heterogeneidade ao perguntar os principais motivos que levaram os entrevistados à situação de rua e dentre as respostas assinaladas com maior frequência estavam: problemas familiares 29,6% (159); uso de drogas ilícitas 17,3% (93); demissão do trabalho 10,1% (54); alcoolismo 8,9% (48); falecimento de familiares 5,4% (29); por vontade própria 3,5% (19); separação 2,8% (15); problemas de saúde 2,6% (14); problemas psicológicos 2,2% (12), entre outras, conforme foi apresentado na seção de resultados aqui relatados. Destaque-se que tais respostas não se excluem mutuamente uma vez que a pergunta admitia até três (3) respostas simultâneas. Estes dados contribuem para reiterar a complexidade do tema focado e, consequentemente, também a dificuldade de sua análise e de seu enfrentamento.

Cada pessoa em situação de rua que foi entrevistada é um sujeito único, com trajetórias específicas e singularidades que compõe uma subjetividade e dificilmente a pesquisa realizada teria como captar todo o imbricamento envolvido. O que buscou-se identificar foram padrões observáveis, repetições em meio à diversidade, assim como aspectos ou dimensões por vezes invisibilizadas, que uma vez identificados, permitem pensar ações relevantes em termos institucionais, em termos de políticas públicas.

Em relação ao perfil observado da população participante deste estudo, destacam-se: 81,6% (314) são do sexo masculino; 77,6% (299) são negros e a maioria (58,2%) deles estão na faixa etária entre 30 e 49 anos.

Embora a maioria dos entrevistados seja do sexo masculino, as políticas públicas têm um importante desafio a pensar no que se refere a como os equipamentos públicos se organizam para acolher a par-

cela de mulheres (17,9%; 69) que se encontram "em situação de rua", em termos de garantia de privacidade e segurança. Do total de mulheres entrevistadas, ao serem perguntadas onde dormiram nos últimos 15 dias, apenas 13 mulheres indicaram abrigos e 52 indicaram ter ficado nas ruas. Quais fatores levam a este quadro de apenas 13 mulheres entrevistadas indicarem fazer uso dos abrigos? O mesmo desafio coloca-se ao focar as identidades de gênero que destoam da perspectiva binária prevalecente (homem cis/mulher cis). A pesquisa identificou, embora em número reduzido, tanto mulheres trans e travestis quanto homens trans em situação de rua, o que demanda uma reflexão importante acerca das regras estabelecidas e da formação dos diversos profissionais que atendem a este público, com vistas a evitar perspectivas transfóbicas.

Quanto às faixas etárias observadas na pesquisa, chama atenção também o número de jovens em situação de rua que correspondeu a 14,3% (55) dos entrevistados. Dentre estes, a maioria (72,7%; 40) estava entre 25 a 29 anos e 27,3% (15) estavam entre 18 e 24 anos. Estes dados levam a pensar quais ações específicas existem direcionadas a este grupo, uma vez que este segmento tende a demandar estratégias diferenciadas de acesso e de adesão.

Cerca de 90,1% dos entrevistados dormem todos os dias nas ruas, abrigos ou albergues. Embora uma parcela pequena tenha indicado variações em termos da quantidade de dias que se encontram em situação de rua (o que pode indicar a existência de alternativas ou a permanência de algum vínculo com o universo da "população domiciliada"), a maioria absoluta (90,1%) assinalou que a condição de "estar em situação de rua" não comporta nenhuma transitoriedade ao longo da semana.

Complementando essa informação, quando questionados acerca do período de tempo em que estavam em situação de rua (utilizando os espaços das ruas/abrigos/albergues para pernoite) cerca de 80% dos entrevistados responderam que estavam acima de 6 meses - sendo que 52,5% (202) estavam a mais de dois anos em situação de rua; 11,4% (44) entre 1 ano e 2 anos e 15,8% (61) entre 6 meses e 1 ano. Ademais, ao serem perguntados se já estiveram em situação de rua outras vezes, 41% (156) confirmaram já ter vivenciado a situação de rua outras vezes em sua trajetória de vida.

Essas informações levam à indagação sobre o caráter crônico que a "situação de rua" passa a assumir para esses sujeitos, conduzindo à perda progressiva do aspecto transitório que tal situação deveria ter, onde o "estar em situação de rua" ganha um caráter de "estabilidade" indesejável quando tem-se em mente que o acesso a moradia é um direito humano básico. Em consonância com essa indagação, soma-se o questionamento acerca do tempo de intervenção necessário para que as políticas públicas possam surtir efeito sobre a questão social em foco. Nessa perspectiva, coloca-se em pauta a reversibilidade "do estar em situação de rua" e evidenciam-se aqui pontos nodais a serem enfrentados pela política pública voltada para as pessoas que se encontram nessa situação: em especial, a definição de quais os resultados que se deseja focar e quais os tempos possíveis de realização destes resultados.

Outro dado a destacar, refere-se à informação acerca do local de nascimento dos entrevistados: 43,1% (166) não nasceram no estado do Espírito Santo, enquanto 37,1% (143) são da Região Metropolitana e 11,7% (45) são do interior do estado. Ou seja, ao comparar se são imigrantes ou não,

percebe-se que uma parcela significativa (37,1%) é da própria RMGV e que, ao somar este número com os que são do interior do estado, constata-se que 48,8% das pessoas em situação de rua são do Espírito Santo. Informação que relativiza um pouco uma ideia presente quando se discute este tema de que a maioria expressiva das pessoas em situação de rua são imigrantes.

Em relação ao fluxo das pessoas em situação de rua entre os municípios da RMGV, uma pergunta significativa foi "se nos últimos 15 dias os pesquisados pernoitaram somente na cidade onde concederam a entrevista". Dentre as repostas, 87,5% (337) informaram dormir na cidade onde responderam a entrevista e apenas 10,9% (42) responderam ter pernoitado em outras cidades.

Adicionalmente, perguntou-se também sobre o local onde os entrevistados pernoitaram nos últimos 15 dias (com possibilidade de marcação de múltiplas respostas). Dentre as respostas destacaram-se 274 (68,3%) pessoas que relataram ter pernoitado na rua nos últimos 15 dias e 100 (24,9%) pessoas que informaram que pernoitaram em abrigos/albergues. Entre os pesquisados somente 24 pessoas informaram mais de uma opção de resposta. Essa informação obviamente relaciona-se com a insuficiência de vagas disponíveis nos equipamentos da assistência, se comparado com a demanda das pessoas que se encontram em situação de rua. Entretanto, relaciona-se também a outros motivos elencados para o uso das ruas ao invés dos abrigos/albergues, dentre eles: a localização dos equipamentos, as regras estabelecidas, o impacto sobre a geração de renda, entre outros.

No que concerne à escolaridade dos entrevistados, a maioria dos entrevistados acessou o ensino fundamental, sendo que 33,2% (111) indicaram ter o ensino fundamental incompleto e 32,3% (108) afirmaram ter o ensino fundamental completo, assim como 16,2% (54) concluíram o ensino médio. Ou seja, a pesquisa indica uma população alfabetizada em sua maioria (75,1% sabe ler e escrever), com experiências significativas de escolarização, o que pode ser um fator facilitador para a oferta de cursos voltados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou de qualificação profissional.

Apesar de 79,5% (306) do grupo entrevistado ter afirmado que possui alguma profissão, quando questionados sobre as principais dificuldades para conseguirem emprego formal, as respostas preponderantes foram: falta de vagas/oportunidades (86); não possui documentação (84); ausência de comprovante de residência (54); falta de qualificação profissional (48), entre outras.

Tais dificuldades remetem tanto a questões de organização de estratégias de inserção no mercado de trabalho (falta de oportunidades) - pensando-se todo o ciclo desde a qualificação/atualização, a articulação com parceiros até o encaminhamento para vagas específicas -, quanto a aspectos mais básicos como a viabilização de documentação. A pesquisa não focou, obviamente, em como os serviços existentes já lidam com esta dimensão específica, mas o conjunto de respostas sistematizadas sinalizam "lacunas" ou aspectos importantes a serem (re)avaliados ou redimensionados.

As profissões mais destacadas pelos entrevistados foram: profissionais da construção civil (77); pintor de obras e automotivo (38); auxiliar de serviços gerais (32); profissionais de manutenção e mecânica automotiva (24); eletricista (16). Vale destacar também que 71,4% (275) dos entrevistados responderam já ter trabalhado com carteira assinada, um número bastante expressivo.

Quanto à passagem anterior por prisões e penitenciárias, 43,4% (167) responderam "sim" a esta questão, número significativo que abre espaço para a possibilidade de aprofundar os estudos sobre as possíveis correlações entre a condição atual do entrevistado - como pessoa em situação de rua - e a passagem pelo sistema penitenciário. Entretanto, essa pesquisa não investigou especificamente a referida correlação, não sendo possível derivar dela nenhuma conclusão nesse sentido[20].

Outro dado relevante observado, refere-se ao fato de cerca de 70,4% (271) dos entrevistados afirmarem possuir filhos, um aspecto que denota mais uma vez a complexidade do tema, ou seja, a vivência em situação de rua, certamente extrapola em seus efeitos o indivíduo, englobando familiares e, em especial, crianças e adolescentes. Dos que informaram possuir filhos, 73,8% (200) eram filhos menores de 18 anos.

Em relação à dimensão saúde, cerca de 44,7% (172) dos participantes da pesquisa afirmaram que têm algum problema de saúde, mas apenas 77 deles indicaram que recebem tratamento médico para cuidar do problema, ou seja, menos da metade (44,8%) dos que deveriam ter acompanhamento médico, informaram realizar esse tratamento.

Embora nem todas as pessoas em situação de rua sejam usuárias de algum tipo de substância psicoativa, a maioria dos entrevistados (89%) relatou fazer uso de alguma substância. Dentre as indicadas por eles estão: tabaco (72,5%), bebidas alcoólicas (67,5%) e crack (39,2%). Cabe destacar que estar em situação de rua foi apontado como um fator que agrava o uso dessas substâncias, de acordo com os relatos da maioria dos participantes (52,2%).

Por fim, destaca-se aqui as sugestões de mudanças coletadas para melhorar os serviços de assistência social no atendimento à população de rua. Como indicado anteriormente, cada entrevistado poderia registrar até três (3) respostas. Do total de 312 sugestões registradas, as principais foram: 15,4% (48) solicitaram mais atenção\acolhimento; 13,5% (42) ampliação dos serviços de moradia\abrigos; 13,1% (41) maior oferta de serviços para geração de renda; 7,4% (23) melhorar a qualidade e aumentar a quantidade de alimentos ofertados; 5,8% (18) ampliação de oferta de cursos profissionalizantes/Educação; 4,5% (14) revisão de regras; 3,8% (12) agilidade e rapidez no atendimento; 36,5% (114) outros. Conforme sinalizado anteriormente, embora não tenha sido possível agrupar em categorias específicas as respostas que foram aglutinadas sob o título "outros", pelo grau de diferenciação e dispersão das frequências observadas, incluíram-se nesta opção "outros" respostas relacionadas ao cumprimento de direitos e demandas em relação à saúde.

Levando em conta o histórico de violação de direitos experienciado pelas pessoas em situação de rua, a demanda por mais atenção/acolhimento provavelmente está vinculada à percepção das negligências vivenciadas no cotidiano, traduzindo uma demanda por maior sensibilidade e atenção dos diversos profissionais que atendem a estes sujeitos, dado importante a ser salientado.

[20] Sem dúvida, essa correlação remete a uma outra agenda de pesquisa, que não teria possibilidade de ser conduzida dentro do escopo de análise definido para esta pesquisa.

Desde o início desta pesquisa, estava claro que o público alvo a ser pesquisado estava inserido numa conjuntura social, política e econômica desfavorável à efetivação de seus direitos sociais básicos, inerentes à consolidação da cidadania. Entretanto, os dados obtidos na pesquisa confirmaram, por diferentes ângulos, a ausência de acesso a tais direitos, seja na esfera da moradia, da educação, do trabalho ou da saúde, traduzindo em números o tamanho do desafio posto. Ao mesmo tempo, evidenciou-se também especificidades e potencialidades. Os dados relativos às faixas etárias, à escolaridade ou ao trabalho, por exemplo, não falam de um bloco homogêneo de indivíduos. Revelam diferenças significativas a serem observadas na construção ou reformulação das políticas públicas.

Um desafio importante que está posto é associar a cada dado evidenciado estratégias políticas de enfrentamento que, preferencialmente, sejam fruto da interlocução entre os diferentes atores envolvidos. Trata-se de uma questão social multifacetada e, como tal, exige dos gestores e demais atores sociais, criatividade e disposição política para a (re)formulação de políticas públicas qualificadas e condizentes com o quadro social identificado.

Conforme afirmado no início desta seção, não há aqui a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação que o estudo enseja, muito menos de esgotar os desdobramentos que possam derivar do mesmo. Espera-se que novos estudos possam ser realizados e, principalmente, que o relatório aqui apresentado possa contribuir com o processo de enfrentamento da questão social focada, subsidiando tanto o Governo quanto a sociedade civil. Os desafios são complexos e exigem um grande esforço de diálogo e articulação entre os diferentes sujeitos envolvidos.

# 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS




ARAÚJO, Carlos H. **"Migrações e vida nas ruas"**. In: BURSZTYN, Marcel (org.). No meio da rua: nômades, excluídos, viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS**, DF, 2004. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/> Acesso em: 13 de setembro de 2017.

_____. **Decreto Nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009**. Disponível em: <www.planalto.-gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm>. Acesso em: 11 de setembro de 2017.

_____. **Política Nacional para População em Situação de Rua**, 2008. Disponível em: <www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/2297.pdf> Acesso em: 13 de setembro de 2017.

CONDEIXA, D. **Ação municipal com a população de rua e as casas de convivência em São Paulo**. HUCITEC,1995.

CUNHA, Juliana Gomes da. **Pessoas em Situação de Rua e seus Cães**: Fragmentos de União em Histórias de Fragmentação. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

KUNZ, Gilderlandia da Silva. **Os modos de vida da população em situação de rua**: narrativas de andanças nas ruas de Vitória/ES. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

ROBAINA, Igor Martins Medeiros. **Entre Mobilidades e Permanências**: Uma Análise das Espacialidades Cotidianas da População em Situação de Rua na Área Central da Cidade do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Daiane dos Santos. **O Retrato do Moradores de Rua da Cidade de Salvador-BA**: Um Estudo de Caso. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Direitos Humanos e Cidadania. Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2009.

SILVA, Maria Lucia Lopes. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PEREIRA, Camila Potyara. **Rua sem Saída**: Um estudo sobre a relação entre o Estado e a População de Rua de Brasília. Dissertação (Mestrado em Política Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

TIENGO, Verônica Martins. **População em Situação de Rua**: O Fruto Necessário à Reprodução Capitalista e a Funcionalidade do Trabalho Informar. Dissertação (Mestrado em Política Social). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

# 8 APÊNDICE



No Apêndice estão a Equipe da Pesquisa e a Lista de Siglas.

**APÊNDICE A -** Lista com os nomes da equipe da pesquisa (coordenação; articuladores de campo, entrevistadores) e participantes do GD

## EQUIPE DE PESQUISA

**Coordenadora da Pesquisa**
Sandra Mara Pereira

**Bolsista Supervisor de Campo**
Weliton Toledo

**Bolsista Apoio Técnico Interno**
Pedro Roberto Castro Silva

**Bolsistas Apoio Técnico - Digitação**
1. Niara Rocha Souza Chaves
2. Ravena Oliveira Rodrigues

**Pesquisadora da Coordenação de Estudos Sociais**
Thalita Matias Gonçalves

**Estagiário da Coordenação de Estudos Sociais (participação nas entrevistas)**
Leonardo Rangel Nascimento Miranda

**Articuladores de Campo**
1.Bruno Donato Dos Santos
2.Daniellen Nascimento Gomes
3.Rosangela Candido Nascimento Roseno

**Bolsistas Agentes de Campo**
1.Eduarda dos Santos
2.Elaine Passos de Freitas
3.Higinia Carla dos Santos Oliveira
4.João Rubens Magalhães
5.Karin Krist do Amaral
6.Karoline Nascimento do Rosário
7.Lorena Neves Carone Jubini
8.Rafael dos Santos Cruz

**Participantes do grupo de discussão (GD POP RUA)**
1.Bruno Donato dos Santos
2.Cassio Nascimento
3.Erico Jenz Santos
4.Felipe Alves de Assis
5.Felipe Moura Andrade
6.Gabriela Gilles Ferreira
7.Glaucia Brandão Vasconcelos
8.Igor Martins Medeiros Robaina
9.Izabel Armanda Alves Lima
10.Jamille Rodrigues Zeferino Waiandt
11.Lenny Chillys Meireles Francisco
12.Lilian Queiroz dos Santos
13.Luiza Vieira M. dos Santos
14.Maria Inês Loureiro
15.Natalia Polezi Dalmasio
16.Neiriele Marques
17.Patrícia Malini
18.Pedro Roberto Castro Silva
19.Raílla Barroso do Nascimento
20.Ralf Rickli
21.Regiane Pereira da Silva
22.Roberto dos Reis
23.Rosangela Candido Nascimento Roseno
24.Rosilene de Azevedo
25.Sandra Mara Pereira
26.Simone Alves de Souza
27.Thalita Matias Gonçalves
28.Valquiria Santos
29.Vera Lúcia de Souza Simões
30.Verônica Martins Tiengo
31.Weliton Toledo
32.William Pereira Moreira

## **APÊNDICE B -** Lista com as siglas utilizadas no documento

Centro POP – Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CES – Coordenação de Estudos Sociais

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

FAPES – Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo

GD – Grupo de Discussão

IJSN – Instituto Jones dos Santos Neves

MNPR – Movimento Nacional de População em Situação de Rua

RMGV – Região Metropolitana da Grande Vitória

SEDH – Secretaria de Estado de Direitos Humanos

FAPES
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESPÍRITO SANTO

Instituto Jones dos Santos Neves
ijsn

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
*Secretaria de Estado de Direitos Humanos*
*Secretaria de Estado de Economia e Planejamento*